

FERNANDA CHIOZZINI MARTINS SUAREZ

**Assimetria de gênero na academia: a carreira
profissional e a vida doméstica de docentes e
pesquisadores das Ciências Exatas**

Dissertação apresentada à Universidade Federal
de Viçosa, como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em Economia
Doméstica, para obtenção do título de *Magister
Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2016**

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

M386a
2016
Suarez, Fernanda Chiozzini Martins, 1977-
Assimetria de gênero na academia : a carreira profissional e a vida
doméstica de docentes e pesquisadores das Ciências Exatas / Fernanda
Chiozzini Martins Suarez. - Viçosa, MG, 2016.
xi, 101f. : il. ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Rita de Cássia Pereira Farias.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.86-91.

1. Mulheres. 2. Mulheres - Emprego. 3. Mulheres na vida pública. 4.
Mulheres na educação Professoras universitárias - Trabalho doméstico. 5.
Professoras universitárias - Ciências exatas. I. Universidade Federal de
Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. Programa de Pós-
graduação em Economia Doméstica. II. Título.

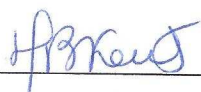
CDD 22 ed. 305.4

FERNANDA CHIOZZINI MARTINS SUAREZ

**Assimetria de gênero na academia: a carreira profissional e a
vida doméstica de docentes e pesquisadores das Ciências
Exatas**

Dissertação apresentada à Universidade Federal
de Viçosa, como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em Economia
Doméstica, para obtenção do título de *Magister
Scientiae*.

Aprovada: 23 de Setembro de 2016.



Marcia Barroso Fontes



Yumi Gareia dos Santos



Rita de Cássia Pereira Farias
(Orientadora)

DEDICATÓRIA

Ao meu marido, Willian

Aos meus filhos amados, João e Tomás

À todas as mulheres, em especial àquelas que dentro de sua condição social de mãe e esposa, se perguntaram um dia: é só isso?

AGRADECIMENTO

Agradeço à Universidade Federal de Viçosa, especificamente ao Departamento de Economia Doméstica, pela oportunidade de cursar o Mestrado, e estendo meus cumprimentos a todo o corpo docente, aos técnicos administrativos e ao pessoal dos serviços gerais que tornam o curso possível.

Agradeço imensamente a minha orientadora Profa. Dra. Rita de Cássia Pereira Faria pelos ensinamentos e contribuições e, em especial, pela maravilhosa oportunidade e pela confiança durante todo o mestrado. Agradeço a Profa. Dra. Ana Louise de Carvalho Fiúza, uma pessoa cujo comprometimento admiro imensamente, pelas valiosas contribuições e por ter me “adotado” em seu grupo. Agradeço também aos meninos e meninas do grupo GERAR.

Agradeço a Profa. Dra. Yumi Garcia do Santos, da Universidade Federal de Minas Gerais, e Profa. Dra. Marcia Barroso Fontes do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, por terem aceitado tão gentilmente a fazer parte da minha banca e por suas valiosas contribuições.

Agradeço ao Prof. Dr. Marco Aurélio Marques Ferreira, pela enorme ajuda, que foi sincera, e muito necessária nas questões estatísticas deste trabalho.

Agradeço a todas as professoras que me incentivaram a cursar o mestrado, em especial a Profa. Dra. Simone Caldas Tavares.

Agradeço a todos os colegas de mestrado pelo companheirismo.

Agradeço a Samara, “anja” bolsista que apareceu de braços abertos para me ajudar nesta pesquisa.

Agradeço a Vanessinha que, muito gentilmente, me ensinou a usar o *Alceste*.

Agradeço pelas muitas contribuições informais das minhas amigas profas. Dra. Maria de Fátima Lopes, Dra. Maria Izabel Vieira Botelho e Dra. Lílian Caixêta Perdigão Reis. Queridíssimas, agradeço todos os dias por ter encontrado vocês no meu caminho! Não desapareçam nunca!

Agradeço ao meu marido pelo apoio em casa e fora dela. Agradeço-o ainda pelas contribuições acadêmicas, as quais direta ou indiretamente, foram de grande valia para a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus filhinhos amados por terem esperado “um pouquinho” todas as vezes que me chamaram para brincar enquanto eu estudava.

Agradeço aos meus pais e irmão pelo apoio

Agradeço a querida Dadi por cuidar dos meus filhos na minha ausência.

Agradeço aos meus alunos pela amizade, por me ouvirem e por terem aceitado desmarcar algumas aulas quando estava “apertada” estudando ou fazendo a coleta de dados.

BIOGRAFIA

FERNANDA CHIOZZINI MARTINS SUAREZ, filha de Antonio Martins e Marcia Aparecida Chiozzini Martins, nascida no dia 05 de Setembro de 1977, em Matão, estado de São Paulo. Casada com Willian Toito Suarez e mãe de João Vitor Martins Suarez (10 anos) e Tomás Martins Suarez (4 anos). Graduiu-se em Ciências Sociais em 2001 pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, desenvolveu sua monografia de conclusão de curso com a temática relações de poder e gênero. Depois de graduada, dedicou-se durante 15 anos ao ensino de inglês, coordenou e administrou mais de uma escola de idiomas nas cidades São Carlos, SP e Viçosa, MG. Em março de 2015 ingressou no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, em nível de mestrado, do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE ABREVIATURAS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	1
1.1. Apresentação do Objeto de Estudo.....	1
1.2. A Relevância da Temática Investigativa	3
1.3. A Construção do Campo de Estudo.....	7
1.4. A Trajetória da Pesquisa: Percurso Metodológico	9
1.5. Métodos de coleta de dados	10
1.6. Análise Descritiva dos Dados	12
1.7. Organização Dos Capítulos	18
2. ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	20
2.1. A História da Mulher na Ciência.....	20
2.2. O Papel Feminino Atrelado ao Lar.....	32
2.3. Gênero, socialização e identidade: Apresentação das Hipóteses.....	36
2.4. A Teoria das Representações Sociais: Uma Nova Perspectiva para as Mulheres	40
3. ESTUDO EMPÍRICO	44
3.1. A Reprodução Social de Gênero na Vida Acadêmica	44
3.2. A Formação da Carreira e da Vida Familiar do(a) Professor(a) Universitário(a)	56
3.3. A Divisão De Tarefas Domésticas Frente ao Trabalho Docente Universitário.....	62
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
BIBLIOGRAFIA.....	86
APÊNDICES.....	92

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dendrograma com a Classificação Hierárquica.....	93
Figura 2: Análise Fatorial de Correspondência em Coordenadas.....	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.....	12
Tabela 2: Número de professoras e professoras em cada curso de graduação e pós-graduação do CCE (Centro de Ciências Exatas) da UFV (Universidade Federal de Viçosa).....	13
Tabela 3: Tabulação cruzada: Relação sexo do orientador no mestrado e sexo do professor estudado.....	46
Tabela 4: Tabulação cruzada: sexo do orientador do professor no doutorado e sexo do professor.....	47
Tabela 5: Relação do sexo do professor com seus orientados de Iniciação científica, mestrado e doutorado.....	52
Tabela 6: Relação do sexo do professor com seus orientados de Iniciação científica, mestrado e doutorado.....	54
Tabela 7: Idades, estado civil e número de filhos de cada entrevistada.....	57
Tabela 8: Relação sexo e filhos dos professores do CCE.....	59
Tabela 9: Relação sexo e influência na carreira pelo casamento ou nascimento do filho.....	61
Tabela 10: Idades, estado civil e número de filhos de cada entrevistada.....	63
Tabela 11: categorização da entrevista semi-estruturada por interesse da pesquisa.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS

ALCESTE – Analyse Lexicale par Contexte d’un Ensemble de Segments de Texte

ANVAR – Agência Nacional Francesa de Valorização à Pesquisa

ARU - Arquitetura e Urbanismo

CCA – Centro de Ciências Agrárias

CCB – Centro de Ciências Biológicas

CCE – Centro de Ciências Exatas

CCH – Centro de Ciências Humanas

CNRS - Centro Nacional Francês de Pesquisa Científica

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CPT - Ciência da Computação

EAB - Engenharia Ambiental

EAL - Engenharia de Alimentos

EAM - Engenharia de Agrimensura e Cartográfica

ECV - Engenharia Civil

EEL - Engenharia Elétrica

EGM - Engenharia Mecânica

EGQ - Engenharia Química

EPR - Engenharia de Produção

FCA - Física – licenciatura e bacharelado

MTM - Matemática – licenciatura e bacharelado

QCA - Química – licenciatura e bacharelado

SPSS – Statistical Program for the Social Sciences

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TLA - Ciência e Tecnologia de Laticínios

UCE – Unidade de Contexto Elementar

UCI – Unidade de Contexto Inicial

UFV – Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

MARTINS-SUAREZ, Fernanda C., M.Sc. Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2016. **Assimetria de gênero na academia: a carreira profissional e a vida doméstica de docentes e pesquisadores das Ciências Exatas.** Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias.

A presente dissertação pretendeu, a partir da perspectiva de gênero, analisar a trajetória da construção da carreira profissional e vida doméstica das mulheres atuantes como docentes e pesquisadoras vinculadas ao Centro de Ciências Exatas (CCE) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Para esta pesquisa, três métodos de análise de dados foram utilizados, o primeiro deles foi uma análise do currículo lattes de todos os professores do Centro de Ciências Exatas mostrando que as orientações recebidas e realizadas pelos professores do CCE apresentaram, mesmo timidamente, um maior espaço às mulheres. Em seguida, dados obtidos por questionários semi-estruturados demonstraram que a dicotomia homem – mulher na realização dos afazeres domésticos ainda se faz presente na vida do público analisado. Por fim, as entrevistas realizadas com 8 docentes do sexo feminino do CCE sustentaram que a vida doméstica ainda está mais atrelada à mulher e vida profissional aos dois sexos, fator que culmina em um atraso na vida profissional da mulher docente do ensino superior. O enfoque nos cursos de Ciências Exatas se sustenta na informação de que se trata de um Centro composto por um número de mulheres ainda muito pequeno, de acordo com dados disponíveis no registro escolar da Universidade Federal de Viçosa, mas que vem crescendo a cada ano, sugerindo uma mudança de paradigma na configuração da vida da mulher acadêmica.

ABSTRACT

MARTINS-SUAREZ, Fernanda C., M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, September, 2016. **Gender asymmetry in the university: the professional career and the domestic life of professors and researchers from Hard Sciences.** Advisor: Rita de Cássia Pereira Farias.

The present dissertation intended, from gender perspective, to analyze the construction of the professional career and the domestic life of the women acting as professors and researchers in the Hard Sciences Center (Centro de Ciências Exatas – CCE) of the Federal University of Viçosa. For this research, three methods were used, one of them quantitative and two qualitative. The first analysis, carried out through the statistical program SPSS, showed the advisings received and performed by the professors in the studied center. The second analysis was based on data obtained by a questionnaire which showed that the dichotomy men-women is presented regarding the household chores in the life of the analyzed public. Finally, interviews were carried out with some women from the CCE and the answers were analysed by the lexical analysis program *ALCESTE*, what confirmed the content analysis performed by the author by joining the most used words in the speech, emphasizing that the domestic life is still connected to women, whereas the professional life is connected to both sexes. It is important to highlight that the courses from CCE were chosen to be studied because, according to the data available at the Scholar Register Site, the number of women in these courses have been increasing.

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

1.1. Apresentação do Objeto de Estudo

Diante da possibilidade de as mulheres estudarem, graduarem-se e trabalharem fora de casa, fruto das conquistas femininas refletidas no campo educacional e, conseqüentemente, na formação de sua carreira, sobretudo a partir de meados do século XX (OLINTO, 2011), a proposta desta pesquisa foi construída. Trata-se da relação entre a vida doméstica e da formação da carreira profissional das mulheres docentes no Centro de Ciências Exatas (CCE) da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

O papel social feminino baseado exclusivamente nas funções de mãe e esposa já não é mais inquestionável e, com isso, deixou de ser aceito como única opção e motivo de orgulho para muitas mulheres. Entretanto, de uma forma geral, estes são os papéis ainda esperados pela sociedade de uma mulher tida como de “respeito”.

É neste íterim que a formação educacional merece destaque na amplitude de seu significado, pois, os ensinamentos que a menina recebe dentro de casa na atualidade já não é mais pautado nos ensinamentos direcionados para o casamento e cuidado da casa, mas é inegável que este “fantasma” ainda assombra a curso de vida da mulher. Apesar da já mencionada maior participação feminina na educação, ainda se espera da “boa” esposa, dedicação à família como uma regra como um determinismo social.

É fato ainda que a mulher está presente nas salas de aulas e que não existe impedimento explícito quanto a isso, mas existem dificuldades a serem superadas por elas reforçadas pelas questões sociais. A mulher contemporânea ao mesmo tempo que sofre cobrança da sociedade ocidental, capitalista e industrializada quanto a sua participação ativa na esfera pública de formação profissional e aquisição de renda, é alvo de pressão social no que se refere à construção de sua família.

Assim, de uma maneira inconsciente, talvez devido às cobranças sociais “naturalizadas” nas ações femininas de geração a geração, as mulheres muitas vezes sentem-se tomadas pelo desejo de formar uma família e de cuidar dos filhos e marido, como uma forma de se inserirem socialmente.

Todavia, esta situação torna-se conflituosa quando a mulher busca uma carreira profissional. Afinal ela, de alguma maneira, necessitaria de mais tempo para cuidar da família quando comparada ao homem e ainda tomar decisões ao que se refere ao próprio corpo. É esperado que nestas circunstâncias ela fizesse uma escolha: dar preferência para o papel de mãe ou de cientista, o que provavelmente a deixaria frustrada de alguma maneira, ou optar por ser mãe e cientista, escolha que duplicaria sua jornada.

A fisiologia da procriação, por sua vez, estigmatiza a mulher e isso reforça a preocupação em analisar gênero e construção da carreira feminina também do ponto de vista doméstico (SILVA, 1998). Entretanto, a questão aqui seria a construção social de gênero que situa a mulher em uma posição secundária, verificando o seu impacto cultural, desvelando como a inserção das mulheres no espaço público é vista dentro e fora dele.

Ao atuar no mercado de trabalho assim como o homem, não é retirado da mulher a cobrança quanto ao papel de mãe e esposa, cuidadora e participativa na vida de sua família. O que se observa, então, de uma maneira mais drástica, são mulheres abdicando de suas famílias ou então, construindo suas carreiras mais tarde ou até mesmo, deixando de lado o “sonho” de construir uma carreira profissional.

Percebe-se que a mulher que não prioriza a família ainda é vista com estranheza pela sociedade, ela pode até trabalhar, mas desde que ainda consiga manter tempo para cuidar e participar da vida de seus filhos e marido, diferentemente do homem, que não tem estas funções cobradas socialmente.

Com base nestes fatos, esta dissertação solidifica-se nas mudanças que vem ocorrendo na vida das mulheres, fundamentadas pela sociedade que espera de todos indiscriminadamente uma atuação profissional concomitante as imposições sociais que permeiam a vida feminina, pois mesmo diante de oportunidades de atuar na vida pública, a mulher ainda convive com o conflito social da maternidade e casamento.

Mais precisamente, observa-se que a participação de mulheres nos cursos universitários nas áreas de Ciências Exatas vem aumentando em comparação as décadas passadas, mas ainda não se iguala a participação masculina. Assim, a discussão feminista atual imbricada à ciência tem demonstrado que a menor presença da figura feminina na ciência é decorrente de sua posição inferiorizada na sociedade, ou seja, a questão perpassa por uma relação de poder.

Quando o assunto mulheres e ciência é proposto, as pessoas tendem a concordar que o sexismo não existe, todavia Yurkiewicz (2012) afirma que estudos mostram que as mulheres são de fato discriminadas nas ciências com base nas questões de competência

simplesmente por serem mulheres, o que pode ocorrer inclusive por parte da própria mulher e, aceitar este fato é concordar com essa discriminação e preconceito.

Assim, torna-se relevante analisar a relação vida pública e vida privada da mulher do ponto de vista de suas escolhas pessoais e do ponto de vista social. A partir disso, pretende-se observar se as escolhas inerentes a sua vida pessoal e afetiva estão relacionadas às suas escolhas profissionais e, como as mulheres se sentem quanto às suas prioridades.

1.2. A Relevância da Temática Investigativa

Uma vez inserida no campo educacional, a possibilidade de a mulher ingressar na academia foi se tornando cada vez mais real. Com o passar dos anos, mesmo em um processo vagaroso, a academia foi aceitando a mulher, a princípio em cursos que eram nada mais que extensões de sua vida doméstica, como Enfermagem, Pedagogia, Serviço Social e Economia Doméstica, pois tais cursos perpetuam atividades voltadas para as mulheres.

Na atualidade, o número de mulheres ativamente participativas nos cursos de graduação em áreas não só das Ciências Humanas, a qual abarca cursos com o perfil citado, mas também nas ciências exatas, agrárias e biológicas vem crescendo. Entretanto, esta inserção ainda não acontece de forma proporcional.

Este caminho percorrido pela mulher é bem elaborado por Londa Schienbinger (2001) que em sua renomada obra *O feminismo mudou a ciência?* questiona as mudanças que o feminismo trouxe à ciência no sentido que recolocar as mulheres dentro deste campo.

Partindo do princípio de que as mulheres também podem ocupar espaços dentro da carreira científica na atualidade, Schienbinger (2001) relembra que para que a participação científica da mulher seja consolidada, o seu acesso à ciência, mesmo que recente, ocorreria em detrimento de mudanças originárias da quebra da desigualdade de oportunidades dentro da carreira científica para homens e mulheres.

Entretanto, neste sentido, uma consideração ao feminismo da diferença¹ caberia como suporte e destaque do fato de que homens e mulheres pensam e agem de maneiras diferentes. Nesta esfera, Schienbinger (2003) menciona que para terem sucesso nas ciências, as mulheres, assim como as ciências, teriam que sofrer algumas mudanças para que houvesse um ajuste em relação ao que se espera socialmente de um cientista e o que se compreende socialmente por qualidades ditas femininas, ou seja, características como cooperação, subjetividade e empatia.

Com isso, a sociedade começou a enxergar as mulheres de outra forma, permitindo que aos poucos elas ocupassem posições compreendidas anteriormente como estritamente masculinas e, com isso, oferecendo uma oportunidade de reflexão a respeito da construção histórica das diferenças de gênero, a fim de contribuir para uma possível compreensão da posição ocupada pela mulher nas ciências.

Todavia, de acordo com Schienbinger (2001), o feminismo pouco fez para superar esta construção sociocultural, pois os princípios, supostamente femininos, ainda permeiam a vida da mulher. Sendo assim, uma mulher que se questiona sobre seu destino e que não se sente, por muitas vezes, satisfeita com o destino que a sociedade a concedeu tem grandes barreiras ainda a serem quebradas a duras penas.

Como agir perante a construção social de mulher nascida para ser mãe e esposa? Esta questão ainda é conflituosa quando uma mulher objetiva atuar no espaço masculinizado representado pela esfera pública considerando que a sociedade contemporânea ainda olha com estranhamento a mulher que não quer se casar e/ou ter filhos.

Mediante a este conflito, Betty Friedan (1971), na obra *A mística feminina*, que serviu de impulso para a continuidade do movimento feminista, apresenta de maneira brilhante a insatisfação da mulher, de uma maneira generalizada, quanto ao papel que a sociedade esperava que ela representasse. Desta forma, tal obra funcionou como um discurso orquestrado das mulheres que buscavam assumir que realmente almejavam algo mais, queriam ser reconhecidas pelo seu trabalho, pelo seu talento e dedicação enquanto indivíduo. No início da obra, a autora (1971) narra o sentimento da dona de casa da década de 1930:

¹ Iniciado na década de 1980, o feminismo da diferença enfatiza três princípios básicos: a diferença entre homens e mulheres, reavaliação das qualidades femininas tidas socialmente como inferiores e ajustes sociais a fim da inclusão feminina.

Cada dona de casa lutava sozinha com ele (o problema da insatisfação), enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para forrar o sofá, comia com os filhos sanduíches de creme de amendoim, levava os garotos para as reuniões de lobinhos e fadinhas e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: “É só isto?” (FRIEDAN, 1971, p. 17)

Este trecho do livro descreve o sentimento angustiante das mulheres por não serem vistas pela sociedade como um indivíduo capaz de atuar na esfera pública, entendida aqui a partir da definição de Habermas (2003) como voltada para a esfera da economia e para o campo de decisões políticas. Uma leitura crítica da teoria Habermasiana, entretanto, não se opõe aos anseios do feminismo, pelo contrário, possibilita uma ampliação do debate público fundamental para a desnaturalização de opressões e a reconstrução de outras formas de compreensão do mundo resultantes do feminismo.

Contudo, Nancy Fraser (1987) afirma que, sendo o espaço público, primeiramente compreendido por Habermas (2003) como uma teia comunicativa para a tomada de decisões que atravessa e é atravessada por diversas arenas e atores sociais, esta comunicação é feita por homens, uma vez que apenas aos homens era dado o direito de participar das decisões de âmbito público, reforçando assim, a desigualdade.

O movimento feminista, propriamente dito, teve início no século XIX nos Estados Unidos e Inglaterra como um movimento político que intencionava a busca de direitos iguais para homens e mulheres, como o direito ao voto, a conquista de propriedades, luta contra os casamentos arranjados e direito sobre seu corpo (ALVES *et al.*, 1991), este período foi denominado de primeira onda feminista.

Com a ampliação das adesões ao movimento, as feministas ganharam força e, com isso, novas reivindicações foram apresentadas. Compreendida entre as décadas de 1960 e 1980, a segunda onda feminista incorpora um caráter mais intelectual, ganha apoio dos homens e se preocupa mais com a insatisfação das mulheres em resumirem suas vidas ao casamento e cuidados com os filhos, buscando a aceitação de homens e mulheres como possuidores de igual capacidade que não os diferenciam na aptidão para o trabalho na esfera pública (ALVES *et al.*, 1991). Sustentando estes objetivos, Fraser (2009) declara que neste momento do movimento feminista “o campo de ação da justiça passa a incluir assuntos anteriormente privados como sexualidade, serviço doméstico, reprodução e violência contra as mulheres” (FRASER, 2009, p. 18).

A terceira onda teve seu início na década de 90 e se consolidou com ajustes em relação a segunda onda. Foi neste momento que muitas obras feministas, como o livro de

Friedan (1971) mencionado anteriormente, foram criticadas por terem suas bases na história das mulheres brancas e americanas. Pretendeu-se, a partir de então, trabalhar com diferentes grupos de mulheres considerando suas histórias e suas experiências particulares. Trata-se da construção da identidade “mulheres” designando, desta forma, uma concepção pós-estruturalista², sendo assim denominado de feminismo da diferença fortemente balizado nas diferenças significativas entre os sexos (ALVES *et al.*, 1991).

Cabe ressaltar que Beauvoir (1949), precursora do estudo de gênero antes mesmo deste conceito ser assim definido apresenta a ideia das construções sociais da representação de homens e mulheres antes mesmo da terceira onda feminista mencionada acima. Nos anos 1960, este termo é utilizado por psicólogos norteamericanos para se referir a diferença entre meninos e meninas com base no corpo dando origem assim, a dicotomia sexo (natureza) e gênero (corpo). Beauvoir questiona se ser mulher é simplesmente possuir um útero e com isso pondera que “[...] *Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade*” (p. 13) reforçando a ideia de construção social com base no corpo biológico. Emoldurado por esta complexidade, o conceito de gênero ganha força em vários outros estudos feministas que despontaram a partir de um pensamento crítico da posição ocupada pela mulher na sociedade de maneira secundária e submissa.

É partindo da definição de Scott (1995), que o conceito de gênero foi utilizado neste trabalho.

[...] O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” do sexo com a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres [...] (SCOTT, 1995 p. 7).

Arelado a isso, as mudanças de âmbito político e social decorrentes da industrialização e urbanização ocorridas no século XX, mais precisamente nos anos 70,

² Este termo refere-se a uma tendência à radicalização e à superação da perspectiva [estruturalista](#). No campo propriamente [filosófico](#) seus principais representantes são: [Jacques Derrida](#), [Gilles Deleuze](#), [Jean-François Lyotard](#).

de acordo com Probst (2007), acabaram por lançar as mulheres ao mercado de trabalho, participação esta que agregou afazeres a suas vidas, pois não excluiu a responsabilidade dos cuidados com a casa, marido e filhos.

Nos dias de hoje, em pleno século XXI, a jornada dupla da mulher não causa tanto espanto, mas a assimetria de gênero no mercado de trabalho ainda é evidente, até mesmo porque a inserção da mulher foi marcada por um período de preconceitos e dificuldades, pois elas ainda recebem um salário menor mesmo quando realizam trabalhos idênticos, além das menores chances de se capacitarem profissionalmente (GOMES, 2005).

Tal situação não isenta a mulher da participação no mercado de trabalho, pois a família atual necessita de maior renda para a manutenção de suas casas, sendo assim a mulher que também é alvo da imposição e cobrança da sociedade ocidental em relação a construção da família, precisa conciliar a questão biológica, ter filhos, e a questão social. Afinal, ela, com base na sua construção social de protetora e cuidadora, necessitaria, dentro desta perspectiva, de tempo livre para cuidar da família.

Porém, a escolha da mulher cientista em relação à construção de sua família é vista com estranheza pela nossa sociedade. Ainda pensamos como nos primórdios da humanidade: o homem parte em busca do trabalho e a mulher fica em casa cuidando da família. Entretanto, questiona-se: será que isso satisfaz a mulher atual? Será que ela precisa optar por uma das alternativas (ser ou não ser mãe) para poder fazer ciência? Que tipo de cientista-mãe está se formando? Schienbinger (2011) relata que a relação que compreende mulheres e ciência progride historicamente, mas é feita de avanços e recuos e, em algum momento, a autora foca não só sua posição dentro da vida acadêmica, mas também os reflexos que tal posição e dedicação trazem à vida dessas mulheres na construção familiar.

1.3. A Construção do Campo de Estudo

Quando entrei para a universidade em 1997, as Ciências Sociais ainda eram um mistério para mim, já havia ouvido falar em Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas, mas não sabia ao certo sobre do que se tratava.

Estudei, terminei o curso em 2001 com algumas perguntas respondidas e outras não. A primeira resposta que tive veio a partir da percepção de que mesmo com todo o

aporte teórico marxista que envolvia não apenas as minhas aulas, mas também o ligamento político partidário de muitos colegas, eu entendi que não era exatamente aí que estava o que me encantava nas Ciências Sociais.

Convivi com pessoas extremamente vinculadas a partidos de esquerda em uma época em que já não era tão “perigoso” estar neste meio, mas a essência do sonho ainda se fazia presente, ainda havia um resquício daquele desejo de mudança revolucionária. O aluno era participativo, sabia muita coisa além daquilo que o curso oferecia propriamente e vivia a universidade pública de uma maneira integrada. Fazer um curso universitário era uma oportunidade de muitas conquistas, além da financeira.

Tudo isso me parecia interessante, um pouco fora de contexto, talvez. Tínhamos um sonho singelo de somarmos a um movimento, de realmente alimentarmos o que já houve de culturalmente bom, aquilo que nasceu em uma época de sofrimento, de luta por direitos e de mudanças sociais.

Foi neste percurso então, que eu percebi o que me encantava nas Ciências Sociais, não era o político, mas o social, o cultural, uma busca de aparatos que me ajudariam a entender os fatos, o preconceito perante a diversidade, as regras sociais que deveríamos obedecer, as relações de poder e, mais enfaticamente, as relações de gênero. Assim, questionava: Como é que uma questão cunhada numa construção social poderia servir de resposta às desigualdades de gênero?

Enfim, foi com isso que trabalhei na monografia de conclusão de curso, intitulada: *Identidade de gênero: a mulher do outro lado do espelho*, mas não dei continuidade imediatamente. Por que? Ora, a relação de gêneros responde. Sou mulher e o dito “relógio biológico” se manifestou e passei a desejar ser mãe.

Após a monografia defendida, recebi o convite da minha banca da UFSCar para procurá-los para o mestrado. Nunca apareci. Queria trabalhar, ganhar dinheiro, mudar o mundo... típico dos jovens que se formam. Um arrependimento que hoje estou ajustando.

Comecei a trabalhar com traduções e aulas de inglês, e foi assim que não voltei. Mas, e a questão de gênero?

Eu tive um filho, me casei, exatamente assim, nesta ordem. Comecei a dar aulas na minha casa, minha remuneração aumentou. Mas, vez ou outra sonhava com o mestrado, com as Ciências Sociais, com a questão de gênero que havia deixado para trás.

Com meu marido foi diferente. Ele se graduou em Química, fez o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado, na sequência. Foi um orgulho para mim poder acompanhar a construção de sua carreira, eu estava satisfeita, ou achava que estava, eu com o meu

filhinho no colo torcendo para seu sucesso que também seria nosso. Entretanto, nesse processo me questioneei: Por que eu parei minha vida acadêmica para ser mãe e esposa e ele não?... Seria mais uma questão de gênero?

Enfim, nos mudamos para Viçosa - MG, pois ele passou em um concurso para professor no Departamento de Química da UFV. Viemos de São Carlos -SP para Viçosa - MG e muito motivados com a nova vida.

Minha ideia inicial era abrir uma escola de inglês, mas com o tempo fui percebendo que não tinha talento para empresária, mas sim professora. Meu interesse era na qualidade das aulas. Porém, o ensino de inglês já não me desafiava mais, e a lembrança do convite para o mestrado não correspondido permanecia presente.

Neste momento, já tinha outro filho, ou seja, o papel de mãe, esposa, cuidadora já estava impregnado em mim. Dedicava meus dias às aulas de inglês, aos meus filhos e ao marido, mas no fundo, me sentia estagnada. Quem era eu?

Decidi fechar a escola de inglês e concorrer ao processo seletivo para o mestrado. Muitas pessoas nunca entenderão.

Mas não foi difícil, pois meu projeto de pesquisa já estava pronto, falaria da minha vida.

1.4. A Trajetória da Pesquisa: Percorso Metodológico

Na busca por respostas à questão central este trabalho - como é o processo de construção da carreira profissional e da vida doméstica das mulheres atuantes como docentes e pesquisadoras no campo das Ciências Exatas da Universidade Federal de Viçosa M.G. - o objeto de estudo se configurou em face do processo de reprodução social dentro a carreira científica de todos os professores do Centro de Ciências Exatas e, também na inter-relação entre a vida doméstica e a construção da carreira profissional das mulheres docentes e pesquisadoras atuantes neste Centro.

Primeiramente, através da observação do sexo dos orientadores e orientados dos professores e professoras das áreas das ciências exatas, foi investigada a reprodução social ou não de orientações por pessoas do mesmo sexo. Para isso, as relações de gênero que permearam a formação da carreira de professores e professoras foram consideradas, assim

como as relações de gênero que estes professores reproduzem enquanto docentes, no que se refere as orientações que eles vêm realizando.

Em seguida, para sustentar o que foi chamado aqui de inter-relação entre vida doméstica e formação da carreira profissional, um estudo mais aprofundado sobre a situação das mulheres docentes e pesquisadoras foi realizado. Mais precisamente, o que se pretendeu neste momento do trabalho, foi observar a maneira como as mulheres distribuem o seu tempo entre as atividades dedicadas à carreira e à vida privada, priorizando uma esfera ou outra, além de discutir sua trajetória de vida, no que concerne a relação entre o estado civil e a maternidade das professoras e pesquisadoras do Centro de Ciências Exatas e o perfil produtivo das mesmas.

A base para este estudo foi a reprodução social das atividades cultural e historicamente compreendidas como masculinas e femininas dentro do ambiente acadêmico e doméstico, principalmente por parte das mulheres. Isto é, questões que distanciam as mulheres das ciências exatas, ou das ciências de modo geral, e as aproximam de trabalhos domésticos refletidos nas tarefas de cuidado realizadas dentro de casa.

Assim sendo, para a realização deste trabalho, os seguintes passos metodológicos formam seguidos:

1.5. Métodos de coleta de dados

Três procedimentos metodológicos para a coleta de dados foram adotados nesta pesquisa a fim de oferecer uma maior abrangência sobre o tema pesquisado possibilitando analisar a problemática investigativa sob diferentes perspectivas:

1º) Método quantitativa com base no currículo lattes de todos dos professores e professoras que o possuem ou o mantêm atualizados (dentre os 232 professores que compõem o Centro de Ciências Exatas, 251 o possuem ou mantêm atualizado, isto é, o atualizaram até o final de 2015, data fixada como limite para este trabalho) a fim de obter dados numéricos quanto ao sexo dos orientadores que os professores tiveram em sua vida acadêmica e sobre o sexo de seus orientados, tanto em orientações concluídas quanto em orientações em andamento. A intenção desta análise foi perceber se houve uma

reprodução social com base no sexo nas relações: orientadores – professores (docente atual) e professores (docente atual) - orientados.

2º) Aplicação de um questionário (Apêndice B) com 31 questões de caráter quantitativo sobre a construção da vida profissional e pessoal dos professores e professoras. Nesta etapa, foram abordados 91 professores (as) escolhidos aleatoriamente, parte do grupo de docentes contemplados pela análise anterior referente ao currículo lattes. As questões apresentadas englobaram seu estado civil, a presença de filho e a quantidade, o momento em que estava na carreira quando os filhos nasceram, além de questões a respeito da construção do seu currículo, sua posição dentro do departamento, possíveis cargos ocupados dentro da universidade, número de projetos no qual se encontra envolvido e número de orientandos. A intenção deste questionário foi analisar qualitativamente, através de porcentagens, esta nova parcela do público alvo ainda composta por homens e mulheres atuantes nos cursos de ciências exatas como docentes/pesquisadores no que tange à sua vida pública dentro da universidade e sua vida privada.

3º) Entrevista semiestruturada em profundidade (Apêndice C), de caráter qualitativo, aplicada junto a 8 professoras do CCE selecionadas por sorteio. A intenção desta abordagem foi saber sobre seus sentimentos e priorizações na relação carreira profissional e vida pessoal, uma vez que é a mulher que considera com mais ênfase o fator maternidade ao traçar suas trajetórias. Neste momento da pesquisa, foram colocadas questões referentes à vida privada, tais como: seu estado civil, profissão do marido, caso fosse casada, presença ou não de filhos e forma como concilia a vida acadêmica com a vida doméstica.

A entrevista foi composta de 33 questões. As perguntas de 1 a 6 buscaram informações gerais da entrevistada, por exemplo: sexo, idade, número de filhos. As questões de 7 a 20 se referiram a verificação da primeira e segunda hipóteses deste trabalho e as demais questões, de 21 a 33 a terceira hipótese. Todavia, vale dizer que todas as questões que compõem a entrevistas, de alguma forma, contribuem para a verificação das três hipóteses levantadas.

Ao entrevistado foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em conformidade com a Resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), assinado em duas vias de igual teor, ficando uma via em poder do participante e outra com os autores da pesquisa.

O termo consubstanciado de aprovação do CEP encontra-se anexado no final deste trabalho.

Respeitando os três passos apresentados, o transcorrer dos procedimentos metodológicos aplicados encontra-se explicitado pela tabela abaixo:

Tabela 1: Procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.

<i>Método</i>	<i>Tipo de análise</i>	<i>Distribuição amostral</i>
Consulta de dados secundários	Quantitativa	251
Questionários	Qualitativa	91
Entrevista semi-estruturada	Qualitativa	8

Fonte: Elaboração própria. Dados da pesquisa, 2016.

Antes das entrevistas que compuseram a terceira parte da pesquisa, entendeu-se ser conveniente a realização de um pré-teste com o objetivo de garantir a compreensão pelos docentes de todos os itens a preencher. Foi aplicado a um total de 3 docentes de outros centros a mesma sequência de questões que seriam feitas ao público alvo. Depois de ter sido preenchido pelos participantes no pré-teste, foram recolhidas as opiniões e sugestões dos mesmos em relação a aspectos como a clareza e a compreensão das questões, as dificuldades inerentes ao preenchimento, o interesse do tema, a extensão e o tempo necessário para responder ao questionário.

Devido a esta pré apresentação das questões, não foram detectadas dificuldades na altura da aplicação do questionário. A aplicação do pré-teste permitiu estimar o tempo médio de preenchimento das entrevistas de 15 minutos. Embora a entrevista mais curta tenha durado 9 minutos e a mais longa 41 minutos.

1.6. Análise Descritiva dos Dados

1º passo: O estudo foi iniciado com a categorização do número de homens e mulheres docentes/pesquisadores em cada curso de graduação e pós-graduação somados do Centro de Ciência Exatas da UFV, com o intuito de analisar uma possível assimetria em termos do sexo dos profissionais atuantes. O CCE é composto dos seguintes cursos:

Arquitetura e Urbanismo (ARU), Ciência da Computação (CPT), Ciência e Tecnologia de Laticínios (TLA), Engenharia Ambiental (EAB), Engenharia Civil (ECV), Engenharia de Produção (EPR), Engenharia de Agrimensura e Cartográfica (EAM), Engenharia de Alimentos (EAL), Engenharia Elétrica (EEL), Engenharia Mecânica (EGM), Engenharia Química (EGQ), Física – licenciatura e bacharelado (FCA), Matemática – licenciatura e bacharelado (MTM), Química – licenciatura e bacharelado (QCA).

Cada um dos departamentos do CCE é formado pela seguinte disposição de docentes/pesquisadores do sexo masculino e feminino:

Tabela 2: Número de professores e professoras em cada curso de graduação e pós-graduação do CCE (Centro de Ciências Exatas) da UFV (Universidade Federal de Viçosa)

<i>Cursos</i>	Homens	Mulheres	Total
<i>Arquitetura e Urbanismo</i>	11	11	22
<i>Ciência da Computação</i>	19	1	20
<i>Ciência da Tec. de Laticínios</i>	21	6	27
<i>Engenharia Ambiental</i>	31	5	36
<i>Engenharia Civil</i>	30	7	37
<i>Eng. de Produção</i>	5	3	8
<i>Eng. de agrimensura e cartográfica</i>	10	2	12
<i>Eng. de Alimentos</i>	19	11	30
<i>Engenharia Elétrica</i>	9	1	10
<i>Eng. Mecânica</i>	9	1	10
<i>Eng. Química</i>	6	2	8
<i>Química</i>	26	13	39
<i>Física</i>	35	1	36
<i>Matemática</i>	20	17	37
<i>Total</i>	251	81	332

Fonte: Elaboração própria. Dados da pesquisa, 2016.

Esta tabela demonstra que o número de homens docentes e/ou pesquisadores no Centro de Ciências Exatas da UFV é mais que três vezes maior que o número de mulheres ocupando o mesmo posto.

Todavia, devido a 81 destes professores não terem currículo lattes disponíveis *on line* ou atualizados pôde-se trabalhar com um número total de professores igual a 251 (o

total de docentes do CCE é 332), sendo 67 mulheres e 184 homens. Então, estes serão os números equacionados nesta etapa do trabalho.

A análise do currículo lattes foi realizada a fim de contabilizar o número de docentes que tiveram orientadores do mesmo sexo, assim como aqueles que tiveram orientadores de sexo diferente do seu. Além disso, foi coletado o número de orientadores de cada sexo em relação ao sexo de seus orientandos, a fim de classificá-lo em categorias de gênero. A intenção desta classificação baseia-se na observação de uma tendência ou não à reprodução do processo de socialização com base no gênero como definidor da carreira dos futuros profissionais da área.

Em seguida, uma análise quantitativa foi realizada fazendo uso do programa SPSS. Dois procedimentos foram utilizados: o teste *Qui-Quadrado* e o *Teste T*.

Segundo Barbetta (2010), o teste *Qui-Quadrado*, designado por χ^2 é muito utilizado nas ciências sociais para detectar a significância de duas variáveis qualitativas. A estatística do teste é medida pela distância entre as frequências esperadas e as frequências obtidas após a análise dos dados.

O segundo teste aplicado é denominado *Teste T*, que cruza escalas nominais com variáveis métricas. Neste caso, as variáveis eram sexo do professor e número de orientados e orientandos masculinos e femininos, tanto na iniciação científica, quanto no mestrado e no doutorado. Após esta análise foram apresentadas as tabelas 7 e 8 demonstrando os resultados.

De acordo com Anderson et al (2008), o teste de hipóteses deve começar pela hipótese experimental, hipótese nula H_0 , e posteriormente uma hipótese alternativa, H_a é formulada. Em seguida, segundo Bruni (2007), a média e o desvio padrão são calculados. Se ocorrerem grandes desvios no cálculo da média, maior a probabilidade de as hipóteses serem falsas e vice-versa. Trata-se então de um teste de comparação de médias.

2º passo: O segundo passo corresponde a aplicação de *Survey*. Um questionário composto de 31 perguntas que abordavam indagações sobre a vida profissional e pessoal de professores e professoras. A ideia inicial era que 75 pessoas preenchessem a *survey*, entretanto, foram coletados 91 questionários devido a alta disponibilidade encontrada no público alvo.

O número 75 mencionado acima advém do cálculo estatístico que serviu de base para alcançar a amostra representativa com base em 5% de erro a ser selecionada, entretanto, considerando que de um total de 251 currículos lattes investigados, 91

docentes preencheram o questionário, tem-se que o número obtido foi proporcionalmente maior que o esperado dentro de uma escala de confiança de erro amostral 5%.

Para o cálculo do erro amostral, foi utilizada a fórmula de proporção finita (BOLFARINE e BUSSAB, 2005).

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} \times N}{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} + (N - 1)E^2}$$

Onde,

n = tamanho amostral
 Z = valor tabelado de uma distribuição normal
 N = tamanho populacional
 E = margem de erro ou erro máximo de estimativa
 p = proporção populacional de indivíduos que pertence a categoria que estamos estudando
 q = proporção populacional de indivíduos que não pertencem à categoria que estamos estudando (q = 1 - p).
 α = nível de significância

O erro amostral corresponde à diferença entre o valor que a estatística pode acusar e o verdadeiro parâmetro que se deseja estimar. Assim, o erro amostral influencia a precisão das estimativas dos parâmetros da população e pode ser calculado de acordo com a equação a seguir:

$$e_p = \sqrt{\frac{p^*q}{n}} * 100$$

Em que:
 Ep = erro com que se verifica um fenômeno para um desvio-padrão
 p = percentagem com que se verifica um fenômeno
 q = complementar de p
 n = tamanho da amostra

Os questionários foram respondidos, na sua maior parte, na sala dos professores. A maioria dos entrevistados preferiram que o próprio entrevistador o preenchesse e foram respondendo as questões uma a uma oralmente. Dentre os 91 questionários, 26 foram respondidos pelos próprios entrevistados e quando se deparavam com dúvidas sobre o que estava sendo inquerido, perguntavam ao entrevistador. Dois questionários foram respondidos por e-mail e enviados posteriormente.

Duas pessoas se recusaram a participar. Uma delas sem oferecer justificativas e a outra alegando serem questões pessoais e, por este motivo, não se sentia à vontade para responder.

As respostas foram categorizadas e analisadas manualmente com o propósito de problematizar os diferentes percentuais de professores e professoras que se casaram e tiveram filhos em determinados momentos de sua vida profissional.

3º passo: As entrevistas foram realizadas com 8 professoras, apenas mulheres, selecionadas por sorteio, a fim de evitar vieses. Entretanto, devido ao fato de uma professora ter se recusado e outra ter dificultado o acesso a ponto de selecionarmos outra, um novo sorteio foi realizado a fim de complementarmos o número de entrevistas pretendidas.

Quase todas as entrevistas aconteceram nos gabinetes das professoras com horário marcado, exceto uma entrevista que foi realizada na sala de reuniões e com isso, a professora ficou mais exposta, pois no momento vários outros docentes transitavam pelo local. Quanto a isso, Rosa e Arnoldi (2006) afirmam que durante as entrevistas podem ocorrer influências locais, sociais e culturais, o que torna crucial a observação do entrevistador do contexto externo, cultural e histórico em que o sujeito pesquisado está inserido.

Considerando a entrevista como uma técnica “utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN & BIKLEN, 2010), este mecanismo foi utilizado a fim de obter informações pertinentes para confirmação ou não das hipóteses levantadas neste trabalho.

Em seguida, as oito entrevistas foram analisadas com base na técnica denominada de análise de conteúdo, isto é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 44).

A proposta da análise de conteúdo é detectar, através das palavras utilizadas e/ou repetidas no texto do entrevistado, o que está explícito em seu pensamento a fim de

possibilitar inferências que serão utilizadas, em confronto com uma análise bibliográfica, para a verificação de uma certa tendência nas respostas obtidas.

Para auxiliar na sintetização e inferência desses significados, utilizou-se o *Alceste* como ferramenta técnica de análise estatística textual e codificação.

O software *ALCESTE* (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*), concebido por Reinert (1993), desenvolvido por IMAGE, em parceria com o CNRS (Centro Nacional Francês de Pesquisa Científica) e a ANVAR (Agência Nacional Francesa de Pesquisa Científica), foi uma ferramenta extremamente útil para a análise das entrevistas, devido ao seu propósito de “busca da intencionalidade comunicativa e da organização cultural e social dos significados advindos da linguagem e da comunicação social”, segundo Saraiva *et al* (2011).

O *ALCESTE* classifica estatisticamente os resultados dos enunciados simples das entrevistas por meio da distribuição do vocabulário extraído do texto as estruturas mais significativas com base no fato de que a ordem das palavras em um contexto não ocorreria aleatoriamente (IMAGE, 1993). O texto a ser analisado é denominado de *corpus* textual e este processo ocorre em quatro passos. A primeira etapa, de acordo com Saraiva *et al* (2011), calcula as palavras e as divide por radicais em comum formando as Unidades de Contexto Iniciais (UCI), o programa fragmenta o texto em segmentos de tamanhos similares, chamados de Unidades de Contexto Elementares (UCE). A segunda parte consiste na classificação hierárquica descendente, em que as UCE's são divididas em classes de acordo com a frequência do vocabulário das formas reduzidas através do teste do Qui-Quadrado. A terceira parte é a descrição das classes das palavras a serem nomeadas pelo pesquisador. O programa demonstra as UCE's mais representativas de cada classe e permitindo que os dados sejam explorados nos relatórios. A significância estatística das palavras dentro das classes é medida pelo *Qui-Quadrado* (X^2) ao nível de significância de 5%, de acordo com Saraiva *et al.* (2011). A classificação hierárquica descendente é apresentada num gráfico em formato de dendograma.

1.7. Organização Dos Capítulos

Esta dissertação é composta por um primeiro tópico chamado de *Questões Introdutórias*, dois capítulos divididos em *Estudo Bibliográfico* e *Estudo Empírico* e Considerações Finais.

As *Questões Introdutórias* consistem em outras subdivisões: [A Construção do Campo de Estudo](#), uma explanação por parte da autora de sua trajetória acadêmica e os motivadores que a levaram a se interessar pelas Ciências Sociais e pelas problemáticas de gênero. Posteriormente seguem a *Apresentação do Objeto de Estudo*, isto é, a contextualização do problema analisado, o *Percurso Metodológico*, onde foi descrito todo o procedimento metodológico (quantitativo e qualitativo) empregado neste estudo, acompanhado pelos *Métodos de Coleta de Dados*, *Método de Análise de Dados*, responsáveis pela elucidação destes processo em detalhes. Por fim, ainda nesta primeira parte, está a *Organização dos Capítulos*.

Dentro da proposta da Pesquisa Bibliográfica, o primeiro tópico denominado *A história da mulher na ciência*, discute a compreensão da mulher na história desde a existências das chamadas “bruxas” até as cientistas do século XX. Este tópico é dividido em: *A mulher na ciência antes do século XXI: das “bruxas” as cientistas* e *A mulher na esfera pública depois do século XX: inserção feminina na ciência*.

O segundo tópico foi denominado *O Papel Feminino Arelado ao Lar* e propõe um olhar sobre a visão social perante a mulher “naturalmente” ligada aos afazeres domésticos e cuidados de mãe e esposa, além de trazer a lume a educação feminina como um reforço desta condição feminina. Está subdividido em: *Do Lar a Educação: Percurso Histórico da Mulher* e em *A Introdução do Conceito de Gênero: Apresentação das Hipóteses*, que conforme o nome sugere, apresenta as hipóteses deste trabalho.

Ainda dentro do Estudo Bibliográfico estão: *A Teoria das Representações Sociais: Uma Nova Perspectiva para as Mulheres* conforme o título aponta, traz a teoria das representações sociais amarrada a questões feministas, abrindo espaço para a discussão a respeito de uma mudança de paradigmas quanto ao papel social da mulher.

O terceiro tópico inaugura a parte empírica desta pesquisa ao iniciar a discussão dos resultados obtidos, além das tabelas geradas pelos softwares utilizados tanto na parte quantitativa como qualitativa. Primeiramente, em *A reprodução social de gênero na vida acadêmica do professor (a)/pesquisador (a) universitário (a): Análise do currículo lattes*,

foi apresentado o resultado proveniente do primeiro procedimento metodológico quantitativo aqui utilizado, o programa SPSS (*Statistical Packaging for Social Science*).

Em seguida, *A divisão de tarefas dentro de casa: a inter-relação entre carreira privada e vida doméstica*, apresenta o percentual de homens e mulheres docentes do CCE em relação ao seu estado civil, maternidade e rendimento nas produções acadêmicas após o casamento e/ou nascimento dos filhos.

Ainda, *A Divisão de Tarefas Domésticas Frente ao Trabalho Docente da Professora Universitária*, propõe uma pesquisa qualitativa com base no programa de análise textual *ALCESTE* cruzado com uma análise manual.

Por fim, foram apresentadas a conclusão e as referências bibliográficas utilizadas para embasar este trabalho.

2. ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Nesta parte do trabalho foi feita uma abordagem histórica sobre o papel da mulher desde o século XV, a fim de contextualizar a posição da mulher dentro e fora de casa. Além de, apresentar um panorama geral da compreensão da participação feminina na ciência.

2.1. A História da Mulher na Ciência

Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do processo dialético (VYGOTSKI, 1998, p.85).

Este estudo aborda a inserção da mulher na ciência a partir da compreensão de gênero, isto é, com base na construção social pautada nas características físicas e biológicas de homens e mulheres, as quais de uma maneira dicotômica, caracterizam cada um destes dois grupos em posições opostas e dotadas de valores.

Porém, ao adotar as lentes teóricas de gênero, “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1995, p. 72) está proposto. Assim, indica-se também, a rejeição ao “determinismo biológico” presente no termo “sexo”.

O termo gênero apresenta o estudo da mulher e do homem. Na verdade, é o estudo de ambas categorias e suas construções culturais e sociais colocadas dentro uma relação de poder (SCOTT, 1995) que conduz o que se compreende por tarefas masculinas e femininas.

Do mesmo modo que gênero, ciência também é uma construção social e histórica, que pode ser compreendida como um produto e efeito de relações de poder. Portanto, as construções científicas não são universais, e sim locais, contingentes e provisórias (SILVA; RIBEIRO, 2011), características que fortalecem a percepção cultural da relação mulher/ciência, conforme exposto neste trabalho. Para solidificar esta afirmação, Sardenberg e Costa (2002), defendem que gênero é “[...] um instrumento de análise do impacto das ideologias na estruturação do mundo social e intelectual, que se estende para muito além dos eventos e corpos de homens e mulheres” (p.15).

Então, a partir da perspectiva de gênero, a participação da mulher na ciência pode ser estudada considerando uma possível alteração do papel feminino na produção científica, assim como uma nova forma de fazer ciência. Entretanto, é importante que uma consideração histórica seja feita, uma vez que nenhuma mudança social ocorre de um dia para o outro. Trata-se de uma mudança paradigmática que se reflete nos outros papéis sociais das mulheres, como nos papéis de esposa e mãe, por exemplo.

A inserção feminina na ciência repercute em um ajuste no papel feminino dentro de seus lares e em relação aos seus familiares. A mulher que alcança uma participação no espaço público, tipicamente masculino, propõe uma igualdade de posições também de dentro de casa, uma vez que ao ocupar o espaço público, a mulher não consegue dedicar-se exclusivamente aos cuidados com a família e os afazeres domésticos.

A partir deste cenário desenhado pela proposta de novas representações sociais femininas, inicialmente, pretende-se apresentar a trajetória histórica das mulheres nas ciências, assim como um panorama da construção de seu papel dentro da esfera privada de mãe e esposa.

2.1.1 a mulher na ciência antes do século XXI: das “bruxas” às cientistas

*A mulher pode ser educada, mas sua mente não
é adequada às ciências mais elevadas, à
filosofia e algumas das artes
(Friederich
Hegel, séc. XIX).*

A mulher cientista existe há muito tempo, entretanto, suas histórias mais remotas foram construídas sobre um prisma distinto do que se compreende por ciência hoje em dia. Ademais, desde as primeiras atuações femininas nas ciências, as mulheres jamais receberam qualquer reconhecimento pelo seu trabalho na esfera pública, no que se refere a premiação, posição ocupada e produções. Nem mesmo tiveram aceitação social que pudesse conferir a elas um caráter de seriedade.

É sabido que a época da inquisição às bruxas ficou para trás, mas a visão social desconfiada da mulher que se interessa pela ciência ainda persiste. O momento histórico citado consistiu em uma espécie de obsessão pela captura de forças demoníacas que o imaginário popular julgava acometer as mulheres que se devotavam ao uso das plantas

medicinais. Era como se um ideal de magia tivesse assolado a Europa no século XV tomando proporções imensas e refletindo na história da Reforma, Contra-Reforma e Revolução Científica. Essa obsessão foi fomentada pelos papas da igreja católica renascentista, pelos grandes reformadores protestantes, pelos eruditos e humanistas da época.

Este episódio foi narrado desde o século XV até o século XVIII, momento histórico que marcou o sofrimento das mulheres envolvidas na busca do tratamento de saúde através das plantas ou ervas, ou seja, nada mais que conhecedoras de efeitos naturais de cura, parteiras ou enfermeiras.

Estas mulheres aprendiam estas “técnicas” com outras mulheres e, com isso formavam um grupo feminino dedicado a pesquisa sobre a capacidade curativa advinda das propriedades naturais, entretanto, este grupo não era bem aceito pela igreja, pois colocava em xeque a crença no poder divino como único destino e explicação para as doenças e curas.

Debruçadas sobre este interesse, estas mulheres conquistaram grande influência social, pois muitas vezes eram a representação da única possibilidade de cura de enfermidades e epidemias nas comunidades em que vivam, fator que muito incomodava a igreja católica da época.

Assim, a igreja junto com o poder político da época, iniciaram o que ficou conhecido como “caça às bruxas”, evento que nasceu como uma das repostas às grandes mudanças sociais que estavam em curso na Europa no momento histórico denominado Iluminismo³.

O século XVIII, também conhecido como o século das luzes, foi um momento em que a curiosidade e a vontade de exaltar a explicação científica e racional buscou educação para o povo e a liberdade religiosa. Acreditavam que o uso da razão era o melhor caminho para se alcançar a liberdade, a autonomia e a emancipação, como resposta ao absolutismo dogmático da época. Com isso, o interesse pelo poder natural e pela ciência despontaram e, as “bruxas” faziam coro ao ideal do iluminismo de racionalizar fatores curativos apresentando ao homem explicações para as doenças que divergiam do ideal religioso.

Dedicadas aos seus experimentos, estas mulheres, foram as primeiras a propor o uso da razão no lugar da fé cega. Neste entremeio, estavam ainda os alquimistas e pessoas

³ Movimento intelectual do século XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica, o que implica recusa a todas as formas de dogmatismo, doutrinas políticas e religiosas tradicionais.

interessadas nas ciências de um modo geral, propondo a racionalidade e explicações lógicas.

É fato que a ciência encontrou muita resistência, pois o exercício da razão e da ciência ameaçavam a crença do homem em Deus como a explicação para todas as coisas. Assim, o uso das pesquisas empíricas surge como grande ameaça o poder dos padres e bispos, pois é a partir delas que o homem passa a ter respaldo para explicações científicas. Como resposta aos intentos científicos, imbuídos de interesses políticos e econômicos, a igreja e governo se unem contra os entusiastas da ciência.

Neste contexto, reforçado pelo fato de serem mulheres, as “bruxas” são seriamente perseguidas e exterminadas em fogueiras como meio de eliminar uma “ameaça” religiosa. O ocorrido pode ser compreendido como um verdadeiro genocídio contra o sexo feminino, uma vez sua finalidade era manter o poder católico e punir as mulheres que ousavam manifestar seus conhecimentos científicos chegando até questões políticas e religiosas.

De volta ao século XV, Christine de Pizan, abriu espaço a uma nova maneira de enxergar a mulher que se interessava pela ciência. Em sua obra *La Cité des Dames* (publicada em 1405), Christine de Pizan colocou-se contra a ideia da fragilidade feminina nos âmbitos intelectual e moral, afirmando que “se as meninas recebessem a mesma educação que os meninos e se lhes ensinassem metodicamente as ciências, aprenderiam e compreenderiam as dificuldades de todas as artes e de todas as ciências tão bem quanto eles [...]” (TOSI, 1997, p.377)

Somado a isso, foram grandiosas as contribuições de mulheres que despontaram no iluminismo, como a escritora Mary Wollstonecraft que defendia a independência econômica feminina e uma educação formal a favor da igualdade entre os sexos, Catherine Macaulay, influenciada por Wollstonecraft a dedicar-se a literatura e política, e Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze, feminista, revolucionária, historiadora jornalista, escritora e autora de peças de teatro⁴, além de muitas outras que se destacaram no século XVIII, mas que são lembradas como exceções.

Fazendo coro a esta reticência ao se falar da mulher no iluminismo, Adília Maia Gaspar (2009) afirma no livro *A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet* que tais filósofos tiveram seu pensamento em relação a mulher distorcido na contemporaneidade. A autora cita que quando Kant tratou da

⁴Informações encontradas no site: <http://fazendohistoriaproflu.blogspot.com.br/2013/03/mulheres-iluministas-8-ano.html>.

distinção entre belo e nobre, ele vinculou a mulher ao belo e o homem ao nobre, mas Gaspar defende que nem por isso, Kant intencionava sugerir que o que cabe a mulher é simplesmente a beleza e não a inteligência.

Enfim, considerando estas premissas, percebe-se que a história social das mulheres nas ciências foi construída repleta de avanços e recuos que ainda delineiam suas dificuldades em serem aceitas como atuantes da esfera pública, mais precisamente neste trabalho, na atuação profissional.

Dando um salto histórico, foi na época da Revolução Científica⁵, que as mulheres começaram a participar ativamente das descobertas científicas despertando críticas de diversos autores e aceitação de outros poucos, como Poullain de la Barre, que defendeu a igualdade dos sexos nas ciências, sugerindo que se as mulheres estudassem nas mesmas universidades que os homens poderiam ter um destaque talvez maior devido a sua dedicação, características que sempre foi atribuída ao sexo feminino.

Em 1762, Rousseau publicou *Émile*, defendendo que homens e mulheres deveriam ter acesso à educação, contudo o filósofo não deixou de pontuar uma consideração.

Toda a educação das mulheres deve ser feita com relação aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e estimar por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, fazer-lhes a vida agradável e doce: esses são os deveres das mulheres de todas as épocas é o que deve lhes ser ensinado desde a infância (ROUSSEAU, 1966, p. 475).

Esta percepção de educação feminina atrelada ao cuidado da casa e do marido prosseguiu até o século XIX, período em que reflexões sobre a inserção da mulher nas ciências foram iniciadas com base nas lentes teóricas de gênero. Foi apenas quando ser mulher passou a ser encarado como atrelado às construções sociais que os teóricos conseguiram fazer a relação ciência e tecnologia a partir das diferenças expressivas entre o que se entende socialmente por homens e mulheres.

A vista disso, as mulheres tiveram algum ganho dentro da comunidade científica com a criação de colégios específicos para o grupo feminino. Tais instituições abriram espaço para as mulheres atuarem nas ciências, mas não deixavam de ser uma maneira disfarçada de mantê-las a parte de uma atividade socialmente masculina que estava se

⁵ A Revolução Científica iniciou no século XV envolvendo um conhecimento mais estruturado e prático, desenvolvendo formas empíricas de se constatar os fatos.

profissionalizando cada vez mais e com isso chamando a atenção não só dos homens, mas das mulheres também (LETA, 2003).

A inserção da mulher nas ciências ocorreu primariamente nos Estados Unidos no início do século XIX com cursos voltados ao ensino e em universidades direcionadas exclusivamente ao público feminino. Na Europa, o acesso feminino a universidade foi tardio e apenas em universidades pouco conhecidas. No Brasil, o início do ensino superior feminino foi iniciado no final do século XIX no estado da Bahia no ano de 1887 com cursos de licenciatura e enfermagem.

Nas primeiras universidades brasileiras, meninos e meninas eram educados de maneiras distintas inter-relacionando-os com a educação reproduzida dentro de casa. Os meninos desde muito novos eram incentivados a estarem fora de casa, brincarem na rua e praticarem esportes de competição. Eram incentivados a se aproximarem das meninas e a namorarem, enquanto que as meninas, eram colocadas em contato com tarefas domésticas, sociais, etc., preservadas de contatos na rua e educadas a namorar para casar.

Devido a estes empecilhos, as mulheres tiveram uma história de sofrimento ao disputar seu local dentro das ciências, apesar de que com o tempo, elas foram se livrando de torturas físicas, como no caso da “caça às bruxas” anteriormente mencionado, mas, continuaram a ser torturadas de uma maneira velada pelo comportamento social perante a sua posição dentro de seu local de trabalho, uma vez que tiveram sua história construída a margem da cidadania.

Conforme destacado, ao alcançarem espaço nas universidades, as mulheres foram destinadas à cursos como licenciaturas ou enfermagem, ou seja, uma reprodução do papel materno na universidade. Era esperado e “mais aceitável” socialmente que as mulheres atuassem como professoras e cuidadoras, fato que não modificou potencialmente seu papel construído desde as origens da organização familiar.

Somado a isso, a implantação de cursos como economia doméstica foi uma grande demonstração do modelo que tinha como principal foco a preparação das mulheres não para a mesma ciência feita pelos homens, mas para aulas de como “[...] administrar seus lares, o que englobava a administração de recursos familiares, a decoração e asseio da casa, a conservação e confecção do vestuário, o cuidado e educação dos filhos e o manejo, higiene, conservação e preparo dos alimentos” (JUNIOR, 2013, p. 280).

Bruschini e Lombardi (2002) afirmam que o acesso das mulheres a ciência aconteceu com características peculiares a ponto de reforçarem a divisão sexual do trabalho. Autores como Agrello e Garc notaram que “[...] entre as diversas esferas

profissionais, a ausência das mulheres parece especialmente notável na ciência e na tecnologia, particularmente nos campos da física e da química [...]” (AGRELLO; GARG, 2009, p. 1).

Ademais, um papel coadjuvante nas ciências foi reservado as mulheres. Pesquisadores como Guerra e colaboradores (2006) destacaram que muitas mulheres fizeram ciências a sombra de seus maridos, como é o caso da esposa de Antoine Lavoisier⁶, grande nome da Ciência Química, Anne-Marie Lavoisier, que traduzia os trabalhos do marido do inglês para o francês, acompanhava as experiências, fazia anotações e ilustrou inúmeras publicações. Além de Mileva Maric, primeira esposa de Einstein, física de formação e que segundo relatos resolvia problemas matemáticos para o marido e é considerada por alguns cientistas co-autora da teoria da relatividade.

Até mesmo as premiações podem ser consideradas seletivas no que se refere ao sexo do cientista, como acontece com o Prêmio Nobel⁷ que distingue e honra pessoas que realizaram algum feito importante nas seguintes áreas: Paz, Diplomacia, Literatura, Química, Fisiologia ou Medicina e Física. Em seus 115 anos de existência, Guerra et al (2006) aponta que a maior representação da premiação feminina se baseia em áreas de caráter social em prol dos direitos humanos como o Premio Nobel da Paz e de literatura e, que nas áreas de ciências exatas e biológicas, há um massivo predomínio de homens.

Até mesmo Marie Curie, grande nome da Química, recebeu o prêmio Nobel em uma situação conjunta com seu marido como resultado de um trabalho sobre radioterapia. É sabido ainda que ela teve sua admissão negada na Universidade da Polônia, por ser mulher (AGRELLO; GARG, 2009), mesmo tendo sido posteriormente a primeira professora titular na Universidade de Paris. Uma situação parecida aconteceu com a física, Maria Goeppert-Mayer que recebeu em 1963 o Prêmio de Física ao lado de outros pesquisadores do sexo masculino como Eugene Wigner e J. Hans D. Jensen.

Ou seja, a mulher, mesmo em alguma condição de destaque científico, era sempre homenageada à sombra de um homem. Será que este fato ficou para trás? Será esta situação é consequência de um tipo de acomodamento feminino frente ao longo período do predomínio social masculino?

⁶Viveu na França de 1743 até 1794. Considerado o pai da química moderna, descobriu a fórmula da água: H_2O e é o autor da célebre frase: “*Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*”.

⁷Prêmio Nobel criado em 1901, é um conjunto de prêmios internacionais anuais concedidos em várias categorias por comitês suecos e noruegueses, em reconhecimento aos avanços culturais e/ou científicos.

2.1.2 A Mulher na Esfera Pública Depois do Século XX: Inserção Feminina na Ciência

Os homens são mais frequentemente estimulados ingressarem em disciplinas "masculinas" como física, química, matemática e engenharia. Quando escolarizadas, as mulheres são normalmente educadas para serem enfermeiras, secretárias ou professoras primárias (LONDA SCHIENBINGER, 2001, p.89).

Foi apenas no século XX que a situação marginalizada da mulher na ciência alcançou alguma mudança “[...] quando a necessidade crescente de recursos humanos para atividades estratégicas, como a ciência, o movimento de liberação feminina e a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres permitiram a elas o acesso, cada vez maior, à educação científica e às carreiras, tradicionalmente ocupadas por homens [...]” (LETA, 2003, p.1)

Ademais, analisando o fato das mulheres estarem participando cada vez mais das atividades compreendidas na esfera pública através de sua crescente inserção no mercado de trabalho e nas participações decisivas em um âmbito social que confere a elas respeito e prestígio (HABERMAS, 2003), observa-se ainda a situação de desigualdade na qual elas se encontram em relação aos homens dentro da estrutura social.

Para compreender a assimetria de gênero nos cursos de Ciências Exatas, a definição de “esfera pública” de Habermas (2003) foi levada em conta no sentido de expressar a possibilidade da emancipação humana em torno da ideia de comunicação racional que permeia este espaço, uma vez que é nesta esfera que as atividades cívicas são realizadas e onde a ideia de reputação é formada (HABERMAS, 2003).

Nancy Fraser (1987) faz uma das mais efervescentes críticas a definição de esfera pública de Habermas quando o autor afirma que é nesta esfera que o indivíduo é capaz de colocar sua opinião de forma a configurar participação nas decisões políticas e sociais. A autora, todavia, questiona se compreender a família inserida em um contexto de ações “socialmente integradas” é desconhecer toda a dinâmica opressora que perpassa o âmbito familiar. Fraser (1987) aponta que a esfera pública se constituiu “por um número significativo de exclusões” (p. 113) e que mesmo ao abrir espaço à participação das mulheres, o faz de uma maneira a privilegiar o sexo masculino fazendo prevalecer a

dominação repleta de “discursos e interpretações sobre suas identidades, necessidades e interesses” (p. 123).

[...] a nossa percepção da realidade depende totalmente da aparência, e portanto, da existência de uma esfera pública na qual as coisas possam emergir da treva da existência resguardada [...]. No entanto, há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo público: neste, só é tolerado o que é tido como relevante, digno de ser visto ou ouvido, de sorte que o irrelevante se torna automaticamente assunto privado (HANNA ARENDT, 1981, p. 61).

Hanna Arendt (1981) sugere desta forma, que em uma sociedade socializada de maneira a entender o homem como aquele que participa ativamente da esfera pública, tal atitude é vista com naturalidade reforçando sua posição de superioridade e relevância dentro deste espaço. O que torna então irrelevante, em contrapartida, a atuação da mulher no mesmo espaço, restando a ela a esfera privada aliada ao âmbito doméstico. Carole Pateman (1993) reforça esta ideia afirmando que a definição de público e privado vinculado às lentes de gênero é compreendida como uma relação dicotômica e, com isso, valorativa.

Todavia, em concordância com Lopes (2004) constata-se que aumentos substanciais do número de mulheres atuando no espaço público representado pelo meio científico tem sido registrado nos últimos anos, entretanto, o mesmo autor considera que apesar do início das discussões sobre a inserção das mulheres nas ciências terem despontado nos anos de 1970, não há no Brasil uma demonstração da importância deste fato, pois a ciência brasileira ainda reproduz um histórico culturalmente masculino.

A aceitação da inserção da mulher nas ciências ocupando o mesmo espaço que o homem, seria o ponto de partida para uma compreensão igualitária entre gêneros na construção do saber, no papel decisório dentro do campo da cientificidade e no empirismo.

Todavia, a discussão da participação feminina nas ciências também só começou a ser discutida no Brasil após as décadas de 1960 e 1970. A partir de então, estudos começaram a ser realizados na área de ciências sociais apontando como principais preocupações a assimetria na participação de docentes/pesquisadores na academia sustentada pela perspectiva de gênero, assim como, o que concerne a relação da carreira profissional e doméstica destas mulheres.

Um ponto diferencial do presente estudo é trazer a lume a maneira como o processo de construção da carreira da mulher reflete em sua vida privada e na construção de sua família, ou seja, busca-se desvelar se há realmente uma inter-relação entre estas duas esferas da vida e até que ponto existe a necessidade de escolha por parte das mulheres que investiram na carreira, uma vez que são elas que possuem os aparatos biológicos para a reprodução.

Para ilustrar este fato e suas consequências, estudos como os de Lima (2011) e de Santana-Cruz (2012) focados na inter-relação entre vida doméstica e carreira profissional de docentes de uma universidade federal brasileira⁸, destacaram uma possível interferência da dedicação a carreira por parte de homens e mulheres em suas composições familiares. Seus estudos deixam evidente diferentes resultados por parte de docentes do sexo masculino e docentes do sexo feminino. Os resultados de tais estudos foram utilizados na análise dos resultados desta dissertação que serão apresentados mais adiante.

Todavia, fatos como estes, reforçam a resistência por parte da sociedade em aceitar que a mulher pode ao mesmo tempo atuar na esfera pública e na esfera privada, ou seja, para a sociedade⁹ contemporânea, a inserção da mulher no mercado de trabalho ainda causa estranheza, como possuir um cargo decisivo em uma empresa, por exemplo, e ser mãe e esposa, pois, espera-se que ela se dedique em tempo integral as atividades de cuidado com sua família.

Frente a isso, Claude Dubar (1997) com sua teoria de formas de socialização atrelada neste trabalho ao conceito de gênero, chama a atenção para uma ferramenta teórica pertinente para a compreensão da efetivação da construção da “vida pública” e da “vida privada” das mulheres atuantes como docentes e pesquisadoras¹⁰ dentro do campo das Ciências Exatas.

Esta situação se torna menos encorajadora quando o assunto é atuação do docente na pós-graduação, relembra Velho (1998). Talvez devido ao fato de que “[...] historicamente as mulheres foram afastadas do círculo criativo e líder da produção científica e tecnológica [...]” (CABRAL; BAZZO, 2005, p. 4).

⁸ Universidade Federal de Sergipe.

⁹ Sociedade atual ainda com base no pensamento da sociedade burguesa do século XVIII.

¹⁰ Compreende-se aqui as mulheres que lecionam e/ou que estão envolvidas com pesquisa.

Quanto a isso, Dubar (1997), aponta o processo de socialização como responsável pela construção das carreiras de homens e mulheres através de um processo lento e gradual herdado de gerações passadas responsável pelas condutas de comportamento.

O processo de socialização descrito acima, culmina no que Pierre Bourdieu (1999) em *A dominação masculina* denominou de matematização do corpo¹¹, termo este que sugere “naturalizar” as opressões as quais as mulheres são alvo a fim de justificar a pouca presença ativa da mulher intelectual na academia. Este fato é confirmado em estudos como: *Pode a ciência mudar o feminismo?* no qual Garcia (2011), através de dados e teorias, apontou que o olhar feminista não tem sido o mesmo nas ciências exatas e humanas.

Londa Schienbinger (2011) contribui grandemente com uma hipótese aplicativa para este fato sustentada na crença de que mulheres têm mais facilidade com ciências humanas que com ciências exatas. A autora relembra que poucos estudos científicos comprovaram que há relação entre o gênero da pessoa e aprendizado de matemática¹².

[...] a matemática é um campo habitado por indivíduos tempestuosos que, trabalhando sozinhos, criam a grande matemática pela pura força de seu gênio imaginativo. Segundo, ser matemático e ser mulher é incompatível: a matemática, com sua ênfase na mente, não é uma profissão para fêmeas da espécie, com seus corpos incômodos que às vezes ficam grávidos e dão à luz. Terceiro, a matemática fornece conhecimento certo, eterno e universal ao qual se chega pelo raciocínio dedutivo e por provas formais (SCHIENBINGER, 2011, p.312-313).

Diante destas preocupações, a importância da análise de gênero no estudo da construção do lugar da mulher e seu papel nas ciências deve partir do princípio de que as armadilhas clássicas das perspectivas biologizantes e estereotipadas sobre papéis de gênero nas ciências precisam a todo custo serem evitadas (SCHIENBINGER, 2011).

Até porque, mesmo atuantes dentro da universidade, muitas mulheres ainda parecem preferir ou serem conduzidas socialmente à áreas “mais femininas”¹³, como o campo do cuidado, assistência ou educação dedicando-se a lecionar e a não se envolverem com pesquisas mais voltadas a tecnologia¹⁴. Para apoiar esta afirmação, a base de dados

¹¹ A razão se impondo ao natural.

¹² A história da primeira mulher na matemática se encontra neste link: <http://clিকেaprenda.uol.com.br/portal/mostrarConteudo.php?idPagina=22718>

¹³ Por áreas femininas compreende-se aqui áreas que estão direta ou indiretamente atreladas ao cuidado ou extensão do trabalho doméstico.

¹⁴ Produções que envolvem parceria entre a Universidade e empresas privadas ou órgãos públicos que investem alta quantia financeira para o desenvolvimento de pesquisas de ponta.

dos cursos de CCE da UFV que oferecem licenciatura e bacharelado¹⁵ foi consultada e constatou-se que a opção pela área de ensino, nestes centros, está mais relacionada as mulheres docentes e discentes.

Melo (2010) considera que na atualidade, a presença de mulheres no meio científico como ativas produtoras de conhecimento é tomada como uma questão social em toda parte do mundo ocidental. Por outro lado, de acordo com a mesma autora, em países como nos Estados Unidos, onde a comunidade científica é ampla, há forte questionamento nos meios feministas acerca dos entraves culturais e institucionais que impedem as mulheres de seguir sua vocação científica (MELO, 2010). Sendo assim, não é de se espantar o fato de as mulheres ingressarem na carreira científica mais tarde, bem como os atrasos na formação acadêmica ou simplesmente o fato de deixarem de lado as suas carreiras quando comparadas aos homens.

Todavia, dados mais recentes como o estudo de Leta (2003) mostraram que as mulheres têm alcançado maior participação nas carreiras científicas, entretanto, defende que as mulheres ainda representam uma porcentagem muito baixa de estudantes universitários, ou seja, o crescimento é verificável, mas ainda está longe de colocá-las em pé de igualdade em relação aos homens.

¹⁵ Três cursos da área de Ciências Exatas da UFV oferecem licenciatura e bacharelado, são eles: Química - <http://www.deq.ufv.br/area/corpo-discente>, Física - <http://www.deq.ufv.br/area/corpo-docente>, e Matemática - http://www.mtm.ufv.br/?page_id=379 e <http://www.posfisicaaplicada.ufv.br/>

2.2. O Papel Feminino Atrelado ao Lar

*A constatação de que a mulher é escrava de sua própria situação,
não tem passado, não tem história, não tem religião
própria e não produziu como protagonista,
nenhuma civilização
(SIMONE DE BEAUVOIR, 1949).*

Atrelado a construção do significado de ser mulher, a sociedade avalia como certo ou errado os papéis sociais femininos, trata-se da construção social de gênero reproduzida e assim, legitimada (DUBAR, 1997). Com base nisso, a questão é se as escolhas que fazemos com base em nossos papéis sociais são realmente feitas por nós. O “certo” é certo segundo quem?

A identidade feminina, de acordo com Simone de Beauvoir (1949) é formada no âmbito da cultura e, portanto, é histórica e social. A autora em sua obra *O segundo sexo* desmascara a invenção histórica que fez padecer “homens” e “mulheres” sob estereótipos muitas vezes em nada relacionados à sua auto-compreensão subjetiva.

Todavia, a proposta de Beauvoir (1949) é não vitimizar a mulher por ter sua identidade social construída à sombra do homem. Com isso, o interesse da autora é chamar atenção para a não reprodução do patriarcado, situação que coloca a mulher em uma posição de vítima. Assim, afirma Beauvoir, ao ser desvinculada de uma posição de vítima, a mulher deixaria de ser um alvo de agressão e subjugação do sexo masculino.

Na contemporaneidade, as questões que envolvem relação entre homens e mulheres são tratadas academicamente nos estudos feministas sob o viés de gênero. As construções de gênero, mais densamente discutidas adiante neste mesmo capítulo, identificam os indivíduos como masculinos e femininos compreendendo, por exemplo, que jogar futebol é tipicamente masculino e dançar é feminino, dentre outras atividades categorizadas por gênero.

A construção social de gênero coloca mulheres e homens na “obrigação” de desempenhar funções como a de mãe e esposa, sendo capaz de realizar todas as tarefas do lar enquanto ao homem cabe a tarefa de provedor e de “inútil” no que se refere aos afazeres domésticos.

Entre outros fatores, muitas vezes, as próprias mulheres enxergaram vantagens em serem tidas socialmente como menos especializadas, menos solidamente formadas do que seus irmãos e mais hábeis aos trabalhos domésticos e, por isso, acabaram por destinarem-se a permanecer inferiores em um círculo vicioso que se fecha em uma inferioridade que reforça nela o desejo de encontrar um marido (BEAUVOIR, 1949).

O que se considera aqui são as resistências que as próprias mulheres colocaram à possibilidade de atuação na esfera pública. Um certo comodismo e falta de consciência de ocupar papéis determinados em acordo com seu sexo biológico, uma vez que a relação da mulher com os trabalhos do lar é histórica.

2.2.1. Do lar a educação: percurso histórico da mulher

Catherine Hall (1994) em *A história da vida privada*, destaca a relação dual com base na crença de que cada um dos sexos nasceu para ocupar distintas esferas, esta divisão “[...] era a regra da natureza, confirmada pelo costume e pelas tradições. Cada sexo, diferente por natureza, possuía suas características próprias, e qualquer tentativa de sair de sua esfera estaria condenada ao fracasso” (p. 70). A constituição sexual da pessoa selava seu destino, as mulheres estavam subordinadas aos seus maridos e o poder que lhes cabia era o de influenciar seus maridos, escutá-los e aconselhá-los.

Hall (1994) discute o esquecimento da sexualidade da mulher e a limitação burguesa de sua vida aos trabalhos domésticos, legitimando sua maciça participação na vida privada, enquanto ao homem cabia a atuação na vida pública dentro da compreensão proposta por Habermas (2003) de proprietário e voz racional e ativa nas decisões políticas, assim, nas palavras de Hall (1994), “a sociedade de fato supunha, em última instância, uma autoridade masculina” (HALL, 1994, p. 65). O máximo que as mulheres conseguiam neste contexto, era uma extensão dos seus afazeres domésticos na esfera pública, ou seja, alguns poucos trabalhos como empregada doméstica, babá, ou seja, cujas funções não degradavam o que se entendia por dignidade feminina.

A masculinidade se baseava na capacidade do homem em atender as necessidades dos seus; a feminilidade de uma esposa e de suas filhas se fundava na dependência. A dignidade de um homem estava ligada à sua profissão, se tivesse alguma ocupação, a mulher perderia qualquer distinção (HALL, 1994, p 70).

Este pensamento que engessa homens e mulheres em tarefas que são compreendidas a partir de atribuições associadas ao sexo biológico podem ser estudadas sob distintas perspectivas. Uma delas é a da reprodução social fortemente arraigada no processo educacional a que cada um dos sexos é apresentado durante a vida da pessoa.

Estas associações são erroneamente compreendidas como “naturais”, uma confusão devido a relação direta entre papéis sociais e biologia. O papel social feminino e masculino podem ser investigados como uma reprodução do tipo de educação que pais e mães dedicam as suas filhas e filhos (DUBAR, 1997), pois os espaços de aprendizado e os processos de socialização reforçam os preconceitos e estereótipos dos gêneros como próprios de uma suposta “natureza” biológica feminina e masculina, conforme mencionado anteriormente.

É visto que os meninos são educados para o trabalho, desenvolvimento de sua carreira e atuação no espaço público, enquanto, as meninas, são educadas para serem donas de casa, esposas e mães. Com isso, enquanto os meninos são incentivados a construir suas carreiras profissionais, as meninas são impulsionadas a buscarem um bom marido.

Este fato está tão arraigado na sociedade que discursos ainda sugerem nas entrelinhas que a diferença entre papéis sociais de homens e mulheres é natural, assim a diferença biológica se transforma em desigualdade social e adquire uma aparência de naturalidade (SAFIOTTI, 1992).

Todavia, dentro da perspectiva de gênero, elas são entendidas como construídas historicamente, de acordo com cada cultura, por esse motivo, não são iguais em todos os povos e grupos sociais (GOELLNER, 2009, p.11), abrindo, desta forma, espaço para um estudo crítico

Dentro da perspectiva da reprodução social, este trabalho enfoca a inserção da mulher à educação, e conseqüentemente ao trabalho, como capaz de possibilitar a elas a oportunidade de reorientar seu papel social. Da mesma forma, representou a transição para uma vida que deixaria para trás o destino reduzido ao papel de mãe e dona-de-casa com base na educação tradicional socialmente construída.

Mesmo cheia de reticências, a educação direcionada à mulher parecia representar uma maneira de possibilitar sua participação no espaço público, assim como ao homem era permitido. É fato, entretanto, afirma Amaral Junior (2013) que os cursos direcionados as mulheres “[...] promoveria (m) esta falsa inclusão na vida pública e um real distanciamento entre os mundos ‘masculino’ e ‘feminino’[...]” (p.276), pois foram

organizados de maneira a reproduzir o papel social esperado da mulher dentro de casa, sustentando os hábitos sociais construídos e reproduzidos por gerações.

Entretanto, considera Pontes (2006), esta nova situação trazia também muitos conflitos que ameaçavam dilacerar o estilo tradicional familiar, uma vez que novos hábitos e revelações de novos conhecimentos seriam apresentados à estas moças.

A sensação de estar na contramão do papel social feminino de mãe cuidadora, esposa dedicada a família e aos afazeres domésticos, era um obstáculo para a aceitação social quanto ao ingresso feminino na esfera educacional. Uma miscelânea de sentimentos atingia a mulher interessada em mudar seu futuro com base no conhecimento e na liberdade que uma possível vida universitária e construção de uma carreira poderia proporcionar (PONTES, 2006).

Para o homem, esta situação não existia. Até mesmo porque este papel que a mulher alcançava às custas de muitas angustias, já era consolidado. O homem sempre foi visto como aquele que ocupa o papel social, público de decisões (HABERMAS, 2003) dentro de um ambiente externo que o proporciona conhecimento e troca.

Pensamento este, sustentado neste trabalho pelo binarismo apontado por Bourdieu (1999) e considerado em muitos estudos de gênero, os quais categorizam a sociedade ocidental com base na oposição e hierarquização de cultural/natural, social/biológico, ciência/arte, razão/emoção, produção/reprodução, público/privado, ativo/passivo, corpo/mente etc., contribuindo assim, para a consolidação da noção de dois “sexos opostos”.

Wilshire (1997) em seu artigo: *Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento* também descreve a mulher como a porção corpo, sensualidade, natureza e emoção em relação ao homem com sua representação nas palavras: mente, ideias, cultura e razão. Esta relação serve como uma possível explicação a respeito do ‘cuidado’ social quanto a incursão da mulher na vida universitária.

2.3. Gênero, socialização e identidade: Apresentação das Hipóteses

*Não se nasce mulher, torna-se mulher
(SIMONE DE BEAUVOIR, 1949).*

Ao transpor a barreira do biológico e considerar os papéis socialmente atribuídos a cada sexo, os estudos feministas a partir dos anos de 1980 passaram a incorporar as categorias de gênero, oferecendo instrumentos capazes de questionar, nas diversas áreas do conhecimento e em todas as esferas da vida, os padrões patriarcais que definem o que significa ser “mulher”, e consequentemente colocando em pauta o que significa ser “homem”.

Considerando que os estudos de gênero se baseiam nas construções dos papéis sociais esperados de homens e mulheres, é pertinente considerar a particularidade do pensamento de Devreux (2005). Para ela, as relações de gênero, na verdade, sempre foram relações de sexo, pois, os papéis sociais atribuídos a um indivíduo desde seu nascimento estão vinculados, a princípio, ao seu sexo.

Para melhor elucidar sua ideia, a autora se vale do fato de meninos, desde muito pequenos, serem associados a brincadeiras que conferem força física, racionalidade, decisões imediatas, e as meninas, ligadas ao emocional, cuidado e ensino. Com isso, a autora leva em conta as práticas da divisão social do trabalho que desde de a infância permeiam a construção social do que se entende por homem ou mulher a partir das tarefas a serem executadas por cada categoria, dentro de uma perspectiva materialista¹⁶.

Devreux (2005) afirma que “a relação social de sexo nomeia explicitamente a confrontação entre duas classes de sexo. Não pode haver relação social com uma categoria única. Não pode haver relação social sem confrontação” (2005, p.564). Desta forma, a autora deixa evidente sua preferência pelo termo relação social de sexo, utilizando-o de uma maneira, segundo ela mesma, menos polida em comparação ao uso do termo gênero, apontando o sexo biológico como fundamental para a categorização entre homens e mulheres.

Por outro lado, Devreux (2005) destaca o termo gênero como capaz de evocar “a ideia de um problema social sofrido pelas mulheres, de uma desigualdade social

¹⁶ No sentido Marxista, as relações de sexo representam duas classes de interesses antagônicos e disputa de poder. (DEVREUX, 2005).

construída [...]” (p.564), sem perder o foco principal de que tal construção advém do sexo como determinador das diferenciações de papéis.

De qualquer forma, o estudo dos papéis sociais, evidenciou que tanto homens quanto mulheres, aprendem a viver como tal a partir de um complexo aparato de normas e regras de comportamentos que definem os papéis de gênero. Permitindo assim, observar as conexões estabelecidas entre sexo, biológico e gênero, social.

O ponto mais importante reside na acentuação do fato de que as relações entre homens e mulheres consiste em uma relação social. O gênero diz mais das categorias, da categorização do sexo [...] (DEVREUX, 2005, p. 562).

É neste íterim que a operacionalização do conceito de gênero é pertinente. Para Joan Scott (1995) este conceito está longe de ser consensual, há aqueles que tomam os dois conceitos como radicalmente distintos, há outros que o compreende como uma forma mais acadêmica de se referir a “sexo” ou “mulheres”, mas uma coisa permanece, segundo a autora, a noção de que o gênero é uma assimilação de significados sobre diferenças sexuais biologicamente dadas.

Moraes (1998) concorda com Scott (1995) ao afirmar de uma forma muito interessante que o que conhecemos por homem e mulher não é produto da sexualidade biológica, mas, sim das relações sociais. “Se procurasse ser minuciosa no uso dos termos utilizaria sexo só ao falar das diferenças biológicas entre homes e mulheres e gênero quando fizesse referência às estruturas sociais, culturais e psicológicas que se impõem a estas diferenças [...]” (SHAPIRO, 1989, p. 14).

"Ou seja, é preciso aprender a ser mulher, uma vez que o feminino não é dado pela biologia, ou mais simplesmente pela anatomia e sim construído pela sociedade" (SAFFIOTI, 1999, p.159). Se o sexo é dado pela biologia e está alijado a definição de gênero, não seria a anatomia responsável pela construção das diferenças entre homens e mulheres quanto à posição que ocupam dentro da academia.

A carreira, ou melhor, a “socialização profissional” nas palavras de Dubar (1997), representa uma importante identidade¹⁷ construída a partir das transformações das várias identidades que o indivíduo assume no seu processo de formação profissional. Para o mesmo autor, a socialização não é adquirida apenas uma vez, ela sofre alterações dentro

¹⁷ “[...] a identidade do eu só é possível graças à identidade do outro que me reconhece, identidade essa dependente do meu próprio conhecimento” (HABERMAS, 1981, p. 176).

de todos os subsistemas de socialização.

A socialização é, fundamentalmente, o resultado de aprendizagens formalizadas, mas o produto, constantemente reestruturado, as influências presentes ou passadas dos múltiplos agentes de socialização (DUBAR, 1997, p. 9).

Dubar (1997) considera que as “[...] abordagens culturais e funcionais da socialização acentuam uma característica essencial da formação dos indivíduos [...]” (p. 58) desde seu modo de ser até suas posturas corporais. O autor considera que socialização é qualquer forma de interação social enraizada em um comportamento inconsciente seguida por cada indivíduo que aceita se adaptar a cultura do grupo pertencente a sociedade a qual se encontra (DUBAR, 1997). Sendo assim, a identidade do indivíduo depende do julgamento dos outros e também das próprias orientações e de sua própria autodefinição, a identidade para si e a identidade para o outro, ou seja, nós reconhecemos quem somos a partir do olhar do outro.

As mulheres da sociedade contemporânea capitalista, mesmo quando inseridas no mercado de trabalho, não deixam de reproduzir o que foram socializadas com base nos ideais burgueses. Sua identidade de gênero a vincula quase que imediatamente ao papel de mãe e esposa, fazendo com que ela assuma inconscientemente (BOURDIEU, 1999) e sem questionar atributos de cuidadora, protetora e colocando-se em segundo plano em relação a sua família como um todo.

Em função dessa ‘naturalização’ do feminino e a busca das feministas pela mudança desse processo de socialização, gênero foi tomado neste trabalho como o meio de problematizar os papéis sociais apoiados no determinismo biológico. Quanto a isso, Lauretis (1994) atribui ao sistema sexo/gênero uma relação de significados e valores que sustentam a relação dicotômica entre masculino e feminino. Assim, o estudo sob as lentes teóricas de gênero tem como principal preocupação desvendar esta relação desigualmente valorizada pela sociedade.

Lauretis (1994) sugere ainda que as mulheres são construídas através de vários significados, os quais podem defini-las a partir de particularidades ou interesses específicos. Fazendo coro com esta ideia, Foucault (2004) definiu o sujeito como não universal e coerente, mas como múltiplo, efeito do saber e poder. Um sujeito que se origina como “[...] um fluxo de relações que se organizam em torno de recortes de saber” (p.404).

De acordo com o pensamento de Foucault (2004), o sujeito molda-se em relações construídas em detrimento ao seu saber. Assim, ao incursionarem pela educação, as mulheres podem alcançar os mesmos níveis sociais e profissionais dentro do espaço público, esfera que confere a elas status e poder de decisões e participação (HABERMAS, 2003). Entretanto, a grande questão é que, por terem sido privadas destas questões por tanto tempo, de acordo com a história da educação feminina, as mulheres acumulam menos tempo de conquistas na esfera pública¹⁸.

De acordo com Habermas (2003) e Dubar (1997) é na esfera do trabalho que e, por conseguinte, da troca, que o indivíduo constrói “a raiz da identidade e institucionalização do conhecimento recíproco na sociedade moderna” (DUBAR, 1997, p. 61).

Neste sentido, a questão que se torna pertinente é a problemática da escolha que os indivíduos fazem em suas vidas. Para esta investigação, a compreensão de Dessen (2005) de trajetória de vida torna-se muito pertinente.

Para esta autora, a construção da trajetória de vida depende de fatores pessoais e sociais inseridos dentro dos contextos que compõem o curso de vida. Para Dessen (2005), o curso de vida de um indivíduo é marcado “por ciclos familiares e representados em estágios vivenciados pelos membros da família [...]. Tais estágios não são definidos a partir das idades, mas, sim, dos papéis assumidos entre membros da família e tarefas de desenvolvimento a serem cumpridas pelo grupo familiar” (p. 24).

A trajetória de vida, por sua vez, é a sequência de eventos que compõem o curso de vida de um indivíduo com base nos elos de comportamento. No decorrer de sua vida, a mulher tem a opção de casar-se e ter filhos, além de dedicar-se a construção de sua carreira, um fator não anula o outro e cada um destes eventos são encaixados no seu ciclo de vida. Desta forma, a maneira como a mulher é socializada e a forma como ela age diante das opções para a construção de sua trajetória de vida desenham seu papel agenciador na sociedade.

Assim, a mulher pode escolher construir sua carreira profissional e dedicar tempo à pesquisa e à docência universitária. Decisão que pode ser entendida como um entrave à sua dedicação à família, com isso a mulher acaba por alterar o modelo tradicional de família pois, em alguns casos pode optar por não ter filhos.

A partir destas questões, três hipóteses foram formuladas para a presente pesquisa:

¹⁸ Exemplo disso é o voto que, no Brasil, só foi conquistado pelas mulheres, após 500 anos de voto masculino.

H1 - As mulheres inseridas nas ciências exatas reproduzem a relação aluno - professor - aluno composta exclusivamente por mulheres.

H2 - A carreira das mulheres casadas atuantes como docentes/pesquisadoras no Centro de Ciências Exatas afeta e é afetada pela sua conformação familiar.

H3 - A carreira dos homens casados atuantes como docentes/pesquisadores do Centro de Ciências Exatas não afeta e não é afetada pela sua conformação familiar.

H4 - O curso de vida familiar da professora/pesquisadora do Centro de Ciências Exatas se constitui em um fator interveniente na sua carreira profissional, considerando-se a sua produtividade e os cargos ocupados.

2.4. A Teoria das Representações Sociais: Uma Nova Perspectiva para as Mulheres

Tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo (MOSCOVICI, 1982).

Com seu nascimento na Europa no campo da psicologia social, a teoria das Representações Sociais nada mais é que o estudo de fenômenos da vida cotidiana. Seu intuito é trazer a lume o processo de criação e recriação do pensamento social, em outras palavras, a organização do pensamento coletivo.

Moscovici (1982) contribuiu grandemente com esta teoria ao tratar da visão social como capaz de contribuir para explicações sobre os fatos da vida cotidiana. O autor propõe que cada membro da sociedade pensante¹⁹ expresse sua compreensão do mundo que o circunda ao se apropriar dos mais diversos conhecimentos que envolvem a sociedade, principalmente ao tomar partido e proferir opiniões.

Um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no decurso das comunicações inter-individuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças nas sociedades tradicionais; elas podem até mesmo serem vistas como uma versão contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI, 1982, p. 181)

¹⁹ Importância das pessoas como criadoras da realizada através do pensamento compartilhado socialmente (MOSCOVICI, 1982).

Desta forma, a teoria das representações sociais, conforme postula Moscovici (1982), foi utilizada para abarcar a realidade organizada a partir dos comportamentos e condutas no meio social feminino pois, as mulheres apresentam formas de pensar e de agir típicas de seu grupo. A vista disso, um conteúdo avaliativo repleto de significados é atribuído à representação social das mulheres, e uma renovação desta representação, seria uma proposta de mudança do que se conhece socialmente por mulher.

Fazendo coro com esta ideia, Jodelet (2001) caracteriza o objetivo prático da representação social como o de contribuir para a construção de uma nova realidade de um grupo social a ser partilhada por ele e por toda a sociedade. Isto é, a fim de dar espaço às mulheres que buscam elaborar suas trajetórias de vida de uma maneira distinta daquela tradicionalmente construída pela sociedade. Esta perspectiva, no entanto, é o fio condutor deste trabalho.

Neste sentido, é importante considerar o aporte teórico da Teoria das Representações como subsídio para a temática feminista. Assim sendo, aborda-se as conquistas advindas do movimento feminista como um fenômeno fruto das interações sociais que carregaram por décadas representações sociais com fortes marcas de preconceito. A partir disso, esta teoria, utilizada neste trabalho, focaliza a possibilidade de mudança social capaz de fazer emergir novas representações sociais.

Para Moscovici (1982), as representações sociais resultam em uma realidade ativada pela ação na vida dos indivíduos. Importante destacar, que as representações sociais têm como primeiro objetivo tornar familiar o que é novo, uma forma de trazer algo desconhecido a um universo consensual, com o intuito de criar um sentimento de conforto frente às situações novas ou estranhas, conforme pontua Jodelet (2001).

Desta forma, a teoria das representações sociais serve como pano de fundo para o estudo da inserção da mulher na carreira científica e, mais precisamente, nas ciências exatas, pois este é um território novo de atuação feminina, um espaço em que a sociedade espera encontrar homens atuando. Então, para que a presença feminina se solidifique, uma nova representação social deste processo deve ser apresentada.

Nesta esfera, Moscovici (1982) relembra que é o caráter dinâmico das representações sociais que permite o ajuste do indivíduo ao novo, mesmo trazendo consigo um caráter ameaçador capaz de dificultar a visão social perante a mulher que investe na carreira profissional em detrimento a uma dedicação estrita a família. Assim, o ajuste do indivíduo ao novo mundo torna-se necessário e, isso se daria, segundo o autor, principalmente, através da comunicação.

A comunicação social é a grande responsável por esta nova familiarização, pois é sob este aspecto que as representações sociais são sentidas, além de expressar o caráter simbólico e icônico de maneira indissociáveis (MOSCOVICI, 1982).

Vale destacar que a pertinência da teoria das representações sociais neste trabalho se deve ao seu caráter dinâmico, visto que cada vez mais, a visão do “senso comum” de questões concretas como a ciência, religião e ideologia, por exemplo, tem se tornado incompatíveis entre si.

Tanto a ciência como a ideologia feminista, ambas circunscritas no tema desta pesquisa, podem ser estudadas por uma perspectiva científica ou não científica, isto é, um caráter popular repleto de valores dignos de serem pesquisados, de acordo com Jodelet, (2001). Moscovici (1982) o compreende como conhecimento cotidiano e, o define como formado por uma mistura de ideias de origem cultural e social que fazem parte da vida do ser humano desde sua infância seguindo pela vida adulta e conferindo liberdade para se pronunciar sobre os mais diversos assuntos.

A Teoria das Representações Sociais advém da Teoria da Representações Coletivas de Durkheim (MOSCOVICI, 1982, 1989, 2003). Para Durkheim, as representações coletivas são “produções sociais que se impõe aos indivíduos como forças exteriores e que teriam o papel de imprimir coesão social” (KUHNEN, 2002, p. 55), entretanto, se tratam de formas estáveis de compreensão coletiva. Moscovici (1982), por sua vez, contribui acrescentando um aspecto flexível na definição Durkheimiana, ao considerar que As representações sociais buscam a explicação do pensamento social que atribui à mulher o papel de responsável pelos afazeres da casa, além da cobrança quanto a sua dedicação exclusiva à família, pensamento este que contribui grandemente para a perpetuação do estranhamento social diante da escolha feminina pela dedicação à carreira e/ou uma constituição familiar tardia ou até mesmo, pela não constituição familiar. Em contrapartida, pelo viés das representações coletivas de Dukheim, o pensamento social no que concerne a mulher, baseiam-se mais fortemente nas crenças e na sustentação do pensamento social como fixo e imutável (MOSCOVICI, 1982).

Eis porque as representações sociais são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva (JODELET, 2001, p.17)

Dessa forma, a teoria das representações sociais imbuída de um caráter transformador foi utilizada neste estudo como teoria base das questões feministas, em especial na análise do conteúdo das entrevistas que serão apresentadas adiante. Uma vez que o programa *ALCESTE* foi usado e, este categoriza em classes de representação as falas das entrevistadas.

Sendo a teoria das representações sociais apoiada na compreensão do conhecimento cotidiano frente ao conhecimento científico, ou seja, aquele, conhecimento produzido pela ciência na intenção de mapear normas que determinam comportamentos, estilos e informações apropriadas para cada situação ou contexto, resta a representação social o papel de condutor para a formação de processos que orientam a comunicação e o comportamento social (GUIMELLI, 1993) de forma livre e não convencional.

Entretanto, para que esta situação seja aceita socialmente, uma nova proposta deve ser encarada como possível. Desta maneira, a teoria das representações, haja vista sua distinção em relação a teorias das representações coletivas, pode sustentar esta possibilidade, pois sua ideia de fluidez permite novas construções e, com isso, serve de base para trabalhos que pretendem apresentar paradigmas em prol de uma mudança social que caminha paralelamente aos desejos e necessidades sociais e individuais.

ESTUDO EMPÍRICO

3.1. A Reprodução Social de Gênero na Vida Acadêmica

Nesta etapa do trabalho, os dados do currículo lattes dos professores do Centro de Ciências Exatas da UFV foram consultados no que se refere as relações sociais por sexo das orientações recebidas e realizadas pelos professores em questão.

Todavia, como alguns dos professores que faziam parte da amostra desta etapa da pesquisa não possuíam ou não atualizaram seu currículo lattes (até o final de 2015), de um total de 332 professores, foi possível a análise, no SPSS, de 251 currículo lattes.

3.1.1. Razão sexo do professor atuante do CCE e dos orientadores que eles tiveram ao longo da construção de sua carreira.

A primeira análise realizada buscou verificar a relação entre o sexo dos professores universitários do CCE da UFV e o sexo de seus orientadores no mestrado e doutorado com a intenção de investigar se houve uma reprodução social com base no sexo, principalmente no caso das professoras, partindo do pressuposto de que professores do sexo masculino tiveram mais orientadores do mesmo sexo no processo de construção de sua carreira e professoras do sexo feminino tiveram mais orientadoras mulheres.

Primeiramente, foram verificadas as orientações recebidas pelos professores do sexo masculino antes no Centro de Ciências Exatas no nível de mestrado utilizando-se o teste *Qui-Quadrado*.

O teste *Qui-quadrado*, inicialmente, apresentou que dentre os 251 respondentes, 229 tiveram valor estatístico de acordo com os critérios definidos como de interesse da pesquisa, ou seja, conclusão do mestrado. Com isso, foi gerada uma porcentagem denominada de ausente de 8,8%. Este percentual corresponde aos professores que não foram contabilizados na análise pois, não faziam parte do grupo de docentes que fizeram mestrado, indicando um possível doutoramento direto.

A análise do resultado parte da hipótese de que mais homens foram orientados por homens e mais mulheres foram orientadas por mulheres. Observando-se as diferenças

entre os resultados obtidos e os resultados esperados, (demonstrados nas tabelas 5 e 6) obtém-se a comprovação ou refutação desta hipótese, sendo que: se os resultados obtidos forem maiores ou iguais ao esperado, a hipótese é confirmada e, se os resultados obtidos forem menores ao esperado, a hipótese é refutada.

Inicialmente, a tabela 5 seguir apresenta a relação entre o sexo dos professores do Centro de Ciências Exatas e seus orientadores no mestrado.

Tabela 3 – Tabulação cruzada - Relação sexo do orientador no mestrado e sexo do professor estudado, CCE-UFV

			Sexo do estudante de mestrado (o professor na formação de sua carreira)		Total
			Masc.	Fem.	
Sexo do orientador do professor no mestrado	Masc.	Total	150	42	192
		Número esperado estatisticamente	140,9 (78,1%)	51,1 (21,9%)	192,0
	Fem.	Total	18	19	37
		Número esperado estatisticamente	27,1 (48,6%)	9,9 (51,4%)	37,0

Fonte: Elaboração própria. Dados da pesquisa, 2016.

Partindo dos orientadores do sexo masculino, observou-se que 150 docentes do sexo masculino quando estudantes tiveram orientadores homens no mestrado dentro de um número esperado de 140,90 (78,1%), ou seja, um número maior que o esperado. Comparativamente, 42 docentes do sexo feminino foram orientadas por homens dentro de um número esperado de 51,1 (21,9%), isto é menos que o esperado.

O que se percebeu com os dados obtidos, foi uma possível reprodução social com base no sexo, não apenas pelo fato do número encontrado de homens orientados por homens ter sido maior que o número esperado, mas pelo fato do inverso ter ocorrido no caso das mulheres. Ou seja, o número encontrado de mulheres orientadas por homens foi menor que o número esperado.

Em relação as orientadoras femininas, observou-se que 18 docentes do sexo masculino foram orientados por mulheres dentro de um número esperado de 27,1 (48,6%) enquanto que o número de docentes do sexo feminino orientadas por mulheres foi 19 dentro de um esperado de 9,9 (51,4%), ou seja, um número maior.

De forma semelhante ao caso anterior, estes dados parecem comprovar a reprodução social com base no sexo, pois enquanto o número encontrado de mulheres orientadas por homens foi menor que o número esperado, o número encontrado de mulheres orientadas por mulheres foi maior que o número esperado.

A tabela 4 demonstra a relação entre o sexo dos professores universitários do CCE e seus orientadores no doutorado.

O teste *Qui-Quadrado* realizado demonstrou que dentre os 251 currículos lattes analisados, 231 tiveram valor estatístico de acordo com os critérios definidos, ou seja, a conclusão do doutorado. Assim, uma porcentagem de 8,0% representa o número de professores que não fizeram doutorado.

Tabela 4 – Tabulação cruzada - Relação sexo do orientador no doutorado e sexo do professor estudado, CCE-UFV

			Sexo do estudante de mestrado (o professor na formação de sua carreira)		Total
			Masc.	Fem.	
Sexo do orientador do professor no doutorado	Masc.	Total	161	40	201
		Número esperado estatisticamente	151,4 (80,1%)	49,6 (19,9%)	201
	Fem.	Total	13	17	30
		Número esperado estatisticamente	22,6 (43,3%)	7,4 (56,7%)	100,0

Fonte: Elaboração própria. Dados da pesquisa, 2016.

Observou-se que 161 docentes do sexo masculino tiveram orientadores homens dentro de um número esperado de 151,4 (80,1%), desta forma, este resultado representa um número maior que o esperado, enquanto que 40 docentes mulheres foram orientadas por homens dentro de um número esperado de 49,6 (29,9%), isto é, menos que o esperado.

Mais uma vez, os resultados apresentados acima parecem afirmar a ocorrência de uma reprodução social com base no sexo, não apenas pelo fato do número encontrado de homens orientados por homens ter sido maior que o número esperado, mas pelo fato do número encontrado de mulheres orientadas por homens ter sido mais baixo do que o número esperado.

Em relação as orientadoras femininas, observou-se que 13 docentes do sexo masculino foram orientados por mulheres dentro de um número esperado de 22,6 (43,3%) enquanto que o número de docentes mulheres orientadas por mulheres foi 17 dentro de um esperado de 7,4 (56,7%), ou seja, um número maior.

Com isso, percebe-se que tanto nas orientações de mestrado como nas orientações de doutorado recebidas pelos atuais docentes, mais homens orientem homens e mais mulheres orientem mulheres no CCE.

Todavia, não se pode deixar de considerar que o número de alunas e docentes do sexo feminino no campo das Ciências Exatas é menor que o número de homens nas mesmas áreas de acordo com dados do Registro Escolar da Universidade Federal de Viçosa. Com isso, a H1 – As mulheres inseridas nas ciências exatas reproduzem a relação aluno - professor - aluno composta exclusivamente por mulheres, proposta nesta pesquisa se depara com um efeito de composição referente ao fato de haverem mais professores e docentes do sexo masculino nestas áreas, o que contribui na escassez de orientação por parte de uma docente do sexo feminino.

Desta forma, torna-se conveniente discutir os resultados das duas tabelas anteriores com base nas identidades dos indivíduos envolvidos na relação orientador-orientado. Em acordo com Dubar (1997), a identidade é uma construção coletiva que ocorre ao longo da vida, e que “[...] depende tanto dos julgamentos dos outros como de suas próprias orientações e auto definições. A identidade é um produto de sucessivas socializações [...]” (p. 2), aplicado ao gênero, a identidade do professor do sexo masculino condiz com a de seu orientador, a princípio através de uma repetição de orientações de alunos do mesmo sexo, onde homem orienta homem e mulher orienta mulher, em sua maioria.

As relações sociais com base no sexo são compreendidas neste trabalho como uma forma de regular outras relações sociais. No que concerne às relações dos professores alvo da pesquisa com seus orientadores, por serem relações mais antigas que as construídas na atualidade, evidencia-se a questão da tradição e preconceito sugerindo que homens e mulheres devam inserir-se em carreiras mais ‘adequadas’ ao seu sexo. Movido por esta premissa, observa-se que as mulheres acabam apoiando-se umas nas outras mulheres, ou seja, aliando-se a seus pares para legitimar seu espaço na esfera pública, ou mais precisamente, na universidade. Isso acontece porque elas estão geralmente em segundo plano nas análises de sexo, uma vez que os homens, dentro de

uma sociedade de valores dicotômicos como a nossa, são compreendidos como superiores.

Para esta constatação, atenta-se para o fato desta relação profissional reproduzida entre pessoas do mesmo sexo dentro da carreira universitária não ter sido confirmada apenas no nível de mestrado, mas no nível de doutorado também. Realidade em consonância, mais uma vez, com o pensamento de Dubar (1997) quando ele propõe seus conceitos de “situações ou trajetórias objetivas” e “situação ou trajetórias subjetivas” que acontecem na vida adulta do indivíduo refletindo principalmente na formação da carreira destas pessoas.

Ao se apoiar na definição de *habitus* de Bourdieu, Dubar (1997), pontua que as “situações objetivas” são aquelas que são esperadas como uma consequência ou uma sequência da vida do pai²⁰ do indivíduo, isto é, uma relação entre a vida adulta das pessoas e suas vivências durante a infância. Nas palavras do autor, ela é “[...] definida como sequência das posições sociais ocupadas durante a vida, medida por categorias estatísticas e condensada numa tendência geral (ascendente, descendente, estável etc.)” (DUBAR, 1998, p.1).

Este alicerce no conceito anteriormente definido de Dubar (1997) vem a calhar na presente pesquisa, pois leva em conta as experiências que o indivíduo traz tendo seu pai como modelo, perpetuando costumes ou crenças que passam de uma geração para a outra como “[...] produto da socialização dos indivíduos [...] que se traduzem por uma mesma visão do mundo econômico e social” (DUBAR, 1997. p. 51).

Para o objeto desta pesquisa, o professor de ensino superior da área de ciências exatas, muitas vezes, esta reprodução social, com base na identidade sexual, é inquestionável e inconsciente. Por este motivo, foi verificado posteriormente se houve uma reprodução desta tendência na relação do docente em questão com seus orientandos, a fim de observar se a construção da relação acadêmica que deu vida à carreira do docente, produto de uma relação com base na reprodução social pelo sexo, se reflete em suas orientações.

Esta indagação provocaria uma reflexão acerca do conceito de “situações subjetivas” anteriormente apresentado, pois sugere uma ação do próprio sujeito a fim de apreender formas socialmente diferenciadas de construir sua vida profissional, nas palavras do autor, “é expressa em diversos relatos biográficos, por meio de categorias

²⁰ A presença do pai compreendida aqui como modelo e facilitadora da passagem da criança do mundo da família para o da sociedade.

inerentes remetendo a ‘mundos sociais’ e condensável em formas indentitárias heterogêneas” (DUBAR, 1998, p.1).

Esta abordagem confronta não apenas a “situação objetiva” como sustentáculo da reprodução social do sexo nas orientações recebidas pelos professores (as) analisados nesta dissertação, mas, aponta a possibilidade de adoção de “esquemas de percepção, de apreciação e de ação” (p.49) a fim de proporcionar uma mudança do *habitus*²¹ por parte do grupo de professores frente aos seus orientados atuais.

Para melhor ilustrar esta discussão, pode-se utilizar o exemplo de Dubar (1997) sobre o filho do camponês que se transforma em operário em comparação ao filho de um operário que, assim como o pai, também se tornou operário. Com este exemplo, Dubar (1997) pretende enfatizar que o “*habitus* não é essencialmente a cultura do grupo social de origem, mas a orientação da família” (p. 49), no sentido de o indivíduo reproduzir experiências e ações que foram por ele vivenciado em sua família.

Entretanto, um dado instigante obtido neste trabalho foi que dentro da perspectiva de orientações e orientados do mesmo sexo, percebeu-se que muito mais homens reproduziram esta relação do que mulheres.

O número de homens orientados por homens, além de maior que o número de homens orientados por mulheres, foi extremamente mais expressivo que o número de mulheres orientadas por mulheres. Além de que, pode-se dizer que elas apresentaram menor discrepância entre sexos nas suas orientações, isto é, a diferença entre mulheres orientadas por homens ou por mulheres não foi tão grande.

Na primeira análise, em relação ao mestrado, pouco mais que o triplo dos professores foi orientado por homens, enquanto que no caso das professoras, apesar de terem sido mais orientadas por mulheres, não se observou uma discrepância numérica evidente. Além disso, ao se comparar as orientações por sexos opostos, pode-se perceber que as mulheres estiveram mais disponíveis a orientação de homens do que os homens à orientação das mulheres, pois proporcionalmente, elas elencaram menor diferença entre sexos em suas orientações.

O mesmo ocorreu no nível de doutorado, todavia observou-se uma disparidade mais aguda, ou seja, novamente, um maior número de homens foram orientados por homens. Em relação a mulheres, novamente, foi confirmado, de uma maneira mais incisiva, que mais mulheres orientam mulheres.

²¹ *Habitus* de professor universitário das Ciências Exatas.

Sobretudo, outra informação instigante nesta análise foi que o número de homens frequentando o mestrado e o doutorado, independentemente da orientação recebida, em comparação as mulheres, foi muito maior. Ou seja, mais homens do que mulheres estão imersos no nível de doutorado nas ciências exatas, o que chama a atenção para uma possível maior condição social proporcionando a eles maior continuidade na vida acadêmica em comparação as mulheres.

O conceito de socialização de Dubar (1997) mais uma vez pode ser utilizado na tentativa de responder esta lacuna. Levando-se em conta a reprodução social da mulher vinculada a esfera familiar, pode-se compreender que mesmo com seu avanço na carreira acadêmica não a libertou dos afazeres domésticos.

Destaca-se que a mesma discrepância se apresentou no nível do doutorado em uma escala maior, fator que sugere que a continuação da dedicação a carreira acadêmica para a mulher pode ser encarada como um problema maior que seu acesso à universidade.

Esta última observação, condiz com a questão de escolhas e divisão de tarefas no que concerne a relação entre a vida pública e a vida privada feminina. Pois, mesmo considerando o fato de que as mulheres estão se inserindo na academia de forma crescente, os dados demonstraram que, em comparação, aos homens, menos mulheres seguem para o doutorado.

Esta informação vai de acordo ao conceito de *habitus* de Bourdieu mais uma vez sob a análise de Dubar (1997), pois as estruturas sociais que com alguma intensidade permitiu que a mulher incursionasse pela academia, ainda não possibilitou que ela siga nesta esfera por muito tempo. Pode se dizer que há uma certa desistência, ocasionada provavelmente pela cobrança social ou dela mesma quanto a construção ou priorização da vida privada

Para dar mais suporte aos resultados encontrados, uma pesquisa realizada em novembro de 2015, afirmou que as mulheres cientistas deste país abandonam o laboratório antes de atingirem o topo de suas profissões e que elas estão mais propensas a serem menos graduadas que os homens. As conclusões desta pesquisa, publicadas no estudo [*Mapping Gender in the German Research Arena*](#) (Mapeando questões de gênero na pesquisa alemã), apontam que contra as mulheres pesam problemas referentes a resistência ao sexismo do ambiente de trabalho e necessidade em equilibrar suas carreiras com a responsabilidade de criar filhos e cuidar da casa.

Desta forma, a análise descrita acima confirma a hipótese trazida pelos dados encontrados, ou seja, que as mulheres interrompem sua formação acadêmica com mais frequência que os homens, devido aos atributos domésticos conferidos socialmente ao seu sexo corroborando com Maluf (2007) ao destacar a intimidade feminina presa ao cuidado com a prole, frágil e necessitada de proteção.

Enfim, as informações trazidas pela pesquisa citada atreladas aos dados obtidos até este ponto da presente dissertação, confirmam que mais mulheres orientaram mulheres e mais homens orientaram homens, considerando, contudo, a diferença entre o número de docentes e discentes de cada sexo nas ciências exatas.

3.1.2. sexo do professor e dos seus orientandos

O programa SPSS foi utilizado também para a análise da relação entre os sexos do professor e de seus orientandos de iniciação científica, mestrado e doutorado. O teste *t* foi realizado para investigar se as disposições dos dois grupos tem a mesma validade.

Tabela 5: Razão sexo do professor com seus orientandos do sexo masculino de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado.

Grupo masculino	Sexo do professor	N	Média	Dif. Média	Sig.
Orientandos IC	Masculino	184	10,60	0,32	0,393
	Feminino	67	10,28		
Orientandos Mestrado	Masculino	184	7,47	3,05	0,085
	Feminino	67	4,42		
Orientandos Doutorado	Masculino	184	2,69	1,20	0,47
	Feminino	67	1,49		

Sig a 0,05

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2016.

Em relação aos alunos de I.C. do sexo masculino, percebeu-se que a hipótese de reprodução social de orientação com base no mesmo sexo não foi confirmada ($p > 0,05$). Destaca-se também uma diferença de média muito pequena entre os alunos que receberam

orientações de professores do sexo masculino de professores do sexo feminino, sendo a média de docentes homens orientando homens um pouco maior que a média de docentes homens orientando mulheres alunas de I.C.

De forma semelhante, refutou-se a mesma hipótese em relação ao nível de mestrado ($p > 0,05$), todavia, observou-se que a média de docentes do sexo masculino orientando homens é maior em comparação ao número de docentes do sexo masculino que orientam mulheres, quase duplamente, gerando uma diferença média maior que no caso do I.C.

Não muito diferente em relação ao doutorado ($p > 0,05$), apesar de ter sido observada uma média maior de docentes do sexo masculino orientando alunos do sexo masculino em relação as docentes do sexo feminino.

Entretanto, como a pesquisa foi feita com base nos cursos de Ciências Exatas, o número de alunos ingressantes é ainda maior que o número de alunas para alguns cursos²², assim como o número de docentes do sexo feminino é menor que de docentes do sexo masculino²³. Isto pode ser apontado como um efeito de composição nos resultados obtidos a partir da análise estatística realizada.

Assim sendo, entende-se que o que foi constatado de fato com os dados obtidos foi uma sutil diminuição da assimetria de gênero nas Ciências Exatas, uma vez que se observou que as médias entre orientadores de ambos os sexos e alunos do sexo masculino nos três níveis não foi expressiva.

A tabela 7 apresenta dados referentes as orientações recebidas no Centro de Ciências Exatas por alunas tanto de professores como de professoras.

²² No curso de física, por exemplo, no ano de 2015, das 40 vagas oferecidas anualmente, 34 foram ocupados por alunos do sexo masculino.

²³ No curso de física da UFV há atualmente 1 docente do sexo feminino e 17 docentes do sexo masculino.

Tabela 6: Razão do sexo do professor com seus orientados do sexo feminino de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado.

Grupo feminino	Sexo do professor	N	Média	Dif. Média	Sig.
Orientandos IC	Masculino	184	7,71	6,24	0,04
	Feminino	67	13,95		
Orientandos Mestrado	Masculino	184	6,76	0,80	0,572
	Feminino	67	5,96		
Orientandos Doutorado	Masculino	184	3,12	0,87	0,244
	Feminino	67	2,25		

Sig a 0,05

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2016.

A primeira análise foi com base nos alunos de Iniciação Científica. Observou-se pela primeira vez a confirmação da hipótese ($p < 0,05$), ilustrada por uma média maior de mulheres orientadas por docentes mulheres em comparação a mulheres orientados por docentes homens, além de que, percebeu-se que há mais alunas de I.C. nas Ciências Exatas atualmente do que alunos, dado interessante que corrobora com o pressuposto de maior acesso de alunas nas Ciências Exatas.

No caso do mestrado, a tabela acima apresenta a refutação da hipótese ($p > 0,05$). A média de docentes do sexo masculino que orientam mulheres é maior que a média de docentes do sexo feminino que orientam mulheres, porém a diferença entre estas médias é baixa. Dado interessante, mas que esbarra na informação de que há mais professores do sexo masculino atuando no CCE do que professora do sexo feminino, o que justifica este dado.

No doutorado, percebe-se o mesmo ($p > 0,05$), mais docentes do sexo masculino orientando mulheres do que docentes do sexo feminino orientando mulheres, sugerindo a mesma inferência descrita acima para o mestrado.

No caso das alunas do sexo feminino, percebeu-se que a diferença média entre os sexos foi menor a partir do mestrado, o que sugere um “ajuste” por sexo. Em outras palavras, talvez neste passo de relações acadêmicas, mais alunos tenham se aproximado de professores e mais alunas tenham se aproximado de professoras e vice-versa.

A aproximação sugerida acima faz coro com o que Kaufman (1994) chama de *quadros sociais da identificação* ou *quadros de socialização*, termo que o autor utiliza para se referir ao envolvimento do indivíduo em categorias utilizadas para identificá-lo

em um determinado espaço social. As mulheres, diante de uma situação de preconceito e sexismo, procuram orientadoras do mesmo sexo dentro das Ciências Exatas com o propósito de serem compreendidas não apenas quanto a este sentimento, mas também em relação a questões pessoais práticas, como a maternidade, por exemplo.

Para Dubar (1998) estas são identificações coletivas que condicionam as pessoas a um cumprimento de papéis sociais.

As categorias sociais, interiorizadas no decorrer do ciclo de vida (níveis escolares, categorias profissionais, posições culturais...), constituem o material a partir do qual os indivíduos inventam para si identidades singulares, para unificar suas existências e tentar fazer valer sua pretensão em um ou outro campo da prática social (DUBAR, 1998, p.3).

Dubar (1998) propõe formas de identidade formuladas a partir de experiências vividas e reproduzidas, conforme se categorizam as questões que competem o reconhecimento do indivíduo em relação ao semelhante do mesmo sexo em seu ambiente de trabalho.

Pode-se considerar, inclusive, que estas experiências vem sendo incentivadas mais por programas educacionais de ensino médio²⁴ que favorecem a crescente inserção da mulher nas Ciências Exatas do que pela conscientização de um novo paradigma por meio dos professores propriamente, campanha a qual o presente trabalho de dedica.

Todavia, a questão em pauta é que a média das alunas não se manteve até o doutorado. Quanto a isso, pode-se inferir que o crescimento da entrada de mulheres nas Ciências Exatas não se refletiu estavelmente até os níveis mais avançados. Para confirmar estes dados, o site do CNPq²⁵ foi investigado, e notou-se que a participação feminina nas bolsas de Produtividade em Pesquisa de mestrado e doutorado, consideradas pela academia como critério de excelência, correspondeu a 36% no ano de 2013, divididas em número da seguinte forma: 4.970 para mulheres e 8.994 para homens. Na Iniciação

²⁴ Referência ao “Programa Mulher e Ciência” criado em 2013 em parceria entre a Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, (MCTI), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o Ministério da Educação (MEC), o Ministério de Desenvolvimento Agrário – MDA e a ONU Mulheres. Seus objetivos: estimular a produção científica e a reflexão acerca das relações de gênero, mulheres e feminismos no País e promover a participação das mulheres no campo das ciências e carreiras acadêmicas. Fonte: Revista época: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/12/maioria-das-mulheres-cientistas-desiste-de-suas-carreiras-e-culpa-e-nossa.html>.

²⁵ Site CNPQ usado <http://www.cnpq.br/humanas-e-sociais>.

Científica, ao contrário, as jovens contabilizaram 56% das bolsistas. Dados como estes, confirmaram os achados desta pesquisa.

Esta ocorrência poderia indicar a influência dos papéis sexuais femininos, socialmente atribuídos, agindo na academia. Poder-se-ia acreditar que os homens pesquisadores teriam uma perspectiva e/ou uma possibilidade de formação profissional continuada em função das perspectivas socialmente existentes, que vinculam suas funções laborais à esfera pública.

Com isso, a mulher teria o seu investimento na carreira profissional coibido em função dos seus papéis sociais que a orientam para a esfera privada. Assim, as atribuições domésticas, em si, poderiam ser consideradas como explicativas das assimetrias no aprofundamento dos níveis de qualificação entre homens e mulheres no campo das Ciências Exatas.

Então, com base na relação professor e seus orientadores, pôde-se perceber que no início de suas carreiras, muitas pesquisadoras da área de Ciências Exatas apresentaram um número expressivo nas participações acadêmicas, Entretanto, nos próximos níveis, mestrado e doutorado, este crescimento não se manteve.

O fato descrito acima confirma a H1 – As mulheres inseridas nas ciências exatas reproduzem a relação aluno - professor – aluno composta exclusivamente por mulheres, pois as análises apresentaram que na I.C. mais mulheres foram orientadas por docentes do sexo feminino.

Todavia, a mesma hipótese não se confirmou nos outros níveis. Percebeu-se, mais uma vez, que há um início de reprodução social por sexo na vida acadêmica que talvez não prossiga por falta de mulheres na academia, mais precisamente nas ciências exatas. Com isso, destacam-se duas questões, a perseverança da reprodução social por sexo e a baixa porcentagem de mulheres no CCE.

A informação mais instigante obtida através das análises estatísticas anteriormente descritas, foi que apesar do número de mulheres ingressantes dos cursos de Ciências Exatas estarem aumentando cada vez mais, observou-se que com o passar dos anos, ou seja, nos níveis de mestrado e doutorado, este número de mulheres continua não se sustentando.

3.2. A Formação da Carreira e da Vida Familiar do(a) Professor(a) Universitário(a)

Neste capítulo pretende-se discutir comparativamente a relação entre a dedicação a construção da carreira universitária do professor universitário do sexo masculino e feminino frente a construção de sua vida doméstica e os papéis sociais que são socialmente atribuídos a cada sexo.

Para esta discussão, os dados numéricos oriundos do questionário, segundo passo do procedimento metodológico desta dissertação, foram transformados em percentuais e comparados por sexo.

O questionário em questão foi preenchido por 91 docentes, sendo 33 mulheres e 58 homens, amostra aleatória. A partir das respostas dos respondentes, pôde-se chegar as porcentagens apresentadas abaixo, em relação ao estado civil, existência ou não de filhos e alteração da produção acadêmica destes professores após o casamento e/ou o nascimento dos filhos.

Tabela 7: Relação sexo e estado civil dos professores do CCE que responderam o questionário

Sexo	Casado (ou união estável)	Solteiro (ou divorciado ou viúvo)
MASCULINO	46	12
FEMININO	23	10

Fonte: Elaboração própria

A tabela 7 demonstra a diferença entre o número de professores casados (ou união estável) e solteiros (divorciado ou viúvo) cruzada com a variável sexo. A partir destes dados, verificou-se que, percentualmente, mais homens são casados em comparação as mulheres docentes do CCE. Constatou-se que 79,3% dos professores respondentes são casados ou possuem contrato de união estável enquanto, no caso das professoras, este número foi de 69,7%.

Com isso, obteve-se que a porcentagem de homens solteiros (divorciados ou viúvos) no CCE foi de 20,7%, enquanto a porcentagem de mulheres solteiras (divorciadas ou viúvas) no mesmo centro foi de 30,3%.

O fato de a maior parte dos docentes do sexo masculino serem casados, sugere que suas relações familiares não interferiram ou interferiram pouco na construção de sua

carreira profissional, de forma que o casamento não fez com que eles tivessem que pausar ou abandonar a vida acadêmica. Assim, compreende-se que os docentes do sexo masculino puderam investir nas esferas públicas e privadas concomitantemente sem prejuízo a nenhuma delas.

Em relação às mulheres, somado ao fato delas atuarem em menor número no CCE, o número de docentes casadas apresentado foi mais baixo em relação ao número de homens em quase 10%, confirmando a ação da expectativa social da dedicação da mulher a família e aos filhos em suas escolhas, dificultando assim, uma maior dedicação feminina na esfera pública.

Moreira (2010) compreende esta situação partindo da compreensão do conjunto de exigências que são colocadas às mulheres no que concerne à maternidade, de forma a sugerir que elas devam exercê-la dentro de padrões determinados de tempo (idade ao ter filhos) e condições financeiras (possuir condição econômica para sustentar seus filhos). Estas normas, de acordo com a autora, impulsionam a mulher para a maternidade e mercado de trabalho, respectivamente, todavia, o faz de forma precária e/ou flexível, pois está vinculada, a necessidade de a mulher atuar na esfera doméstica.

Esta situação aponta para a questão da flexibilidade e/ou precariedade do trabalho feminino no sentido de a mulher engajar-se em trabalhos não promissores e/ou migrar de emprego com frequência a fim de priorizar a obtenção de renda para a sobrevivência a um investimento no crescimento da carreira.

Esta percepção denota uma menor atuação feminina na academia, principalmente no que se refere à continuidade de sua formação profissional. De acordo com Moreira (2010), a sociedade cobra da mulher a maternidade e o trabalho fora de casa, mas não compreende a dedicação de tempo por parte da mulher ao seu próprio crescimento profissional. Em função dessas cobranças, para que a mulher possa se dedicar a carreira, frequentemente, ela enfrenta uma dupla ou tripla jornada.

Santana-Cruz (2012) demonstrou, entretanto, que as trajetórias para a formação das carreiras de docentes de ambos os sexos na universidade²⁶ estudada por ela foram repletas de dificuldades, pois seu estudo apontou que homens e mulheres trabalharam temporariamente em atividades ligadas aos diversos níveis do ensino antes de alcançarem o nível superior. Todavia, quanto ao estado civil, a maioria dos docentes casados eram homens, fato que revelou, de acordo com a autora, que as mulheres estiveram mais

²⁶ A pesquisa de Santana-Cruz foi realizada com base nos docentes da Universidade Federal do Sergipe em 2012.

suscetíveis a abrir mão de sua formação profissional em prol da família, principalmente visando o exercício da maternidade, além de enfrentarem barreiras no que confere cargos importantes dentro da universidade.

Não apenas ao casarem-se, mas ao terem filhos, as mulheres têm sua dedicação a carreira acadêmica afetada. Santana-Cruz (2012) corroborando com as repostas das docentes entrevistadas neste trabalho (apresentadas no capítulo seguinte), salienta a difícil conciliação entre a esfera profissional e doméstica pois caberia a mulher uma escolha por priorizações ou ajuste de datas, no que se refere a maternidade, casamento ou formação profissional, podendo causar um atraso a sua formação profissional ou completa retirada da vida acadêmica.

Em relação a data de nascimento dos filhos dos docentes respondentes do questionário, notou-se que:

Tabela 8: Relação sexo e filhos dos professores do CCE

Sexo	Com Filhos	Sem Filhos
MASCULINO	48	10
FEMININO	20	13

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2016.

Calculando a porcentagem dos homens que possuem filhos, o resultado foi 82,7% e no caso das mulheres, o resultado foi 60,6%. Sendo assim, a porcentagem de docentes do sexo masculino sem filhos foi 17,3% e de mulheres docentes sem filhos foi de 39,4%.

Com isso, observa-se que mais professores do sexo masculino tem filhos em comparação as professoras. Considerando que a decisão do casal pela maternidade ou não é um atributo que se relaciona mais diretamente a trajetória de vida feminina pois, é o seu corpo que engravida, percebe-se que é a mulher que tem sua atuação profissional mais atingida pela maternidade. Ademais, aceitando que a sexualidade feminina se apresenta “inextricavelmente enredada com a reprodutividade: em outras palavras, com a procriação, o relacionamento e a sociabilidade”, conforme bem afirma, Dimen (1997, p. 52), infere-se que para o homem esta decisão é menos conflitante face as relações sociais que permeiam a construção da sua carreira profissional.

Ao engravidar, a mulher tem parte do seu tempo dedicado à sua condição e aos cuidados com a criança após o nascimento, evidente, entretanto, que a atribuição das ações de cuidado ao sexo feminino é uma construção social. Como afirma Badinter (1985) existem artifícios disponíveis no mercado que podem conferir maior liberdade às mães no cuidado com os filhos, possibilitando uma nova divisão de papéis sociais no cuidado da criança, permitindo que os homens tivessem maximizado o seu envolvimento nas tarefas referentes ao bebê.

Ademais, a diferença de percentual entre mulheres e homens docentes do CCE com filhos (22,1%) foi consideravelmente maior que a diferença entre homens e mulheres casados (9,6%). Este dado sugere que a maternidade e os afazeres trazidos por ela afetam mais que o casamento a formação da carreira profissional da mulher. Para Neves (2013), “[...] a dificuldade de conciliar as obrigações familiares com as atividades profissionais a colocam em desvantagem no mercado em relação aos homens, relegando-a, muitas vezes, a uma posição secundária” (p. 407).

Lima (2011) em sua dissertação de mestrado: *Situando diferenças de gênero no trabalho docente da Universidade Federal de Sergipe* confirma que há um número maior de docentes do sexo masculino do que do sexo feminino na universidade estudada por ela, além disso, a autora apresenta dados que comprovaram que em relação ao estado civil, há um desequilíbrio, pois, enquanto metade das mulheres são solteiras, entre os homens predominam os casados, mais uma vez corroborando com a presente dissertação. Porém, além de destacar que os homens docentes são mais jovens que as mulheres, sugerindo a questão da pausa na formação da carreira da mulher, a contribuição maior de seu trabalho foi que a maioria dos docentes do sexo masculino tem filhos, diferentemente das docentes do sexo feminino.

Os resultados apontados no presente trabalho não confirmaram exatamente o que apontou Lima (2011), pois observou-se que das 33 mulheres respondentes, 20 são mães, ou seja, 60,6%, correspondendo à maior parte. Em relação aos homens, os resultados confirmaram que eles parecem não viver a questão do nascimento dos filhos como um obstáculo na conformação de suas carreiras, pois 82,7% deles são pais.

Para concluir, foi questionado a homens e mulheres docentes do CCE se a maternidade e/ou casamento alterou suas produções acadêmicas. Entretanto, não se pôde concluir com clareza se a resposta: *sim, alterou* significaria alterou para mais ou para menos, todavia, a intenção da pergunta aberta foi não influenciar a resposta.

Tabela 9: Relação sexo e influência na carreira pelo casamento ou nascimento do filho.

Sexo	O casamento e/ou nascimento do filho não alterou a produção	O casamento e/ou nascimento do filho alterou a produção
Masculino	27	31
Feminino	7	26

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2016.

Os dados obtidos foram que 53,5% dos docentes do sexo masculino alegaram que suas produções acadêmicas foram alteradas após o casamento e/ou nascimento dos filhos. Em relação as docentes do sexo feminino, este número foi 78,8%, uma porcentagem grande de maneira geral e visivelmente maior que a porcentagem em relação aos homens.

Por outro lado, 46, 7% dos docentes do sexo masculino afirmaram que o casamento e/ou o nascimento dos filhos não alteraram sua produção e no caso das docentes do sexo feminino a resposta foi que para 21,2% não houve esta alteração. Esta não alteração das condições das mulheres pode se dar pelo fato de elas terem um marido parceiro, que compartilha as responsabilidades da casa, ou por contar com uma rede de apoio familiar e de amigos. Entretanto, esse aprofundamento não foi realizado na entrevista.

A ideia de que o envolvimento ativo na vida privada afeta a vida profissional é mais reproduzida dentro do âmbito de vida da mulher, pois culturalmente, é na trajetória de vida feminina que estes fatores estão interligados. São as mulheres que geralmente dividem seu tempo entre as esferas pública e privada e com isso, são elas que estão mais passíveis de sofrerem a ação desta conciliação.

Todavia, a porcentagem de homens que responderam positivamente a esta questão não foi baixa. Ambos os sexos tiveram um percentual próximo de respostas positivas, o que poderia significar que os homens aos poucos estão vivenciando a maternidade e o casamento com a mesma intensidade de dedicação que as mulheres, até mesmo por uma questão de necessidade econômica do casal que estimula uma maior divisão no cuidado com os filhos, como confirmou Souza (2012) em sua pesquisa intitulada: *De casa para a rua da rua para a casa: implicações e interações família e trabalho*.

Como não foi indagado aos docentes se a alteração sofrida nas suas produções acadêmicas foi para mais ou para menos, como mencionado anteriormente, não se sabe se a resposta *sim* advinda de homens e mulheres tem razões distintas, ou se possíveis razões distintas independem do sexo.

Diante das respostas recebidas, pôde-se apenas perceber que o evento casamento e nascimento de filhos influencia nas produções acadêmicas de ambos os sexos. Ou seja, há uma inter-relação entre vida doméstica e carreira profissional.

Com a análise destes dados confirmam-se as hipóteses H2 - A carreira das mulheres casadas atuantes como docentes/pesquisadoras no Centro de Ciências Exatas afeta e é afetada pela sua conformação familiar. H3 - A carreira dos homens casados atuantes como docentes/pesquisadores do Centro de Ciências Exatas não afeta e não é afetada pela sua conformação familiar e H4- O curso de vida familiar da professora/pesquisadora se constitui em um fator interveniente na sua carreira profissional, considerando-se a sua produtividade e os cargos ocupados.

3.3. A Divisão De Tarefas Domésticas Frente ao Trabalho Docente Universitário

A fim de apresentar um estudo a respeito das dificuldades, sentimentos e conquistas femininas no que se refere a construção da vida profissional mediante ao fato de ser mulher e com isso, ser “predestinada” ao casamento e maternidade, este capítulo sustenta-se nas respostas de 8 professoras do CCE em uma entrevista aberta semi-estruturada a respeito da conciliação ou priorização no que concerne as duas esferas que perpassam a trajetória de vida feminina.

Antes da análise das entrevistas propriamente, o seguinte quadro apresentará uma prévia das informações relevantes em relação a cada uma das entrevistadas.

Tabela 10: Idades, estado civil e número de filhos de cada entrevistada.

Identificação da entrevistada	Idade da entrevistada	Estado civil	Número de filhos
E1	37	Casada	2
E2	53	Casada	2
E3	34	Solteira	0
E4	38	Casada	0
E5	47	Casada	3
E6	56	Casada	0
E7	57	Casada	1
E8	53	Divorciada	2

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2016.

As entrevistas que deram vida a este capítulo foram compostas por questões que disseram respeito a construção de sua carreira profissional vinculada a conformação da vida privada das mulheres docentes e pesquisadoras do Centro de Ciências Exatas da UFV.

A tabela abaixo mostra a categorização feita manualmente com base na maior parte das respostas recebidas e que serviram de sustentação para a análise de conteúdo realizada, de acordo com os objetivos pretendidos nesta dissertação. As subcategorias

descrevem a intenção da categoria e em seguida se encontram trechos de entrevistas que discorreram sobre o assunto.

Tabela 11: categorização da entrevista semi-estruturada por interesse da pesquisa.

Categoria	Subcategoria	Trecho de uma entrevista
Construção da Família x Construção da Carreira	Escolhas, ajustes e priorizações por parte das mulheres docentes para conciliar carreira e família.	[...] é, sempre pensei em ter três (filhos), após entrar pra docência, eu acredito que não vou conseguir mais ter três, então eu pretendo ter dois, é ,já, minha intenção já era de ter filhos, mas não deu em função do trabalho, então eu já adiei um pouquinho meu plano de ter filho em função do trabalho (E3 - 34 anos, solteira, sem filhos).
Divisão Sexual do Trabalho	Realização dos trabalhos domésticos e profissionais atrelado ao sexo.	[...]ah, tudo eu faço, toda lista eu que faço, eu cozinho, eu compro, eu lavo, eu cuido de todas as etapas da casa [...] eu tenho duas casas, e nas duas casas, eu lavo roupa, eu cozinho, eu passo, lavo banheiro, faço todas as coisas com o título de doutora na mão [rs] (E4 - 38 anos, casada, sem filhos).
Sentimento da Mulher Frente a Necessidade de Conciliar Tarefas.	Se sente em falta com a família ou trabalho	Sim, (me sinto em falta) por conta da família separada, principalmente. Se o meu marido tivesse junto com a gente seria diferente, entendeu? [...], então é, mas eu tenho certeza que se ele tivesse aqui seria diferente. (E7 - 57 anos, casada, 1 filho)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2016.

As falas das entrevistadas foram classificadas e analisadas seguindo o esquema apontado no quadro acima e indicam o mote da discussão.

3.3.1. Construção da família/construção da carreira

Este tópico visou investigar a relação da dedicação de tempo ao cuidado com a família, as datas de casamento e as datas de nascimento dos filhos, uma vez que fatores como estes conduzem a mudanças na vida pessoal, face ao tempo dedicado a construção da carreira acadêmica.

Primeiramente, a buscou-se saber como foi tomada a decisão de engravidar ou não engravidar por parte da mulher docente, partindo do princípio de que a preparação para o nascimento de um filho e toda dedicação ao cuidado após o nascimento que este, de alguma forma, refletiria na construção da carreira profissional da docente.

Quanto a isso, a entrevistada 1 afirmou: (...) *eu dei um intervalo muito grande, de 10 anos, então na segunda filha de fato eu já pensei, eu tenho que fazer um mestrado, eu tenho que fazer doutorado, eu tenho que passar num concurso, passar no estágio probatório(...)* (E1 – 37 anos, casada, 2 filhos). A entrevistada em questão teve a primeira filha enquanto cursava o mestrado e atualmente, já na condição de docente, está grávida da segunda filha.

O que se percebeu com isso é que houve um ajuste da formação da vida profissional da entrevistada em prol do trabalho, o tempo esperado entre um filho e outro foi grande em vista da espera pela estabilidade financeira e profissional. A maneira como ela relatou este fato pareceu demonstrar que a espera pela estabilidade financeira, que não aconteceu em relação a primeira filha, “tinha” que acontecer em relação a segunda, ou seja, a priorização pela carreira apareceu em algum momento da sua construção familiar como uma forma de prezar pelo bem da família. Vale considerar, entretanto, que a entrevistada declarou que as suas duas gravidezes foram planejadas.

Outra questão que refletiu este ajuste foi quando foi indagado se a mesma entrevistada acreditava que possuía hoje a vida que almejava no passado, ela respondeu: *não, a gente sempre idealiza as coisas muito perfeitas né, não que cada experiência tenha sido ruim, mas a gente espera coisas muito mais fáceis, mas independente disso, é... tudo foi feito, todas as etapas foram bem prazerosas, digamos assim, com aprendizado muito grande* (E1 – 37 anos, casada, 2 filhos). Pode-se interpretar com base em sua resposta, que a maneira como se consolidou a construção de sua família divergiu daquilo que ela almejava antes de se casar, houve um ajuste do papel de docente ao papel de mãe e esposa.

Diante ainda da questão que aborda o nascimento dos filhos, a entrevistada 3 respondeu: *é, sempre pensei em ter três (filhos), após entrar para a docência, eu acredito que não vou conseguir mais ter três, então eu pretendo ter dois, minha intenção já era de ter filhos, mas não deu em função do trabalho, então eu já adiei um pouquinho meu plano de ter filho em função do trabalho (E3 – 34 anos, solteira, sem filhos).*

Em sua fala, a entrevistada demonstrou não só o ajuste feito em sua vida pessoal devido a dedicação a carreira, mas mais do que isso, ela evidenciou um certo pesar em não ter tido filhos ainda. Ela afirmou que a maneira como sua vida está caminhando não condiz com seus planos anteriores, além de ter diminuído o número de filhos pretendido, ela pareceu considerar nas entrelinhas que não tem certeza nem mesmo se terá dois filhos. Mais uma vez, a vida acadêmica incidindo na conformação familiar da mulher.

A entrevistada 7 disse: *não, (minha gravidez) não foi planejada, eu acho que se eu não tivesse engravidado, eu não teria tido filhos assim, eu já tinha 35 anos quando eu tive meu filho, entendeu? É, isso aí, não sei se você tem observado, pelo menos eu observo entre as minhas colegas engenheiras, se você opta pela profissão primeiro, você tem que tomar muito cuidado, porque o tempo vai passando e você na hora de lembrar de ter filhos, você já está com 30 anos [...] mas, sim, eu gostaria de ter tido dois filhos, um casal (E7 – 57 anos, casada, 1 filho).*

Na fala desta docente, percebeu-se uma outra problemática que aflige as mulheres, a adequação do nascimento dos filhos à carreira profissional frente ao biológico. Se o desejo de ter filhos é grande, a opção, como ela diz, é tê-los, pois, com o passar do tempo as circunstâncias ficam mais difíceis, assim como aumentam os riscos para a mãe e para o bebê, como é sabido pela medicina²⁷.

Não diferente foi o relato da entrevistada 5 disse: *[...] o número de filhos não (foi alterado), mas na época de ter os filhos sim, porque o segundo, o filho mais novo, foi adiado, adiado....ah estamos muito ocupados, estamos fazendo muitas coisas né, até que decidimos que teríamos um filho. Então ele foi adiado durante algum tempo, por função do trabalho, muito pesado no momento, até que a gente percebeu que ia estar pesado sempre [...] (E5 – 47 anos, casada, 3 filhos).*

Aliada a importância dada a maternidade neste discurso, observa-se que foi feita uma opção que, de uma forma ou de outra, sacrificaria possíveis satisfações em termos

²⁷ Referência a maiores chances de os óvulos produzidos terem defeitos nos cromossomos, o que aumenta o risco de aborto espontâneo ou malformações.
<http://brasil.babycenter.com/a6700028/idade-e-fertilidade-engravidar-depois-dos-40#ixzz4F3E8sUZo>

de crescimento profissional, situação que faz coro com Rocha-Coutinho (2000), quando a autora responsabiliza o interesse do indivíduo em dedicar-se a carreira prioritariamente refletindo na forma como sua vida familiar foi construída.

Ademais, foi ressaltada a necessidade de morar no local onde se trabalha dificultando um pouco mais a acomodação familiar. Condição justificada pela grande concorrência atual nos concursos para docente de nível superior aliado a necessidade de grande especialização do profissional. Fatores como estes, fazem com que a mulher, aprovada em um concurso, tenha que se mudar de cidade, se afastando assim da família, muitas vezes os filhos as acompanham, outras vezes, o marido vai mais tarde. De qualquer forma, além deste ajuste da moradia, todo o investimento na carreira feito anteriormente por ela, fez com que seus planos de gravidez, e/ou de casamento, sejam alterados também.

Quanto a isso, a entrevistada 4 afirmou: *as vezes é difícil conciliar, no momento como eu não tenho filho, é mais fácil fazer essa escolha (morar distante do marido), né, geralmente, [...]se eu tivesse filho talvez a minha escolha fosse diferente (E4 – 38 anos, casada, sem filhos).*

Foi mencionado em uma das entrevistas que o estado civil da docente se deve ao investimento na carreira. Ela afirmou que o fato de não ter se casado ainda está relacionado a construção da carreira: *[...]eu quis concluir meus estudos e ter uma estabilidade, é..., após isso eu pensei em um relacionamento mais duradouro (E3 – 34 anos, solteira, sem filhos).* Diante da mesma pergunta, a entrevistada 4 disse: *é a questão de tempo de dedicação que você precisa numa pós-graduação, é muito grande isso é incompatível com alguns relacionamentos então para mim era importante conseguir conciliar as duas coisas, o meu trabalho e o meu relacionamento, enquanto eu não consegui essa combinação não foi possível fazer esse casamento no período anterior né (E4 – 38 anos, casada, sem filhos).*

Ou seja, as docentes deixaram evidente a preocupação com a conformação das duas esferas em suas vidas e como isso foi responsável pelo desenho de sua trajetória de vida. Como afirma Scavone (2001), a maternidade ainda é um elemento cultural forte da identidade feminina ligada ao corpo e a natureza e, mesmo com a possibilidade da carreira profissional, a própria mulher, assim como a sociedade, fazem cobranças com base nestes termos.

No que tange a construção da família e da carreira profissional concomitantemente, as problemáticas enfrentadas pelas mulheres iluminam a necessidade de uma nova identidade feminina. Conforme afirma Rocha-Coutinho (2000), o caminho

foi considerar que “a identidade feminina teve que ser alterada, não sem grandes dificuldades, para incluir este novo papel: o de trabalhadora e pessoa com uma carreira profissional” (p.2)

A mesma autora lembra que com isso, as mulheres continuam a enfrentar barreiras, em sua maioria, decorrentes dos estereótipos tradicionais de gênero que, apesar de terem sofrido mudanças nos últimos anos, parecem ainda reforçar a ideia de que mulheres e homens têm características próprias e com base nelas, melhor se encaixam socialmente em um trabalho ou outro.

Todas as entrevistadas concordaram que para o homem esta preocupação não existe: *as obrigações de homem também deveriam ser iguais aos de mulher, só que a cobrança da sociedade é menor sobre o homem do que sobre a mulher [...] se um homem optar por se afastar da família, ele não vai ser cobrado por isso, nem da família, nem da sociedade, é diferente de uma mulher que se ela opta por se afastar da família, para cuidar do trabalho, ela é cobrada por isso [...]* (E4 – 38 anos, casada, sem filhos). Mais uma vez, a entrevistada retorna a questão da adequação da cidade onde a docente por ventura tenha que morar frente a cobrança social pelo fato dela ser mulher.

Além disso, ela destacou a problemática da competição acirrada que hoje em dia se faz presente na academia por publicação: *[...] é, não tem como, eu acho que o início da maternidade exige uma dedicação exclusiva da mulher, então eu acho que não dá pra conciliar as duas coisas, pelo menos inicialmente, então realmente no intervalo provável de um ano (entre o afastamento da vida acadêmica devido ao nascimento do filho e a retomada do trabalho) eu não vou ter o rendimento que eu gostaria, por isso que agora eu trabalho muito, eu trabalho muito pra comportar esse um ano que deve ser daqui a pouco tempo, que eu vou ficar, ou parada, ou quase parada no sentido de produção acadêmica* (E4 – 38 anos, casada, sem filhos).

Notou-se que ela se preocupa (a entrevistada ainda não tem filhos, ela se refere a um plano futuro) em deixar sua carreira em um estágio onde ela acredita que seja de preparação para a maternidade. Ela se propõe a trabalhar excessivamente, em suas palavras, para compensar o tempo em que se dedicará ao bebê que pretende ter. O que se pode perceber foi um contrassenso grande, pois é como se ela afirmasse que a mulher tem que “pagar” por ter filhos, como se ela afirmasse que a mulher acadêmica que quer ter filho o faz dentro de uma condição de dívida.

Para ilustrar este sentimento, Bardwick (1981) considera a ideia de que tudo que é atributo do sexo masculino é intrinsecamente melhor do que é próprio do sexo feminino

e com isso, o sexismo “não deprecia somente o que as mulheres fazem, mas o que as mulheres são” (p.45). Então, aliado a fala da entrevistada, a autora concorda que a mulher, atada a um caráter inferior ao do homem deve se preparar para que a maternidade, que a coloca, nestes termos, em uma situação inferiorizada, a qual pode ser compensada pelo seu esforço maior no trabalho.

Assim, ela traz nas entrelinhas a reprodução do discurso social de que cabe à mulher a incumbência primeira de ajustar sua carreira profissional a constituição da família.

Observa-se a continuidade do esquema machista que prevaleceu na sociedade tradicional e contra o qual ela própria, ainda que amiúde apenas no nível do discurso, se rebelou. Assim, é possível que a mulher atual continue a ser levada a se dividir e multiplicar, carregando, como suas mães, uma imensa culpa por não estar se desempenhando como gostaria nas duas esferas, culpa difícil de ser resolvida (ROCHA-COUTINHO, 2000, p.3)

As respostas advindas das entrevistas delataram uma ideia de relação intrínseca entre mulher e maternidade e, mais ainda, de mulher e cuidados com os filhos em detrimento a carreira. Mesmo que inseridas na docência de nível superior, são elas que se ajustam, de livre e espontânea vontade, para terem filhos. São elas que trabalham dobrado e se preparam para isso, como consequência, são elas que tem suas carreiras truncadas, cheias de interrupções a fim de conciliarem as duas esferas.

O mais interessante é que apesar de conscientes deste fato, elas não parecem arrependidas ou revoltadas, além mesmo porque a culpa, já mencionada aqui, que as atingiriam caso não fizessem tal conciliação, seria “naturalmente” muito pesada.

3.3.2. Divisão sexual do trabalho

A realização do trabalho doméstico apresenta-se como um conflito quando homens e mulheres trabalham fora de casa, desta forma, nesta sessão, procurou-se verificar a conciliação da realização dos trabalhos domésticos e profissionais atrelados a cada sexo.

Uma entrevistada afirmou: *ah, sempre a mulher faz mais, né (E2 – 53 anos, casada, 2 filhos)*. Quando foi indagado o porquê disso, ela disse: *não sei*. A entrevistada

6 concordando com a afirmação anterior, disse: *sou eu quem faço. Não sei, porque é assim [...]* (E6 – 56 anos, casada, sem filhos).

Estas respostas reproduzem construção social de que cada sexo tem um tipo determinado de atividade a ser realizada dentro de casa. De acordo com Kergoat (2003), “a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo [...] tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva” (p.1).

Situação ainda não questionada por muitas mulheres, o que reflete em uma falta de conhecimento do termo gênero, pois como afirma a mesma autora citada acima, esta associação une gênero ao biológico delegando a ele um caráter natural, enquanto que na realidade, o termo gênero se fundamenta no socialmente construído que corresponde a “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [...]” (SCOTT, 1990, p. 14).

Outra entrevistada pareceu conhecer o sentido do termo gênero descrito acima, mas se apresentou como uma reprodutora da divisão sexual do trabalho, sua resposta foi: *[...] ah, tudo eu faço, toda lista eu que faço, eu cozinho, eu compro, eu lavo, eu cuido de todas etapas da casa [...] eu tenho duas casas, e nas duas casas, eu lavo roupa, eu cozinho, eu passo, lavo banheiro, faço todas as coisas com o título de doutora na mão [rs]* (E4 – 38 anos, casada, sem filhos). Ao ser indagada sobre o porquê deste comportamento, ela respondeu: *“[...] meu marido trabalha na padaria, o serviço é pesado e chega em casa cansado [...]”* (E4 – 38 anos, casada, sem filhos), caberia neste momento a pergunta: e quanto ao cansaço dela, que viaja toda semana e é responsável pela manutenção de duas casas, como ela disse.

A resposta da entrevistada parece fazer coro aqui com a invisibilidade e desvalorização do trabalho doméstico (HIRATA, 2010) situação tão “naturalizada” que deixa de ser percebida pela própria mulher como um fardo que pode ser dividido com o homem a fim de aliviar as responsabilidades dos dois dentro de casa.

A entrevistada 5, por sua vez, ressaltou outra questão: *(os trabalhos domésticos) são divididos, mas assim, ele não trocaria né por exemplo, lavar a louça, varrer a casa, enquanto eu ficasse no jardim cuidando das plantas. É dividido mas, tem as preferências de cada um. Ele fala assim: a cozinha é sua, você toma conta, o quintal é meu eu tomo conta* (E5 – 47 anos, casada, 3 filhos).

As duas repostas anteriores (E4 e E5) revelaram que mesmo quando há uma certa divisão das tarefas, elas são realizadas de maneira não igualitária, isto é, ainda reforçam

aquilo que se compreende por atividades masculinas e femininas. Scavone (2001) afirma que mesmo em um período de transição para a consolidação de um novo modelo de maternidade, o qual tem como ideal a busca pela equidade na responsabilidade parental, pode se encontrar uma divisão de tarefas velada ou sutilmente pautada nas preferências masculinas.

Kergoat (2003) relembra que neste jogo há dois grupos de interesses sociais antagônicos: o homem e a mulher, e, a origem da tensão produzida por isso não pode ser compreendida em estudos acadêmicos como distinções biologizantes em machos/fêmeas, o que sustenta o uso do conceito de gênero neste trabalho.

A entrevistada 8 relatou ainda o problema do acúmulo de atividades devido a falta de divisão de tarefas: *eu chegava a noite, eu dava banho nele (filho), [...], punha pra dormir, eu ia limpar a casa, eu ia lavar, passar, deixar tudo pronto, deixava a mochilinha pronta pro dia seguinte, as vezes eu estava tão casada que eu dormia até meia noite, uma hora eu acordava, até hoje eu acordo de madrugada e acabo trabalhando, mas estes costume começou quando meus filhos eram pequenos e precisa fazer isso, hoje já não preciso, mas ainda faço (E8 – 53 anos, divorciada, 2 filhos)*

A entrevistada 7 corrobora a assertiva da entrevista 8: *isso aí é uma briga todos os dias na minha casa, por que eu assumo todas as responsabilidades e não tenho ninguém para me ajudar. (E7 - 57 anos, casada, 1 filho)*

A carga pesada atribuída a mulher é relatada em todas as falas, é sentida por ela, mas é também reproduzida por ela. Pois, ao se falar em socialização, fala-se em socialização das atribuições tidas como masculinas e femininas e, com isso, um reforço da atribuição de papéis. Muitas vezes, a mulher se acomoda ou não enxerga com clareza ações por parte dela que contribuem para esta proliferação. Desta forma, estudar gênero é estudar homens e mulheres como vítimas da construção social e ainda, os reveses desta barreira.

3.3.3. Sentimento da mulher frente à necessidade de conciliar tarefas

Por fim, a fim de observar como a conciliação das tarefas domésticas com as tarefas acadêmicas refletiu na sua vida profissional e os sentimentos que esta situação conflituosa possa ter causado, questionou-se as 8 entrevistadas a respeito do sentimento que a mulher

docente do Centro de Ciências Exatas possui frente as escolhas feitas por elas na vida profissional e/ou pessoal.

Foi pedido a todas as entrevistadas que categorizassem de 1 a 5 o nível de importância que a família e o trabalho representam para elas. Todas, sem exceção, afirmaram que o nível de importância da família é 5 e do trabalho 4. Entretanto, todas afirmaram no decorrer das entrevistas que em algum momento de suas vidas tiveram que priorizar o trabalho em detrimento a família, no que concerne o momento de nascimento e cuidado dos filhos, casamento, além da localidade onde moram.

Desta forma, observa-se uma incongruência entre o que elas acreditam que priorizam e o que elas priorizam de fato. As respostas de muitas delas confirmaram isso:

Questionada sobre a conciliação de tarefas, a entrevistada 7 disse: [...] *difícil (dedicar-se a casa e ao trabalho). Eu acho que foi com 6 meses que ele foi pra creche, eu até esqueci, se pudesse teria ido com 4, mais eu acho que foi a partir dos 6 meses, a partir de então, ele sempre ficou período integral em escolinha, muito novo. (E7 – 57 anos, casada, 1 filho).* Em relação ao marido que trabalha como docente em outra instituição e por isso mora em uma localidade diferente de onde ela e o filho moram, ela disse: *Sim, (me sinto em falta) por conta da família separada, principalmente, se o meu marido tivesse junto (o marido trabalha na Universidade Federal da Bahia, por este motivo, moram em Salvador, BA) com a gente seria diferente, entendeu? [...], então é, mas eu tenho certeza que se ele tivesse aqui seria diferente. (E7 – 57 anos, casada, 1 filho)*

A entrevistada 4 afirmou: *sempre quis ter três filhos, não tive antes em função da instabilidade social, por não ter um salário fixo, é, mas, é, mas a quantidade de filhos com certeza é um caso a se pensar, porque, você vê, não dá pra ter muitos filhos sendo docente e fazendo pesquisa (E4 - 38 anos, casada, sem filhos).*

A entrevistada 6 afirmou: *como meu marido trabalho comigo, meu filho as vezes fica triste porque falamos muito de trabalho, ele reclama.*

A entrevistada 8 relatou: *eu cheguei a ficar assim 1 ano sem bolsa pra terminar (o doutorado), como eu parei para ter filho, a hora que eu retomei eu fiquei um período sem bolsa pra finalizar, o tempo continuou correndo, mais assim eu escrevi a minha tese de doutorado amamentando, era uma loucura, eu tirava leite com bombinha, eu deixava na mamadeirainha, eu ia trabalhar o dia todo, eu voltava a noite eu estava com o peito cheio de leite, doía e ele não queria mamar mais por que já tinha tomado na mamadeira. (E8 - 53 anos, divorciada, 2 filhos)*

Com uma abordagem mais geral, a entrevistada 1 afirmou: *sim, eu me sinto em falta com minha família por conta de meu trabalho, eu levo trabalho para casa, pois tenho uma grande carga de trabalho acadêmico (E1 – 37 anos, casada, 2 filhos)*

Com isso, percebe-se no relato de todas as entrevistadas em sentimento de tristeza, pesar por conta da dificuldade que foi conciliar a família ao trabalho. Elas não relataram arrependimento, até mesmo porque ao final das entrevistas quando foi indagado se elas eram felizes com seus trabalhos e seu o trocariam, todas, também em exceção, responderam que não.

Então trata-se mais de um sentimento de vitórias do que de arrependimento. Uma vitória da mulher sobre sua condição que ainda continua sendo secundária perante ao homem e, com isso, mais pesada.

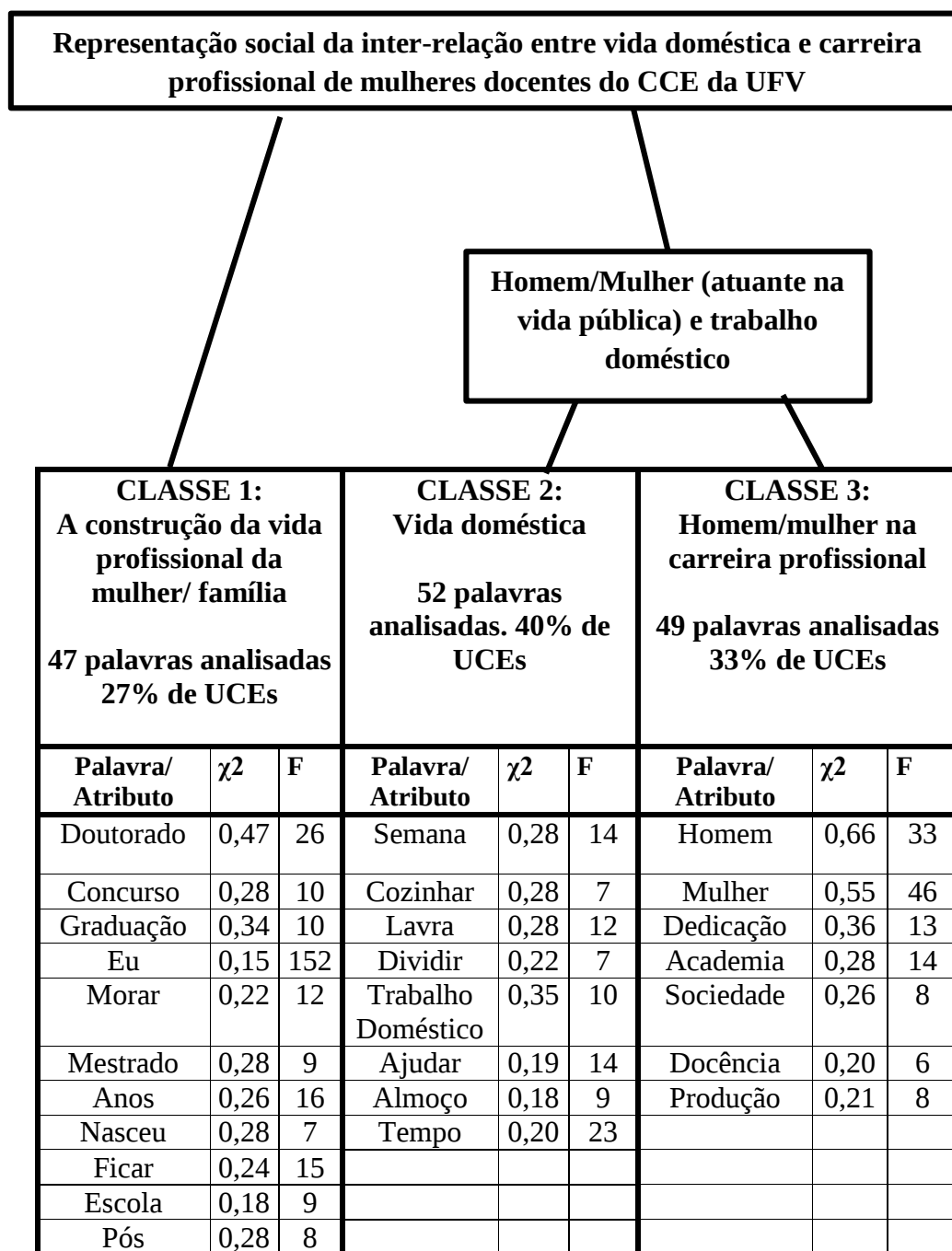
3.3.4. Análise textual com o uso do software ALCESTE

Para confirmar ou refutar as classificações das repostas das entrevistas feitas manualmente pela autora, foi utilizado o software ALCESTE.

Com base nas 8 entrevistas aqui trabalhadas, o software ALCESTE apresentou três classes de palavras correlacionadas. Vale destacar que para Nascimento-Schulze e Camargo (2000), as classes obtidas através da análise feita por este programa podem indicar representações sociais ou, ao menos, campos de determinada representação. É por este motivo que anteriormente, no capítulo três, a teoria das representações sociais foi definida e, com base nela, a análise ancorada no software ALCESTE será descrita.

A partir das UCEs consideradas, o *corpus* foi dividido em 3 classes (Figura 1). A primeira partição contrapôs a classe 1 às demais. A segunda partição uniu as classes 2 e 3. O vocabulário apresentou uma validade de 97% de confiança para a análise realizada.

Figura 1: Dendrograma com a Classificação Hierárquica



Fonte: Elaboração própria

A primeira classe chamou atenção para a formação profissional da mulher relacionada a sua vida pessoal em consonância com os anos de nascimento e cuidados com filhos, além da localidade onde moram.

A palavra mais utilizada nesta classe foi: *Eu*, ou seja, trata-se de uma classe de análise em que a mulher, se colocando em primeira pessoa, avalia as relações entre a sua vida profissional, em vista dos outros termos aparentes nesta classe conciliados com os filhos, mais precisamente.

Palavras como: graduação, mestrado, doutorado, concurso, pós e anos, evidenciaram um discurso fundamentado na formação profissional feminina. Todavia, ao relacionar tais termos com palavras como: filhos, escola, anos e nasceu, nota-se que muitas das entrevistadas uniram questões conectadas com data de nascimento e estudo dos filhos com seu momento na vida profissional.

Ademais, um outro subgrupo se formou com a menção das palavras: morar e ficar. Ou seja, com a utilização destes vocábulos, as mulheres demonstraram a questão da moradia e permanência em uma cidade ou outra como fator importante para a família da mulher docente, seja no sentido de uma mudança da família toda, seja no sentido de desmembramento por conta do trabalho.

Alguns trechos das entrevistas confirmam as relações sugeridas pelo ALCESTE:

[...] então, eu gastava 1 hora e meia pra ir todo dia fazer doutorado, 1 hora e meia pra voltar, e eu não podia almoçar em casa com ele (filho), eu não podia ficar, então eu ficava praticamente com ele só durante a noite. (E7 - 57 anos, casada, 1 filhos)

A família separada principalmente é o problema, se o meu marido tivesse junto com a gente, a gente teria muito mais, seria diferente, entendeu? Por exemplo, as férias, a gente está agora numa defasagem de novo, porque a universidade dele ficou em greve e a nossa não ficou, aí fica difícil, a gente não teve férias, a gente não se viu, se ele tivesse junto aqui com a gente, qualquer final de semana já era um descanso. (E7- - 57 anos, casada, 1 filhos)

Vimos para cá porque foi onde a gente arrumou emprego. (E5 - 47 anos, casada, 3 filhos)

[...] desde que nós casamos nós vivemos assim, eu morava no Rio pra fazer pós-doc e ele morava em Juiz de fora, agora estou aqui por causa do trabalho e ele em Juiz de Fora. (E4 - 38, casada, sem filhos)

Os excertos acima, demonstram ajustes feitos ou em formação a fim de adequar a vida familiar ao trabalho da mulher e, em alguns deles percebe-se que, em função do

trabalho do marido, esta adequação não é feita. Percebeu-se ainda, que muitas trazem seus filhos com ela, reforçando a ideia do cuidado como incumbência da mãe.

Apontando palavras como: semana, cozinhar, lavar, dividir, trabalho doméstico, ajudar, almoço e tempo, obtém-se uma classe de palavras que relacionam termos associados aos serviços domésticos. Sem deixar de considerar que tal discurso foi proferido por uma mulher, a análise de conteúdo parte do princípio que ela, na sua fala, se relaciona com estes termos.

Essa classe é claramente marcada pelo conjunto de questões feitas sobre a realização do trabalho doméstico e a necessidade de divisão deste trabalho dentro de casa, principalmente com a contratação de uma funcionária.

Seguem alguns trechos que confirmam este agrupamento de palavras:

[...]então depende muito, a gente tem uma funcionária que fica 3 vezes por semana lá em casa, então em alguns momentos é essa funcionaria que cuida da minha filha, em alguns momentos meu esposo e outros, eu. (E1 – 37 anos, casada, 2 filhos)

[...] então, eu cuidava do filho, lavava, arrumava, passava, cozinhas, tudo né, o marido ajudava um pouco e fazia o doutorado. No segundo filho eu contratei uma babá, então ela me ajudou e tinha a empregada da casa, então duas pessoas me ajudando com as atividades né, domésticas, então não foi tão pesado, nessa parte de trabalho. (E6 - 56 anos, casada, sem filhos)

[...]eu acho bom ter a menina que trabalha comigo, eu acho que isso me ajuda e muito porque eu chego em casa não tenho aquela preocupação do que vou fazer pro almoço, eu já tive uma fase da minha vida assim, quando eu vim pra cá, eu não tinha ninguém que me ajudava, só que aí a gente dividia muito mais o serviço. A gente ia pra casa na hora do almoço eu fazia o almoço, já deixava alguma coisa pronta antes, enquanto ele lavava as louças do café, eu fazia o almoço, então a gente tinha uma parceria maior nesse sentido. Agora tenho uma pessoa que trabalha comigo há 22 anos, então ela já conhece a casa mais do que eu, sabe onde tá tudo mais do que eu, organiza né, e organiza minha vida [...]. (E7- 57 anos, casada, 1 filhos)

[...]eu já mudei várias vezes de cidade, tem uma menina trabalhando comigo hoje, é minha rede de apoio, então eu acho que eu sou uma pessoa que eu dei muita sorte, nessa rede de apoio, eu não tinha minha família [...]. (E8 - 53 anos, divorciada, 2 filhos)

Nos discursos elencados acima, percebeu-se que a mulher docente, ao se sentir sobrecarregada de tarefas, recorre a ajuda de uma outra mulher, ou seja, uma funcionária. O suporte do marido é visto como um auxílio com o qual não se pode contar com

frequência ou de acordo com as necessidades, suas declarações sugerem que os maridos escolhem qual tarefa realizar e com isso, uma rede de apoios fixa e incumbida das tarefas diárias com casa e crianças se faz necessária.

A terceira classe, demonstrou termos que inter-relacionam homem-mulher e a atividade acadêmica. Ao serem repetidas palavras como: homem, mulher, academia, dedicação, docência, produção e sociedade, percebe-se que nestas falas as mulheres conectaram a diferença entre ser um homem docente e ser uma mulher docente no que e refere as produções acadêmicas e, com isso, a expectativa social.

Considerando, novamente, que os textos foram proferidos por mulheres, pode-se perceber que a base deste discurso são as diferenças sociais que pesam às mulheres, devido ao acúmulo de funções, e que influenciam na conformação de suas carreiras profissionais.

Situação que não acomete o homem, pois ele está socialmente isento da conciliação de tarefas e com isso, tem a possibilidade de se dedicar mais incisivamente à carreira profissional.

Observa-se com isso, que a mulher que pretender construir a carreira profissional, deve dedicar-se mais que um homem, por exemplo, não apenas como forma de se mostrar capaz, mas para compensar no quesito tempo.

Alguns excertos que confirmam a premissa sugerida por esta classe de palavras:

[...] a questão de tempo de dedicação que você precisa numa pós-graduação, é muito grande [...] isso é incompatível com alguns relacionamentos, dependia da compreensão dele. (E4 – 38 anos, casada, sem filhos)

[...] estou trabalhando e produzindo muito pra compensar esse período (gravidez futura). No trabalho científico os nossos trabalhos tem validade de 5 anos, então cada artigo que eu produzo, ele conta pro meu currículo durante 5 anos, então se eu produzo muito agora eu tenho, entre aspas, um intervalo de 5 anos, pra compensar né, esse período que eu trabalhei bastante, ainda contabiliza pro meu histórico, então é a minha estratégia. (E4 – 38 anos, casada, sem filhos)

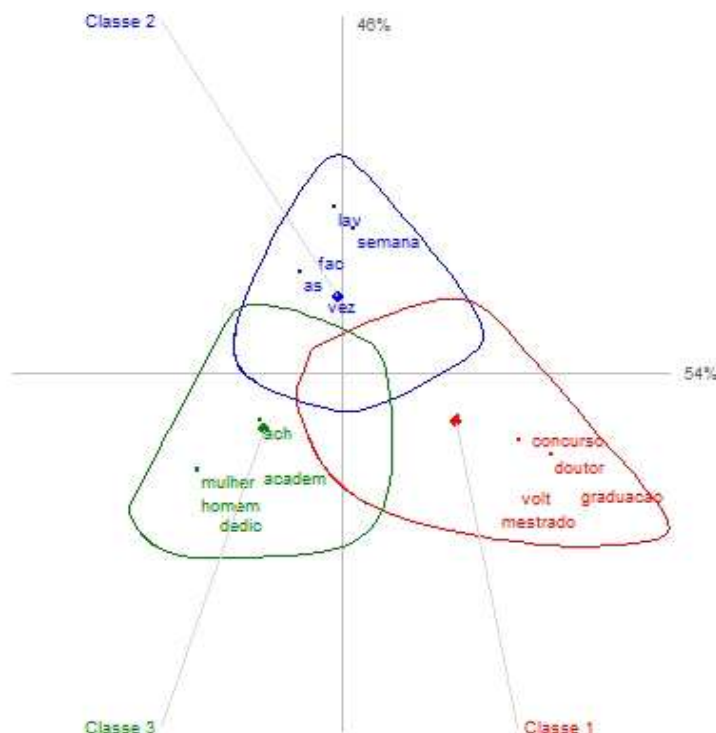
[...]considerando o fato que a gente que tem que gerar filhos eu acho que a mulher trabalha mais, pro homem é mais fácil, desde que eu por exemplo daqui a pouco vou ter que tirar licença (a entrevistada estava grávida no momento da entrevista) e o homem não tem nada disso, então, ele não tem essa, digamos, é, esse tempo que ele tem que deixar de produzir. (E1 – 37 anos, casada, 2 filhos)

[...]uma mulher pra se destacar dentro da universidade, ela tem que ser bem mais ativa, mais produtiva do que os homens, compensar (a maneira desigual que a sociedade “enxerga” homens e mulheres no ambiente de trabalho”. (E6 - 56 anos, casada, sem filhos)

[...] eu acho que a mulher tem que trabalhar muito mais [...] ela tem que trabalhar, eu acho que ela tem que trabalhar o dobro pra ter o mesmo reconhecimento. (E2 – 53 anos, casada, 2 filhos)

As mulheres docentes entrevistadas destacaram não apenas a questão da maternidade que duplica seu trabalho, mas mencionaram ainda a resistência da academia em reconhecer uma cientista do sexo feminino mais de uma fala, foi destacada a necessidade de uma produção maior por parte da mulher para um reconhecimento igual ao do homem, ou seja, o sexo relacionado a capacidade, como se o biológico agisse na produção intelectual.

Para ilustrar as classes de palavras elencadas pelo *ALCESTE* e ao grau de relação existente entre elas, a análise fatorial (disponibilizada pelo *ALCESTE*) foi apresentada abaixo. A divisão do *corpus* em classes ocorreu numa primeira discriminação entre a classe 1, de um lado, e as classes 2 e 3, de outro. Este outro agrupamento de classes caracterizou-se pela maior relação entre as classes 3 e 2 (Vida doméstica e Homem/Mulher na carreira profissional). Isto significa que as atribuições da construção da vida pública e privada da mulher no que concerne conciliação quanto a data de nascimento e cuidado com filhos (classe 1), tendem a estar menos associadas às outras atribuições de sentidos, que apareceram mais correlacionadas entre si, ou seja, a realização de serviços domésticos no lar (classe 2) e a diferença proveniente do sexo nas construções da vida profissional dos professores em geral (classe 3).

FIGURA 1 – Análise Fatorial de Correspondência em Coordenadas

Fonte: Programa ALCESTE.

A análise fatorial demonstrada acima apresenta a inter-relação entre as três classes a fim de contribuir com uma melhor visualização do quanto as três classes que o programa ALCESTE sugeriu estão conectadas.

Na classe 1, foram apontadas palavras como: *concurso*, *graduação*, *mestrado* e os radicais *dout* (*doutorado*, *doutorando*) e o radical *volt*, sugerindo o uso do verbo *voltar* e suas conjugações. Esta foi a maior classe apresentada.

Na classe 2, algumas expressões como: *vez* e *as*, não foram elencadas nas classes da figura 1, pois, apesar de terem sido muito repetidas, são expressões muito gerais que nada contribuíram para a análise. As palavras que mais apareceram nesta classe foram a partir dos radicais: *lav* e *fac*, sugerindo conjugações dos verbos *lavar* e *fazer*.

A classe 3, por sua vez, apresentou termos como: *mulher*, *homem* e radicais que apontaram o uso dos verbos *achar* e *dedicar* e as palavras *academia* ou *acadêmico*.

Finalmente, é possível afirmar que as análises lexicais que compõem o capítulo 6 (análise do conteúdo manual ou com o uso do programa ALCESTE) confirmam as hipóteses 2, 3 e 4.

H2 - A carreira das mulheres casadas atuantes como docentes/pesquisadoras no Centro de Ciências Exatas afeta e é afetada pela sua conformação familiar.

H3 – A carreira dos homens casados atuantes como docentes/pesquisadores do Centro de Ciências Exatas não afeta e não é afetada pela sua conformação familiar.

H4- O curso de vida familiar da professora/pesquisadora do Centro de Ciências Exatas se constitui em um fator interveniente na sua carreira profissional, considerando-se a sua produtividade e os cargos ocupados.

Esta constatação se justifica, pois nas falas das docentes pôde-se perceber o quanto que a vida doméstica e a carreira profissional estão inter-relacionadas, ou na adaptação da família ao investimento educacional da mulher seguindo até o seu trabalho, ou então, na espera da parte da mulher pelo melhor momento profissional para o casamento ou nascimento dos filhos.

Pôde-se notar ainda a necessidade de uma intensa dedicação da mulher ao trabalho acadêmico, a fim de obter o mesmo reconhecimento que um docente do sexo masculino teria com uma dedicação regular.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada nesta dissertação permitiu constatar, a partir das hipóteses aqui apresentadas, alguns pontos de extrema importância para a representação social da mulher atuante na carreira profissional acadêmica em consonância com sua vida doméstica e sua estrutura familiar.

De maneira geral, o que se observou com os resultados obtidos foi que a vida da mulher é permeada de ajustes, vivências ou a falta delas, em prol da realização dos papéis sociais tidos como socialmente femininos. A conquista da mulher à educação e à carreira, especificamente no caso das mulheres em estudo, não significou necessariamente a sua continuidade nesta área, pois a cobrança social (e, por vezes, individual) respaldada nos atributos biológicos e sociais de mulher, mãe e esposa são muito fortes.

Frente a isso, ou a mulher optaria pela dedicação exclusiva a esfera privada ou a esfera doméstica, situação que segue de encontro aos preceitos que circundam a perspectiva de gênero, pois a contribuição desta teoria é desvincular o biológico do socialmente construído, no sentido de destacar que as diferenças biológicas evidentemente existentes entre homens e mulheres não justificam os distintos papéis sociais que se espera que cada um dos sexos desempenhe. Ou, então, a mulher conciliaria as duas esferas, situação que confere a ela mais trabalho.

Ao conciliar o trabalho fora de casa com o trabalho doméstico, as mulheres passam a viver em constante luta nas duas esferas, pois, sua atuação na academia não significa que o marido atuará dentro de casa com os trabalhos domésticos na mesma proporção que ela culturalmente o faz.

No caso da presente dissertação, apenas a perspectiva das mulheres que investiram na carreira acadêmica foi investigada, uma vez que o público alvo foram as docentes atuantes no ensino superior no Centro de Ciências Exatas da Universidade Federal de Viçosa. Assim, foi considerada a conciliação de tarefas ou a abnegação ou atraso da vida doméstica e familiar em prol da carreira profissional.

O **primeiro resultado** (análise quantitativa do Currículo Lattes) advém do interesse em compreender a forma como se estabelece o vínculo entre professor e orientador na iniciação científica, mestrado e doutorado, trazendo maior entendimento quanto à forma como se estrutura a prática acadêmica, sob a perspectiva de gênero.

Foi investigada a relação orientador - professor e a relação professor – orientado, compreendendo por professor aquele que está em exercício. Em outras palavras, estudou-se a sua formação acadêmica e a formação que eles veem oferecendo aos seus alunos.

As duas relações investigadas separadamente incluíram docentes do sexo feminino e masculino. Na investigação da relação orientadores – professores, percebeu-se que há de fato uma reprodução social por sexo, pois os dados apresentaram que mais homens foram orientados por homens assim como, mais mulheres foram orientadas por mulheres.

Entretanto, o número de pessoas do sexo masculino (docentes e discentes) nesta relação era muito maior que o número de pessoas do sexo feminino (docentes e discentes), pois mesmo com uma maior entrada de mulheres nas Ciências Exatas, este número ainda não foi expressivo na UFV. Ademais, foi notado que o número de mulheres discentes no CCE diminuiu conforme cresceu o nível educacional avaliado, há mais alunas de Iniciação Científica do que de Doutorado, por exemplo.

O estudo dos dados referentes à segunda relação estudada nesta parte da pesquisa, deixa este fato ainda mais evidente. Sobre a relação professor- orientado, observou-se algumas diferenças nos níveis iniciais (Iniciação Científica) que não se manteve nos níveis seguintes (Mestrado e Doutorado). Ou seja, na Iniciação Científica contatou-se um número maior de alunas em comparação aos alunos e muitas delas recebendo orientações de docentes do sexo feminino, todavia, na análise das relações professores – orientados no mestrado e doutorado, a mesma situação apresentada na formação da carreira dos professores foi observada, isto é, um número relativamente baixo de alunas em relação aquelas que compunham a graduação (Iniciação Científica) e, a maioria delas orientadas por docentes do sexo masculino.

Deve-se levar em conta, entretanto, que o número de pessoas do sexo masculino (docentes e discentes) nesta relação era muito maior que o número de pessoas do sexo feminino (docentes e discentes), pois mesmo com uma maior entrada de mulheres nas Ciências Exatas, este número ainda não era expressivo nestas relações.

No estudo dos dados referentes a segunda relação estudada nesta parte da pesquisa, professores – orientados, percebeu-se que o número de mulheres discentes no CCE diminuiu conforme cresceu o nível educacional avaliado, há mais alunas de Iniciação Científica do que de Doutorado, por exemplo.

Para sustentar esta situação, observou-se algumas diferenças nos níveis iniciais (Iniciação Científica) que não se mantiveram nos níveis seguintes (Mestrado e

Doutorado). Uma delas foi que na Iniciação Científica contatou-se um número maior de alunas em comparação aos alunos e muitas delas recebendo orientações de docentes do sexo feminino, todavia, na análise das relações professores – orientados no mestrado e doutorado, notou-se um número relativamente baixo de alunas em relação aquelas que compunham a graduação (Iniciação Científica) e, a maioria delas orientadas por docentes do sexo masculino.

Em todos os níveis da formação como pesquisadores, observou-se que homens trabalham mais com homens e mulheres trabalham mais com mulheres, em uma escala menor, entretanto. Observou-se ainda, dentro do conceito de reprodução social de sexo, que a porcentagem de atuação das mulheres como orientadoras, mesmo de alunas do sexo feminino, ainda é menor do que a porcentagem de homens docentes de uma maneira geral.

Esta evidência, parece encontrar resposta no processo de construção social de gênero condicionado como cada um dos sexos insere-se na vida acadêmica. Este fato chama atenção para uma possível melhor condição social masculina proporcionando a eles maior aceitação, facilidade e com isso, maior frequência na vida acadêmica.

Situação que sugere que, nos dias atuais, a entrada da mulher na vida acadêmica não é um entrave a ser transgredido tão grande quanto a sua permanência.

Para confirmar esta hipótese que nasceu no decorrer da pesquisa, os procedimentos metodológicos utilizados em seguida foram fundamentais, assim como os resultados obtidos.

A situação apresentada acima que culmina em um certo comprometimento da vida profissional da mulher pode ser explicado pelo âmbito da socialização. É sabido que histórico e culturalmente, a sociedade ocidental conduz a mulher a atuação na esfera doméstica desempenhando primordialmente os papéis de mãe e esposa. Todavia, o sistema capitalista permite e estimula o avanço da mulher no mercado de trabalho e com isso, ela se sente impulsionada a construir uma carreira profissional, sendo a carreira acadêmica uma opção.

A questão é que este fato, não a libertou dos afazeres domésticos e a angústia trazida por este acúmulo de funções foi apresentada nas respostas dos questionários, preenchidos por docentes de ambos os sexos e nas entrevistas, proferidas apenas pelas docentes do sexo feminino.

O **segundo resultado** (análise qualitativa dos questionários) apresentou porcentagens referentes ao estado civil, existência de filhos e intervenção do casamento

e/ou nascimento de filhos nas produções acadêmicas dos docentes (homens e mulheres) respondentes.

Observou-se que apesar da maioria dos docentes casados e com filhos serem homens, foram as mulheres que em sua maior parte alegaram que tiveram sua produção acadêmica alterada pelo casamento e/ou nascimento de filhos. Contudo, ao ser indagado ao docente sobre esta possível alteração, a fim de não induzir sua resposta, não foi evidenciado se seria uma alteração para mais ou menos.

De qualquer forma, pode-se compreender que as mulheres em maior número quando comparadas aos homens, sentiram que a conformação de sua vida doméstica refletiu na maneira como foi construída sua carreira profissional. Foi verificado nas respostas das docentes que a construção de sua carreira profissional foi intermitente sofrendo várias interrupções em função do nascimento dos filhos, notou-se ainda que as mulheres docentes tiveram mais dificuldades na conclusão do mestrado ou doutorado devido a dedicação a amamentação, família de modo geral e mudança familiar devido ao próprio curso. Uma vez que se percebeu que os “ajustes” que por ventura se mostraram necessários foram realizados na maioria das vezes por elas.

Estes dados categorizam homens e mulheres em perfis indetentários de profissões, como uma forma de reforçar a socialização e a criação de estereótipos delegando às mulheres uma “pesada” conciliação de tarefas. É como se coubesse a ela “pagar” pela inserção profissional que foi a ela permitida, pois a sociedade, de forma alguma, não a “libertou” do estereótipo de mãe.

O **terceiro resultado** (análise do conteúdo das entrevistas e análise do discurso de uma entrevista selecionada) evidenciou as dificuldades enfrentadas pelas docentes, no que tange ao cuidado do filho, necessidade de contratação de funcionária e conciliação da construção da carreira, como também, a dificuldade em ter o seu curso de vida modificado pela dedicação ao investimento profissional. Muitas delas, afirmaram que tiveram o número de filhos alterados por conta da universidade, outras queriam ser mães e ainda não são por conta de falta de tempo, outras não vivem com seus maridos, outras tiveram que ter a família ajustada e muitas vezes dividida para poderem trabalhar.

Assim, as entrevistadas apontaram barreiras que elas vivenciaram e ainda vivenciam para poderem ser mães (ou não mães) e docentes. Foi percebido ainda, que diante da necessidade de conciliação de tarefas, elas recebiam alguma ajuda familiar (mãe, sogra) ou contratação de uma funcionária (sempre uma mulher), reforçando a questão do trabalho doméstico atrelado ao sexo feminino. A opção dividir

igualmente com o marido as funções de cuidado com a casa e com os filhos pareceu não ser ao menos cogitada. Então, percebeu-se que, apesar da crescente atuação feminina na esfera pública, o mesmo não ocorre da parte do homem na esfera privada, isto é, ao homem não tem atuado na vida doméstica de cuidados paternais e com a casa nas mesmas proporções.

Ao se referirem aos maridos, elas os relacionavam aos afazeres domésticos como ajudantes com um tom de voz de gratidão, como se elas próprias não esperassem dedicação por parte deles e não os atribuísem tal função. Mesmo reconhecendo-se sobrecarregas e repletas de diferentes funções.

Notou-se que poucos maridos acompanharam àquelas que mudaram de cidade por conta da docência, na maioria das vezes, eles ficaram onde estavam mesmo com empregos menos favorecidos. Todavia, os filhos de todas as acompanharam. Corroborando mais uma vez, com o processo de socialização, o filho é da mãe e, o homem, imbuído de um orgulho masculino, não deixaria seu emprego para acompanhar a mulher mesmo que não seja tão rentável.

Entretanto, um sentimento que parece pertencer a todas elas, é o de orgulho por ter alcançado a formação profissional e por ter dado conta de vencer tantos obstáculos. As mulheres, talvez por estarem tão imersas em uma situação secundária, sentem-se vitoriosas ao conseguirem conciliar as tarefas, a ponto de não enxergarem a inequidade nesta divisão.

As mudanças mais expressivas que se percebeu na vida destas mulheres relacionaram-se com sua resistência em permanecer em um ambiente tido como masculino e enfrentar preconceitos somados aos percalços que o papel de mãe e esposa oferece.

Com isso, a pesquisa tornou evidente que muitas barreiras sociais são a elas impostas culminando em uma relação paradoxal de necessidade e dificuldade. A necessidade do trabalho especializado de todos os membros da família, não diminui a dificuldade de desvincular o biológico do social.

Assim, esta é a luta travada nesta dissertação, isto é, oferecer a possibilidade de reflexão de que o biológico não pode responder pelos preconceitos e entraves sociais. Principalmente da parte daqueles que compõem a posição secundária dentro de uma relação dicotômica, no caso em questão, as mulheres, que “pagam” todos os dias preços muito altos por serem mulheres, o qual muitas vezes, são convertidos em frustrações.

Apesar de tais limitações, espera-se que esta pesquisa possa contribuir, no campo da Sociologia e Antropologia do trabalho sob a perspectiva de gênero. Espera-se ainda que novos trabalhos possam ser realizados iluminando esta problemática e oferecendo nova reflexão ao binômio homem-mulher frente as construções sociais a que estão sujeitos.

BIBLIOGRAFIA

- AGRELLO, D. A.; GARG, R. *Revista brasileira de ensino de física*, São Paulo, v. 31, n.1, p. 1305-1310, 2009
- ALVES, B. M. e PITANGUY, J. *O que é feminismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- ANDERSON, D.R. et al. *Estatística aplicada a administração e economia.*, 2 ° edição. São Paulo: Cengage learning, 2008.
- AMARAL JUNIOR. J. C. do. *Educação para mulheres: análise histórica dos ensinamentos de economia doméstica no Brasil*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 52, p. 275-285, set2013 – ISSN: 1676-2584
- ARENDT, H. As esferas pública e privada. In: *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981, p. 59-83.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985
- BARDWICK, J.M. *Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a liberação sexual e a procura da autorealização alteraram nossas vidas*. São Paulo: DIFEL, 1981
- BABBIE, E. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Belo Horizonte: UFMG, 2005
- BARBETTA, P.A. *Estatística aplicadas as ciências sociais*. 7 ° edição. Florianópolis: ED. da UFSC, 2008, 115p.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70/ LDA, 1977.
- BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2009.
- BAKHTIN, M./(VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7 ° edição. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12 ° edição. São Paulo: Hucitec, 2006. 203 p.
- _____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1959-61/2010. p. 307-335.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Difel, 1949.
- BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. *Elementos de Amostragem*. Edgar Blücher, São Paulo, 2005.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora, 2010.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina* 4ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRUNI, A.L. *Estatística aplicada a gestão empresarial*. São Paulo: Atlas, 2007. 382 p.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. *Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosas, mais velhas e mais instruídas*. Mulher e Trabalho, v.2, 2002

CAMARGO, B. V. ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In MOREIRA, A. S. P., *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 511-540). João Pessoa: UFPB. 2005.

DESSEN, M.A.; ASPESI, C. C.; CHAGAS, J.F. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar, in: DESSEN, M.A.; COSTA JUNIOR, A.L. *A ciência do desenvolvimento humano. Tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DIMEN, M. Poder, sexualidade e intimidade, in: *Gênero, corpo, conhecimento*, JAGGAR, A. M.. BORDO, S. R. B., tradução de FREITAS, B. L.. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

DUBAR, C. *A socialização: construções das identidades sociais e profissionais*. Portugal: Porto Editora, 1997.

DUBAR, C. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educ. Soc.* [online]. 1998, vol.19, n.62, pp.13-30. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-

DUTRA, J. S. *Administração de carreiras: uma proposta para repensar a gestão de pessoas*. Atlas. São Paulo: 1996.

FOUCAULT, M. *Os corpos dóceis. Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FRIEDAN, B. *A mística feminina*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

FRASER, N. "O que é crítico na teoria crítica? O argumento de Habermas e gênero". In: Benhabib, Seyla & Cornell, Drucilla (orgs.), *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1987.

GARCIA, M. G. Pode a ciência mudar o feminismo?. *Ciência, tecnologia e gênero na américa ibérica*. Madrid: CSIC, 2006.

GASPAR, A.M. *A representação das mulheres no discurso dos filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro: Uapê, 2009.

GUIMELLI, C. (1993). Concerning the structure of social representations. *Papers on Social Representations*, 2(2), 85-92.

GOMES, A.F. *O outro no trabalho: mulher e gestão*. Disponível 2015.

GOELLNER, S.V. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, A. B. de; PERIN, G. (Org.). *Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática*. Maringá: Editora da UEM, 2009.

GUERRA, G.; ROSSI, J. C.; PILEGGI, M.. *Ciência, substantivo feminino*. São Paulo: CLA, 2006

HABERMAS, J. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2003.

HABERMAS, J. *Teoria do agir comunicativo: Racionalidade da ação e racionalidade social*. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2012. Vol 1.

HALL, C. *A história da vida privada*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

HIRATA, H. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Bontempo, 2002

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 26, n. 1, 2010.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D.(Org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

KAUFMANN, J.C. “Rôles et identité. L'exemple de l'entrée en couple”. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, XCVII, 1994, pp. 301-328.

KUHNEN, A. *Lagoa da conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estud. av.* vol.17 no.49 São Paulo, 2003

LIMA, S. R. *Situando diferenças e gênero no trabalho docente na Universidade Federal de Sergipe*. 2011
http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307477136_ARQUIVO_Artigo.pdf

LOBO, E. S. *A Classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LOPES, M. M.; PISCITELLI, A. Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as "margens". *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 12, n. spe, 2004. Disponível em: . Acesso em: 05 Agosto de 2016. doi: 10.1590/S0104-026X2004000300013

MELO, H. P. Mulheres, Educação, Ciência e Políticas Públicas. *Diversidade: Dimensões de gênero e sexualidade*. Editora Mulheres: Florianópolis, 2010.nº 11. Campinas. Editora Unicamp, 1998 p.99-105.

MOSCOVICI, S. The coming era of social psychology. In J.P. Codol e J.P. Levens. *Cognitive Approaches to Social Behavior*. The Hague, Nijhoff, 1982.

MOSCOVICI, S. Des représentations collectives aux représentations sociales. In D. Jodelet (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989, p.62-86.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOREIRA, L.S. “Vida de equilibrista”? Modos de ser Mãe e Trabalhadora: Trajetórias de Mulheres em Diferentes Contextos Sociais. In: *Revista Interamericana de Psicologia*. Porto Alegre, 2010, Vol. 44, Num. 1 pp. 187-198

MORAES, M. L. Q. de. Usos e limites da categoria gênero, *Cadernos Pagú*, nº 11. Campinas. Editora Unicamp, 1998 p.99-105.

MUSSKOPF, A.S. Quando sexo, gênero e sexualidades encontram. *Tempo e presença digital*. Ano 3 n 8, 2008. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=161&cod_boletim=9&tipo=Artigo

NASCIMENTO-SCHULZE, C. M., & CAMARGO, B. V. Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas em Psicologia da SBP*, 2000 8(3), 287-299.

OLINTO, G. *A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2011 p.69-70.

NEVES, M.A. Anotações sobre trabalho e gênero. *Cadernos de Pesquisa* v.43 n.149 p.404-421. 2013

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Cap. 1. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1993.

POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo, Cultrix, 1993

PONTES, H. “Modas e Modos: uma leitura enviesada de o espírito das roupas”. In: MELO, Hildete. Pereira de Melo, PISCITELLI, Adriana., WEIDNER, Sonia, MALUF, Vera Lucia Pereira (organizadoras). *Olhares Feministas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO 510 p., 2006. Retirado de:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154563por.pdf> Acessado em: 02/03/2016.

PROBST, E. R. *Evolução da Mulher no mercado de trabalho*. 2007 Dissertações (Pós Graduação em Gestão Estratégica de Recursos humanos) – Instituto Catarinense de Pós Graduação, Santa Catarina, 2007. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>. Acesso em: 24 de Setembro de 2015.

RAGO, M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

ROSA, M. V. de F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

ROUSSEAU, J.J. *Émile ou de l'Éducation*. Paris, GFFlammarion, 1966, p.475.

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O. BRUSCHINI, C. (Orgs.) *Uma Questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SAFFIOTI, H.I.B. Primórdios do conceito de gênero. *Cadernos Pagú*, nº 12. Campinas. Editora Unicamp, 1999 p. 157-163.

SANTANA CRUZ, M. H. *Analisando a diversidade no trabalho docente: dimensões de gênero/classe no ensino superior*. 2012
http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0155_ed.pdf

SARAIVA, E. R. de A.; COUTINHO, M. da P. L., e MIRANDA, R. de S. O emprego do software Alceste e o desvendar do mundo lexical em pesquisa documental. In: COUTINHO, M. da P. L.; SARAIVA, E. R. de A. (orgs.). *Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2011, p. 67-92.

SARDENBERG, C.M.B. e COSTA, A.A.A. 2002. “Introdução” In: Costa, Ana Alice A.; Sardenberg, Cecília Maria B. (Orgs.). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, pp. 11-21.

SCAVONE, L. *A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais*. Unesp. Araraquara, 2001.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. UNESP, v. 5, n. 8, p. 47-59, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/30384>

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e realidade. Vol 20 n 2. 1995. p. 71-79

SHAPIRO, J; "La Antropologia y el Estado del Género" in *Centro Interdisciplinario de Estudios de la Mujer* (org.) *El Género y la Ciencia*; San José: Universidad Nacional de Costa Rica, 1989.

SCHIENBINGER, L. *O feminismo mudou a ciência?* Edusc, editora mulher: Bauru, 2001.

SILVA, E. B. Des-construindo gênero em ciência e tecnologia, *Cadernos Pagú*, nº 10. Campinas. Editora Unicamp, 1998.

SILVA, R.R.; RIBEIRO P.R.C. A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. *Revista Labrys Estudos Feministas*, n. 10, jul./dez. 2011. Disponível em:<
<http://www.tanianavarrosuain.com.br/labrys/labrys20/brazil/fabiene.htm>>Acessado em: 21 de Abril de 2016.

SOUZA, C. B. S. S. *De casa para a rua da rua para a casa: implicações e interações família e trabalho*. Salvador. Pontifícia Universidade Católica de Salvador, 2012. Dissertação de mestrado.

TOSI, L. Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna *Cadernos Pagu* (10) 1998: pp.369-397.

VELHO, L. V.; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos Pagu*, São Paulo,v. 10, p.309-344, 1998

VIGOSTKI, L.S. *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WILSHIRE, D. Os usos do mito, da imagem do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos Tempos, 1997.

YURKIEWICZ, I. Estudo mostra que o preconceito de gênero na ciência é real. Saiba aqui por que isso importa. *Scientific American. Blogue Unofficial Prognosis*. 2012.

APÊNDICES

A -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: **“Assimetria de gênero na academia: Uma análise da inter-relação entre a carreira profissional e a vida doméstica de docentes e pesquisadores dos cursos da área de Ciências Exatas na Universidade Federal de Viçosa – MG”**

Objetivo: Nesta pesquisa pretendemos: - analisar a maneira como as mulheres distribuem o seu tempo entre as atividades dedicadas à carreira e à vida privada; - discutir a relação entre o estado civil das professoras e pesquisadoras do Centro de Ciências Exatas e o perfil produtivo das mesmas e - apreender a relação entre o curso de vida da família das professoras e pesquisadoras do Centro de Ciências Exatas e o perfil produtivo das mesmas.

Justificativa: O motivo que nos leva a estudar esta inter-relação é uma possível reprodução da ideia socialmente construída de que as mulheres estariam mais destinadas ao trabalho doméstico e os homens mais participativos na construção de suas carreiras, entretanto, ao observarmos que as mulheres atualmente também se interessam em construir uma carreira acadêmica, busca-se com esta pesquisa, compreender se isso faz com que elas tenham que ajustar a sua vida familiar ou acadêmica a fim de conciliá-las, ajustes estes que aos homens não é demandado. A escolha do público alvo, professores do CCE deve-se a presença de mulheres neste Centro frente à compreensão do senso comum de que mulheres estão mais aptas às ciências humanas e os homens às ciências exatas.

Metodologia: Esta pesquisa pode ser categorizada em duas partes. Primeiramente, como comparativa, neste momento, através de uma análise do currículo lattes dos professores do Centro de Ciências Exatas da Universidade Federal de Viçosa, pretende-se verificar os números de publicações, projetos e produções em geral de professores e professoras deste Centro, a fim de levantar dados de uma possível discrepância por gênero. Posteriormente uma *survey* será aplicada por e-mail aos professores (margem de erro de 10%) a fim de obter informações a respeito de sua vida privada, ou seja, estado civil, número e filhos, ano de nascimento dos filhos. O objetivo é relacionar informações como estas com a construção de sua vida acadêmica. O segundo momento da pesquisa caracteriza-se como descritiva-explicativa e conta com uma análise qualitativa, caracterizada por uma entrevista aberta com por volta de 20 professoras (apenas mulheres) com a intenção de investigar a inter-relação da construção de sua carreira e vida doméstica.

Risco: Esta pesquisa não apresenta nenhum risco físico, entretanto, a entrevistada pode se sentir constrangida por alguma questão, uma vez, que algumas perguntas sobre sua vida privada serão feitas. Se isso ocorrer, o entrevistado está totalmente livre para não responder esta questão ou interromper sua participação na pesquisa. O mesmo ocorreria, caso a entrevistada se sinta social, cultural ou espiritualmente atingida. Uma outra alternativa para amenizar constrangimento seria deixá-la à vontade para escolher não responder, caso prefira, antes de qualquer pergunta feita. Caso seja necessário ainda, o entrevistado poderá contar com ajuda de bibliografia especializada da área a fim de compreender outros estudos que estão sendo desenvolvidos sob a mesma temática, de cunho sociológico e psicológico.

Benefício: A pesquisa contribuirá para uma possível reflexão acerca da reprodução do processo de socialização no qual estamos inseridos que coloca a mulher em uma situação na qual ela acaba tendo que optar pela dedicação ao trabalho ou ao lar. A proposta desta pesquisa é contribuir para que a mulher seja socialmente vista em uma posição mais semelhante à do homem e livre de preconceito quando ela, por ventura, escolher não ter filho ou dedicar-se integralmente ao trabalho e não ao papel de cuidadora do lar e da família como é esperado pela sociedade.

O que se espera do entrevistado: Contribuição com as respostas pretendidas em um tempo previsto de **20 a 30 minutos**. O uso de gravador seria solicitado ao participante, entretanto, este estaria totalmente livre para recusar a gravação de sua entrevista.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Departamento de Economia Doméstica da UFV em posse da presente pesquisadora e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, contato
(_____) fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “Assimetria de gênero na academia: Uma análise da inter-relação entre a carreira profissional e a vida doméstica de docentes e pesquisadores dos cursos da área de Ciências Exatas na Universidade Federal de Viçosa – MG” de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Viçosa, ____ de _____ de 2016

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

**B- SURVEY A SER APLICADA AOS HOMENS E MULHERES
DOCENTES/PESQUISADORES DO CENTRO DE CIÊNCIAS
EXATAS DA UFV**

NUMERO DA ENTREVISTA: _____

NOME DA ENTREVISTADO _____

DEPARTAMENTO: _____

DATA: ____/____/____

CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

1. Sexo

() feminino () masculino

2. Estado civil?

() solteiro(a) () casado(a) () divorciado(a) () união consensual () viúvo(a)

3. Qual é o estado brasileiro onde viveu mais tempo (o qual se identifica)?

4. Qual é sua formação profissional? Ano de conclusão.

_____ Ano: _____

5. Possui mestrado? () sim () não. Ano de conclusão: _____

6. Possui doutorado? () sim () não. Ano de conclusão: _____

7. Caso seja casado, em que momento da sua vida (profissional) você se casou?

() antes da graduação () graduação () mestrado () doutorado () docência

Qual ano? _____

8. Nível de escolaridade do cônjuge?

() não possui graduação () graduação () pós-graduação

9. Profissão do cônjuge?

10. Tem filhos?

() sim () não

11. Sobre cada um dos filhos, informe:

No de correspondência dos filhos por ordem de nascimento (do mais velho ao mais novo)	Sexo (F/M)	Idade (n°)	Em que momento da sua vida profissional cada filho nasceu?						Considera que seu nascimento foi planejado? (SIM/NÃO)
			antes da graduação	Graduação	mestrado	doutorado	pós doutorado	docência	
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									

12. Qual o grau de escolaridade de sua mãe?

() sem escolaridade
() ensino fundamental incompleto

() ensino fundamental completo
() ensino médio incompleto
() ensino médio completo

() superior incompleto
() superior completo
() pós graduação

13. Qual o grau de escolaridade de seu pai?

() sem escolaridade
() ensino fundamental incompleto

() ensino fundamental completo
() ensino médio incompleto
() ensino médio completo

() superior incompleto
() superior completo
() pós graduação

CARACTERIZAÇÃO PROFISSIONAL

14. Em que ano começou a trabalhar como docente na UFV?

15. Ocupa algum cargo no departamento ou já ocupou? Qual? Em que período?

Cargo				
Período de atuação (ano)	Coordenador de curso de graduação	Coordenador do programa de pós graduação	Chefe de departamento	Outros:

	De: Até:	De: Até:	De: Até:	De: Até:
	De: Até:	De: Até:	De: Até:	De: Até:
	De: Até:	De: Até:	De: Até:	De: Até:
	De: Até:	De: Até:	De: Até:	De: Até:
	De: Até:	De: Até:	De: Até:	De: Até:

16. Atua apenas na graduação ou na pós-graduação também?

() apenas graduação () graduação e pós graduação

17. Considera que são trabalhos diferentes?

() sim () não

Por que?

18. Tem preferência? Qual?

() graduação () pós graduação

19. Na sua opinião, há diferença entre orientar alunos do sexo masculino ou feminino?

() sim () não

20. Tem preferência?

() sim () não

21. Se sim, qual?

() prefere orientar homens () prefere orientar mulheres

Por que?

22. Além dos orientandos de mestrado e doutorado, no momento você possui outros projetos de iniciação científica ou extensão?

() sim () não

23. Você considera que publica mais artigos com alunos ou alunas?

() alunas () alunos

24. Você acha que a jornada de trabalho de 40 horas semanais é suficiente para uma boa produção científica ou é necessária dedicação extra ao trabalho, como finais de semana, noites, férias e feriados?

() 40 horas é suficiente () é necessária dedicação extra

25. Você considera que tem tempo de lazer?

() sim () não

**26. O que você costuma fazer em seu tempo livre?
(hobby)**

() cinema/filmes

() leitura

() passeia com animais

() clube

() jardinagem

() musica/instrumentos

() ficar com a família

() culinária

musicais

() visitar família e
parentes

() academia

() outros:

() futebol/ esportes

27. A maioria de seus amigos são seus colegas de trabalho?

() sim () não

RELAÇÃO VIDA PESSOAL/PROFISSIONAL

Responda apenas se for casado(a)

28. Depois que você se casou, houve alteração do número de publicações, projetos, orientações e viagens a trabalho?

(☐) sim (☐) não

29. Caso tenha influenciado, aumentou ou diminuiu?

(☐) aumentou (☐) diminuiu

Responda apenas se tiver filho(s)

30. Depois que você teve filhos, houve alteração do número de publicações, projetos, orientações e viagens a trabalho?

(☐) sim (☐) não

31. Caso tenha influenciado, aumentou diminuiu?

(☐) aumentou (☐) diminuiu

C- ENTREVISTA ABERTA SEMI-ESTRUTURADA A SER REALIZADA APENAS COM AS MULHERES DOCENTES/PESQUISADORAS DO CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS DA UFV

NOME DA ENTREVISTADA: _____
DEPARTAMENTO: _____
DATA: ____/____/____
HORÁRIO DO INÍCIO DA ENTREVISTA: ____:____
HORÁRIO DO FINAL DA ENTREVISTA: ____:____

Perfil da entrevistada e da sua família

1. Qual é seu estado civil? _____
2. Caso seja casada, quando se casou? _____
 Se for noiva ou comprometida, pretende se casar? _____ quando?

 (se a resposta for não, por que?) _____
3. Ano de conclusão da graduação _____
 Ano de conclusão do mestrado _____
 Ano de conclusão do doutorado _____
4. Qual é o grau de escolaridade de seu marido/noivo?

5. Qual é a profissão do seu marido/noivo?

6. Sobre cada um dos filhos, informe:

Nº de correspondência dos filhos por ordem de nascimento (do mais velho ao mais novo)	Sexo (F/M)	Idade (nº)
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		

Questões pessoais

7. Em que momento da vida profissional você e seus marido estavam quando seus filhos nasceram?

	Em que momento da sua vida profissional cada filho nasceu?					
	antes da graduação	graduação	mestrado	doutorado	pós doutorado	docência
1°						
2°						
3°						
4°						
5°						

8. Em que momento da vida acadêmica você estava quando se casou? E o seu marido?

Em que momento da sua vida profissional cada filho nasceu?					
antes da graduação	graduação	mestrado	doutorado	pós doutorado	docência

9. Como foi este início? Moravam juntos? Tiveram que fazer escolhas em relação a onde morar?

10. Suas gravidezes foram planejadas?

11. Gostaria de ter tido mais filhos? Por que?

12. Você escolheu o lugar onde moram hoje?

13. Como você se sente quanto a isso? Houve arrependimentos?

14. Este formato de família era o que almejava anteriormente?

15. A dedicação a carreira interferiu no planejamento relativo ao número de filhos?

16. Quando os filhos eram crianças, você possuía uma rede de apoio para o cuidado das crianças?

17. Quem cuida dos seus filhos atualmente?

18. Quem do casal (mesmo que tenha ajudante) realiza atividades como:

- auxiliar filhos no dever de casa
- cuidar de criança
- compras
- lavar louça
- lavar roupa
- limpar a casa
- cuidar de animais
- cozinhar

19. Você considera que tem tempo livre? O que faz em seu tempo livre?

20. Gostaria de ter mais tempo livre?

Vida profissional

21. Você se sente em falta com o trabalho docente na universidade devido a sua dedicação à família?

22. Quão importante considera o trabalho na sua vida? (em uma escala de 1 a 5)

23. Você considera que tem produzido muitos artigos e projetos tanto quanto você gostaria?

24. Esta produção diminuiu ou aumentou depois que os filhos nasceram?

() aumentou () diminuiu () se manteve inalterada

Você pode falar um pouco sobre isto?

25. Você considera que homens e mulheres docentes e pesquisadores têm o mesmo desempenho na vida acadêmica? Por que?

26. Você acha que a vida acadêmica do homem seja mais fácil do que a da mulher ou considera que seja a mesma coisa? Por que?

27. Você acha que compatibiliza bem a relação família/trabalho?

28. Você acha que ser solteira ou casada traz diferença na vida acadêmica?

29. Você acha que homem e mulher trabalham proporcionalmente?

30. Seu trabalho na universidade a isenta dos trabalhos domésticos? Por que?

31. Você acha que trabalha mais que outras amigas do mesmo sexo que possuem outras profissões?

32. Você gosta do que faz?

33. Você gostaria de mudar alguma coisa na sua vida profissional?